

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

CARLA APARECIDA DE CARVALHO

**HOMENS NA ENFERMAGEM: vivências dos primeiros graduados na Escola de
Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (década de 1970)**

BELO HORIZONTE

2021

CARLA APARECIDA DE CARVALHO

HOMENS NA ENFERMAGEM: vivências dos primeiros graduados na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (década de 1970)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais como critério para obtenção do título de mestre.

Área de Concentração: Saúde e Enfermagem

Linha de Pesquisa: Gestão e Educação na Saúde e Enfermagem

Orientadora: Prof.^a Dra. Rita de Cássia Marques

BELO HORIZONTE

2021

C331h Carvalho, Carla Aparecida de.
Homens na Enfermagem [manuscrito]: vivências dos primeiros graduados na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (década de 1970). / Carla Aparecida de Carvalho. - - Belo Horizonte: 2021.
133f.: il.
Orientador (a): Rita de Cássia Marques.
Área de concentração: Saúde e Enfermagem.
Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem.

1. História da Enfermagem. 2. Enfermeiras e Enfermeiros. 3. Escolha da Profissão. 4. Escolas de Enfermagem. 5. Masculinidade. 6. Dissertação Acadêmica. I. Marques, Rita de Cássia. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. III. Título.

NLM: WY 11



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ENFERMAGEM
COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

ATA DE NÚMERO 665 (SEISCENTOS E SESSENTA E CINCO) DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DA DISSERTAÇÃO APRESENTADA PELA CANDIDATA CARLA APARECIDA DE CARVALHO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRA EM ENFERMAGEM.

Aos 20 (vinte) dias do mês de abril de dois mil vinte e um, às 9:00 horas, realizou-se a sessão para apresentação e defesa da dissertação "*HOMENS NA ENFERMAGEM: VIVÊNCIAS DOS PRIMEIROS GRADUADOS NA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (DÉCADA DE 1970)*", da aluna *Carla Aparecida de Carvalho*, candidata ao título de "Mestra em Enfermagem", linha de pesquisa "Gestão e Educação na Saúde e Enfermagem". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes professores doutores: Rita de Cássia Marques (orientadora), Genival Fernandes de Freitas e Osir Claudiano da Silva Junior, sob a presidência da primeira. Abrindo a sessão, a Senhora Presidente da Comissão, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final:

APROVADA;

REPROVADA.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Senhora Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, eu, Andréia Nogueira Delfino, Secretária do Colegiado de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, lavrei a presente Ata, que depois de lida e aprovada será assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 20 de abril de 2021.

Profª. Drª. Rita de Cássia Marques

Orientadora (Esc.Enf/UFMG)

Prof. Dr. Genival Fernandes de Freitas

(EEUSP)

Prof. Dr. Osir Claudiano da Silva Junior

(UNIRIO)

Andréia Nogueira Delfino

Secretária do Colegiado de Pós-Graduação

Homologada em reunião do CPG

em: 03/05/2021

MODIFICAÇÃO DE DISSERTAÇÃO

Modificações exigidas na Dissertação de Mestrado da Senhora CARLA APARECIDA DE CARVALHO.

As modificações foram as seguintes:

NOMES	ASSINATURAS
Prof. Dr. Rita de Cássia Marques	_____
Prof. Dr. Genival Fernandes de Freitas	_____
Prof. Dr. Osniir Claudiano da Silva Junior	_____

Homologada em reunião do CPG

em: 03/05/2021



Documento assinado eletronicamente por Rita de Cassia Marques, Coordenador(a), em 30/04/2021, às 11:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Osniir Claudiano da Silva Junior, Usuário Externo, em 03/05/2021, às 10:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Genival Fernandes de Freitas, Usuário Externo, em 04/05/2021, às 16:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Andreia Nogueira Delfino, Assistente em Administração, em 04/05/2021, às 16:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 0701138 e o código CRC 624BAEFF.

Dedico este trabalho a todos os profissionais de saúde, que com suas entregas diárias em lutas muitas vezes inglórias no combate à pandemia da COVID-19, demonstram coragem, solidariedade, empatia e eficiência na missão de minorar o sofrimento dos doentes e de suas famílias. Minha (nossa) gratidão!!!

AGRADECIMENTOS

A vida é uma longa estrada de sonhos e para realizá-los, é preciso acreditar que é possível, aceitar que haverá percalços ao longo do caminho, mas que nenhum obstáculo poderá ser maior do que o desejo de conquistá-lo. E, aqui estou, depois de desatar todas as amarras para a concretização do meu sonho, escrevendo finalmente, o último capítulo dessa história. Confesso, que muitas vezes pensei que não seria possível, mas, a minha vida sempre é rodeada de pessoas especiais, que me amparam e me fortalecem. E nessa vitória não foi diferente. Assim...

Começo agradecendo ao PAI: Como Deus é bom, Deus é bom o tempo todo! Obrigada por me sustentar e permitir chegar até aqui, nada eu seria sem seu amor e cuidado.

Ao Fê, meu presente de Deus, que com maturidade suportou minha ausência como mãe por todo esse período. Você ainda é uma criança, mas se comportou como um gigante! “Minha mãe, quais foram os seus três ganhos do dia?” E com essa pergunta, feita todas as noites, você me faz refletir acerca das minhas conquistas diárias. Você é o que eu tenho de melhor. Obrigada por ser luz na minha vida e de todos os que te rodeiam. Te amo, meu filho!

À minha família que sempre esteve ao meu lado, mesmo sem compreender ao certo o que o mestrado significava para mim. Pai, obrigada por me ensinar que a alegria está nas pequenas coisas. Mãe, por me apoiar em todas as minhas decisões e por cuidar do meu filho como se fosse seu. Alinne, quanto orgulho tenho da mulher forte e guerreira que você se tornou, obrigada por nos presentear com a chegada da Carolina, ela é a nossa alegria diária. Francis e Alexandre, vocês moram no meu coração, contem sempre comigo. Luiz e Tati, obrigada por agregar mais energia e amor à nossa família. Vocês são a minha maior riqueza, nada teria sentido sem vocês ao meu lado!

Aos meus avós que partiram durante esse meu percurso acadêmico, sei que aí de cima, vocês cuidam de mim e torcem pelo meu sucesso. Saudades eternas!

Ao Luiz, por cuidar do nosso filho nos momentos em que não me fiz presente. Irei sempre repetir: não poderia ter escolhido um pai melhor para o Fê.

À tia Francisca, por me ajudar com as pesquisas documentais. Mesmo distante soube me ouvir e me acolher. Obrigada pelo carinho de sempre.

Às minhas amigas de jornada Dri, Gabi, Fernandinha, Lízia, Cel, Karine, Ana Cristina, Suelen e Andréa, obrigada pelo apoio, atenção e palavras de carinho.

À Larissa, minha amiga, que segurou a minha mão e caminhou lado a lado comigo. Você compreende quando eu digo: essa dissertação é tão minha quanto sua. Obrigada por ser meu par de jornada, por me apresentar a pesquisa e a me ensinar ser um ser humano melhor. Sou grata a Deus por tê-la colocado na minha vida, você é um presente lindo que ELE me concedeu.

À equipe do hospital Unimed de Sete Lagoas, obrigada pela compreensão e atenção para com os meus pedidos de férias, folgas e alterações de jornada de trabalho. Deixo meu carinho especial às minhas amigas Cinthia, Dilma e Janaína pelo apoio e escuta. É muito bom saber que vocês se orgulham de mim.

Aos funcionários da FCV por me estimularem a continuar! E aos meus queridos alunos que compartilho e troco saberes todos os dias, vocês são parte importante dessa conquista!

Aos professores de Pós-Graduação em Enfermagem da UFMG, pelos conhecimentos compartilhados e aos funcionários pela atenção e solicitude.

Ao CEMENF e à Seção de Ensino da EEUFMG por me permitir acessar os documentos dos egressos formados na década de 1970 contribuindo de forma ímpar para os achados desta pesquisa.

Ao Carlos Bernardo, Janus José, José Aquino, Joaquim José, Maurício Roberto, Pio Alves, Nívio Gonçalves, Sílvio Grenfell, José Ramos e Júlio César dos Santos, minha gratidão por compartilharem suas histórias, enquanto os primeiros homens graduados na EEUFMG. Escutar vocês, proporcionou-me um dos momentos mais marcantes da minha trajetória profissional: resgatar a história da profissão que escolhi e refletir acerca dos novos caminhos que devo construir enquanto pessoa e enfermeira. Um presente, que guardarei eternamente, no coração e na memória.

Agradeço à banca examinadora, Prof. Dr. Genival Fernandes de Freitas e Prof. Dr. Osnir Claudiano da Silva Junior, por compartilharem o conhecimento e contribuir para minha formação acadêmica.

E por fim, um agradecimento especial repleto de admiração e carinho pela minha orientadora, Rita de Cássia Marques. Obrigada por me apresentar a História, por me guiar e compreender minhas dificuldades diante da minha exaustiva jornada de trabalho diária. Você me mostrou que é possível sim, escrever uma dissertação de forma leve e feliz.

“O tempo me ensinou:
Ensinou a amar a vida,
Não desistir de lutar,
Renascer na derrota,
Renunciar às palavras e pensamentos negativos,
Acreditar nos valores humanos,
E a ser OTIMISTA.
Aprendi que mais vale tentar do que recuar...
Antes acreditar do que duvidar,
Que o mais vale na vida,
Não é o ponto de partida e sim a nossa caminhada.
Caminhando e semeando, no fim terás o que colher”.

Cora Coralina

RESUMO

CARVALHO, Carla Aparecida de. **Homens na enfermagem**: vivências dos primeiros graduados na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (década de 1970). 133 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais – MG, 2021.

Contextualização do tema: Os homens na enfermagem são conhecidos especialmente pelo trabalho como cuidadores nos serviços militares e ordens religiosas, assistindo aos doentes e feridos durante as Cruzadas e, posteriormente, nas guerras civis. Todavia, na idade contemporânea, o modelo de ensino conhecido como Nightingaleano privilegiou as mulheres e não permitiu a inserção dos homens nas escolas de enfermagem. No entanto, com a escassez de profissionais após a Segunda Guerra Mundial, os homens começaram a ser admitidos nos cursos regulares. Eles receberam pouco incentivo das escolas de enfermagem, sendo importante descortinar as vivências deste grupo durante a graduação em enfermagem. **Justificativa:** Poucos são os estudos que retratam a história dos homens na enfermagem e no contexto da enfermagem mineira, nos quase 90 anos de existência da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (EEUFMG) nenhum trabalho aborda as vivências dos homens como alunos nessa escola. **Questão norteadora:** Como os primeiros homens inseridos na EEUFMG vivenciaram a graduação na década de 1970? **Objetivo geral:** Analisar como os primeiros homens vivenciaram a graduação na EEUFMG na década de 1970. **Objetivos específicos:** compreender como ocorreu a escolha profissional dos homens pela graduação em enfermagem; compreender como era ser homem em uma escola de enfermagem com predominância feminina. **Percurso metodológico:** Trata-se de um estudo sócio-histórico, de abordagem qualitativa, cujo referencial metodológico foi centrado na História Oral temática, desenvolvido por meio da análise de documentos históricos e entrevistas com roteiro semiestruturado, realizada com 10 homens que se formaram na EEUFMG na década de 1970. As entrevistas foram submetidas à Análise de Conteúdo Temática, enriquecidas com a pesquisa documental. Foi utilizado o software MAXQDA® para a organização dos dados, codificação e apoio para análise. Os preceitos éticos da Resolução nº 466/2012 foram respeitados. Foram construídas três categorias de análise, a saber: “Carreira de enfermeiros para homens: uma escolha profissional analisada?”; “O lado ruim da escolha: barreiras enfrentadas pelos homens durante a graduação em enfermagem”, “O lado bom da escolha: as benéncias de ser homem no curso de graduação em enfermagem”. **Resultados e discussão:** A primeira categoria identificou que a enfermagem não foi a primeira opção de carreira da maioria do grupo. No entanto, as oportunidades oriundas dessa profissão levaram os entrevistados a escolhê-la. A segunda categoria revelou as dificuldades experienciadas pelos homens durante seu percurso acadêmico, apontando o cuidado com o sexo oposto como um dos obstáculos. Por fim, a terceira categoria apresentou os benefícios pela escolha de carreira, evidenciando que os homens são privilegiados por serem a minoria na ocupação. **Considerações finais:** este estudo proporcionou resgatar a história da enfermagem, cooperando para descortinar as vivências masculinas durante a graduação em enfermagem na EEUFMG na década de 1970. Sendo identificado que a escolha pelo curso proporcionou experienciar os dois lados: o bom e o ruim. Recomenda-se que o estudo seja ampliado para décadas seguintes, abordando os

avanços ocorridos nos programas de enfermagem com a inserção dos homens no curso.

Descritores: História da Enfermagem. Enfermeiras e Enfermeiros. Escolha da Profissão. Escolas de Enfermagem. Masculinidade.

ABSTRACT

CARVALHO, Carla Aparecida de. **Men in nursing:** experiences of the first graduates at the School of Nursing of the Federal University of Minas Gerais (1970s). 133 f. Dissertation (Master in Nursing) – School of Nursing, Universidade Federal de Minas Gerais – MG, 2021.

Contextualization of the theme: Men in nursing are known especially for their work as caregivers in military services and religious orders, assisting the sick and wounded during the Crusades and, later on, in civil wars. However, in the contemporary age, the teaching model known as Nightingalean privileged women and did not allow men to enter nursing schools. However, with the shortage of professionals after World War II, men began to be admitted to regular courses. They received little encouragement from nursing schools, and it is important to unveil the experiences of this group during their undergraduate studies in nursing. **Justification:** There are few studies that portray the history of men in nursing and in the context of Minas Gerais nursing, in the almost 90 years of existence of the Nursing School of the Federal University of Minas Gerais (EEUFMG) no work addresses the experiences of men as students at that school. **Guiding question:** How did the first men inserted in the EEUFMG experience graduation in the 1970s? **General objective:** To analyze how the first men experienced graduation at EEUFMG in the 1970s. **Specifics objectives:** To understand how the professional choice of men took place in undergraduate nursing; understand what it was like to be a man in a nursing school with a female predominance. **Methodological path:** This is a socio-historical study, with a qualitative approach, whose methodological framework was centered on thematic Oral History, developed through the analysis of historical documents and interviews with a semi-structured script, carried out with 10 men who graduated from the EEUFMG in the 1970s. The interviews were submitted to Thematic Content Analysis, enriched with documentary research. MAXQDA® software was used for data organization, coding and support for analysis. The ethical precepts of Resolution n. 466/2012 were respected. Three categories of analysis were constructed, namely: "Nursing carrer for men: a thought through professional choice?"; "The bad side of the choice: barriers faced by men during the undergraduate nursing course", "The good side of the choice: the benefits of being a man in the undergraduate nursing course". **Results and discussion:** The first category identified that nursing was not the first career option for the majority of the group. However, the opportunities arising from this profession led respondents to choose it. The second category revealed the difficulties experienced by men during their academic career, pointing out the care for the opposite sex as one of the obstacles. Finally, the third category presented the benefits of choosing a career, showing that men are privileged because they are the minority in the occupation. **Final considerations:** this study allowed to rescue the history of nursing, cooperating to unveil the male experiences during the undergraduate nursing course at the EEUFMG in the 1970s. It was identified that the choice of the course allowed to experience both sides: good and bad. It is recommended that the study be extended to the following decades, addressing the advances that have occurred in nursing programs with the inclusion of men in the course.

Descriptors: History of Nursing. Nurses. Choice of Profession. Nursing Schools. Masculinity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Evolução Predial do Campus da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.....	38
Figura 2: Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMENF-UFMG), Belo Horizonte, 2021.....	38
Quadro 1: Egressos da EEUFMG na década de 1970, conforme ano de graduação. Belo Horizonte, 2021.....	40
Figura 3: Categorias do estudo.....	43
Quadro 2: Constituição dos participantes do estudo. Belo Horizonte, 2021.....	45
Figura 4: Disciplinas do Ciclo Básico do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFMG- Década de 1970.....	63
Figura 5: Disciplinas do Ciclo Profissional do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFMG- Década de 1970.....	64

LISTA DE ABREVIATURAS

ABEn	Associação Brasileira de Enfermagem
CEMENF	Centro de Memória da Escola de Enfermagem
CNF	Cadastro Nacional de Falecidos
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
COREN	Conselho Regional de Enfermagem
CVB	Cruz Vermelha Brasileira
DNSP	Departamento Nacional de Saúde Pública
EEAN	Escola de Enfermagem Anna Nery
EEAP	Escola de Enfermagem Alfredo Pinto
EECC	Escola de Enfermagem Carlos Chagas
EEUFMG	Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais
EEUSP	Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo
EPEE	Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
HC- UFMG	Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais
HO	História Oral
IMFNP	Inventário de Programas de Simpatia Masculina em Enfermagem
NUPEQS	Núcleo de Pesquisas e Estudos do Quotidiano e Saúde
PUC- MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFAL	Universidade Federal do Alagoas
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNIRIO	Universidade do Rio de Janeiro

APRESENTAÇÃO

A minha vida inteira estive ligada à prática do cuidado. Ainda pequena, com apenas nove anos, já cuidava dos meus três irmãos mais novos enquanto minha mãe trabalhava. Já no início da minha juventude, meu pai sofreu um acidente, precisou ficar hospitalizado e eu revezava o cuidado prestado a ele com minha mãe. Foi neste período, há 20 anos atrás, que fiz minha escolha profissional, observando a enfermagem assistir com eficiência, competência e humanização o meu pai. Me chamava atenção a presença constante das mulheres na assistência, homens só os médicos.

Já na graduação, em uma classe de 30 alunos, seis eram homens. A convivência era harmônica e agradável. Nos campos práticos a presença masculina também era pequena. Em um estágio extracurricular realizado em uma Unidade de Pronto Atendimento e, posteriormente, na instituição que me proporcionou o primeiro emprego, me chamou atenção pela totalidade das mulheres na supervisão de enfermagem. Poucos eram os homens, sendo estes mais velhos e atuando como auxiliares ou técnicos de enfermagem.

Ao retornar para Sete Lagoas após um tempo trabalhando em Belo Horizonte, fui atuar em dois campos distintos: na docência de nível técnico e no serviço hospitalar e novamente vi a preponderância das mulheres na área. Assim, em uma mudança ocorrida na gestão do serviço no hospital que atuo, presenciei a inserção do primeiro enfermeiro e me chamou atenção a forma objetiva de condução do seu trabalho e, ainda, o tratamento diferenciado que recebia da equipe médica, com mais respeito do que pelas enfermeiras.

Ao ingressar na docência de nível superior há seis anos, comecei a perceber uma participação mais efetiva dos homens na graduação, tanto no corpo docente quanto discente e as questões acerca das experiências vivenciadas por este grupo na profissão me instigou. Assim, ao iniciar as disciplinas isoladas no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFMG, percebi o homem na enfermagem como um objeto a ser pesquisado.

Durante a seleção para o mestrado, tive a honra de ter a professora Rita de Cássia Marques na banca, ela que já tinha o interesse em estudar o tema e eu com as indagações sobre o homem na enfermagem resultou em uma parceria: orientador e orientando. O fato da Prof.^a Rita ser historiadora contribuiu de forma ímpar pelo

recorte dos homens graduados na EEUFMG na década de 1970, já que estes são os primeiros homens a se formarem na escola. O sentimento de gratidão me define pela realização desta pesquisa, resgatar a história da enfermagem me proporcionou um novo olhar para a prática, principalmente no que se refere ao sexo masculino na profissão.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE ESTUDO	23
2.1	História da enfermagem: resgatando o passado para produzir novos significados, no tempo presente e no futuro da profissão	23
2.2	Da exclusão a inclusão dos homens: o percurso da profissionalização da enfermagem no Brasil	27
2.3	A inserção do homem no curso de graduação em enfermagem: vozes masculinas em uma profissão legitimada como feminina	33
3	PERCURSO METODOLÓGICO	36
3.1	Delineamento do estudo	36
3.2	Cenário do estudo	37
3.3	Participantes do estudo	39
3.4	Coleta de dados	40
3.5	Análise dos dados	41
3.6	Aspectos éticos	43
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	45
4.1	Participantes do estudo	45
4.2	Carreira de enfermeiros para homens: uma escolha profissional analisada?.....	48
4.3	O lado ruim da escolha: barreiras enfrentadas pelos homens durante a graduação em enfermagem.....	61
4.4	O lado bom da escolha: as benéncias de ser homem no curso de graduação em enfermagem.....	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
	REFERÊNCIAS.....	92
	APÊNDICE A - Relação de homens diplomados na EEUFMG na década de 70	112
	APÊNDICE B- Ficha documental.....	113
	APÊNDICE C- Instrumento de coleta de dados	114
	APÊNDICE D - Parecer consubstanciado do CEP	115
	APÊNDICE E- Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)	118
	APÊNDICE F – Cessão de direitos sobre depoimento oral	120

ANEXO A – Folha de admissão.....	121
---	------------

1 INTRODUÇÃO

A enfermagem é um campo de trabalho que mantém a característica da dominação feminina em todo o mundo. Qualquer discussão sobre a sua ocupação permanece incompleta sem uma menção aos esforços de Florence Nightingale, cuja ideia era transformá-la em uma profissão feminina respeitável (ASIF, 2019; CHINKHATA; LANGLEY, 2018; MCENROE, 2020). Quando as qualidades dispostas à mulher se encontram com os atributos de uma enfermeira, no qual as características estão sustentadas no cuidado e gentileza, as portas para entrar na profissão se fecham para os homens (AJITH, 2020).

Desse modo, homens são vistos como figuras secundárias na profissão, ainda que a temática em relação ao sexo masculino na enfermagem seja analisada na literatura mundial, o foco está na experiência de ser a minoria de gênero no ambiente de trabalho (CHRISTENSEN; WELCH; BARR, 2018; SANTOS, 2020; SANTOS *et al.*, 2017). Pouca ênfase é dada acerca da história destes personagens na profissão, embora seu envolvimento seja visto desde os primórdios, quando já atuavam como cuidadores, por meio dos serviços militares e ordens religiosas, assistindo os doentes e alanceados durante as Cruzadas e guerras civis (ASIF, 2019; ZHANG; TU, 2020).

Apesar da enfermagem não ser um campo incomum aos homens, a profissionalização ocorrida no século XX, sustentada pelos padrões de ensino fundamentado na técnica e cientificidade defendidas por Florence Nightingale, contribuiu para o afastamento deste grupo da carreira. O modelo conhecido como Nightingaleano fixava nas escolas de enfermagem o regime de internato, no qual abrigava as estudantes, porém não permitia a presença dos homens (ARIF; KHOKHAR, 2017; GUTIERRE; SERRES; RIBEIRO, 2016; SOUZA; TRIGUEIRA *et al.*, 2019).

Todavia, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ocorreu uma carência de profissionais de enfermagem devido ao crescimento do número de hospitais. Este avanço contribuiu para a aceitação formal da educação, treinamento e registro de profissionais do sexo masculino na carreira. Ainda assim, os enfermeiros enfrentaram dificuldades para inserir-se na área, visto que ainda permanecia a ideia da enfermagem como ocupação feminina e que a introdução do sexo oposto no campo violava os princípios da profissão. Conseqüentemente, isso afetou o recrutamento e a retenção dos homens neste ramo em todo o mundo (CHINKHATA; LANGLEY, 2018).

Um estudo internacional conduzido por Purnell (2007) sobre os homens na profissão, demonstrou que estes representam menos de 10% da força de trabalho de enfermagem na China, Dinamarca, Finlândia, Hungria, Austrália, México e Nova Zelândia. Poucos também são os enfermeiros no Paquistão e nos países árabes do Oriente Médio, por volta de 5% (JAFREE; ZAKAR; ZAKAR, 2015). Os homens da Itália, Espanha e Portugal equivalem a cerca de 20% do quadro da enfermagem. Já, nos Estados Unidos, segundo relatório da *Kaiser Family Foundation*, em março de 2020, apenas 9,5% dos profissionais de enfermagem eram do sexo masculino (KAISER FAMILY FOUNDATION, 2020).

No Brasil, pesquisa realizada em 2013 pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) com a colaboração da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), divulgou uma análise da situação atual da profissão no país, na qual demonstrou que mesmo com a expansão do número de homens na Enfermagem nas últimas décadas, a força de trabalho ainda é hegemonicamente feminina. As mulheres correspondem a 85,1% de profissionais, pertencendo aos homens 14,4% da ocupação (MACHADO, 2017). De certo modo, os resultados deste estudo, demonstram que há um desequilíbrio entre os dois gêneros na profissão, que pode provocar preconceitos sociais e discriminação no local de trabalho (SCOTT, 1995).

Homens são desencorajados a entrar na enfermagem por uma série de razões, tais como: predominância feminina, pequeno *status* que o ofício ocupa na sociedade, baixos salários e falta de estímulo de pessoas que atuam na área acerca do trabalho exercido pelo enfermeiro. Os estereótipos sexuais também aparecem como outro motivo pela escassez destes indivíduos na profissão, uma vez que há uma associação com a homossexualidade e, ainda, a citação preconceituosa de que homens são pouco preparados para o cuidado, caracterizado como uma virtude da mulher (MARTÍ, 2015; SANTOS *et al.*, 2017).

Outro achado significativo da literatura refere-se à falta de incentivo que os homens enfrentam nas escolas de enfermagem durante o processo de socialização da aprendizagem para se tornarem enfermeiros. Estudos internacionais descortinam sobre a necessidade de pesquisas que tragam as experiências dos homens nas escolas de enfermagem, para que se tenha uma compreensão mais detalhada deste período essencial na formação profissional dos indivíduos (ARIF; KHOKHAR, 2017; CHINKHATA; LANGLEY, 2018; CHRISTENSEN; WELCH; BARR, 2018; HODGES *et al.*, 2017; MAHADEEN *et al.*, 2017).

No contexto da enfermagem brasileira, a história dos homens na profissão é trazida por diversos autores (CAMPOS, 2012; COSTA; FREITAS, HAGOPIAN, 2017; MACHADO, 2004; PELÁ; IMPERATRIZ, 1972; SANTOS *et al.*; 2016, SANTOS *et al.*, 2020), porém, poucos são os trabalhos publicados sobre as vivências dos homens inseridos nos cursos de graduação em enfermagem no país.

No cenário da enfermagem mineira, a Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Geras (EEUFMG) é um marco para a formação profissional de enfermagem no estado. A escola manteve o padrão de ensino Nightingaleano até a Reforma Universitária de 1968, quando esta possibilitou a inserção de homens e mulheres nas universidades, independentemente do curso (SANTOS; CARREGAL *et al.*, 2018).

A investigação de Santos e Marques (2015) apontou que não muito são os trabalhos que dedicam ao estudo da enfermagem no estado de Minas Gerais e que há necessidade de mais pesquisas no arquivo do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMENF-UFMG). Por sua vez, Santos e Carregal *et al.* (2018) indicaram a baixa produção acerca da história da enfermagem da EEUFMG, sendo importante novos estudos sobre o tema. Neste contexto, também se percebe que não existe nenhum trabalho com abordagem referente ao sexo masculino na enfermagem nos quase 90 anos de existência da EEUFMG.

Assim, o marco deste estudo refere-se à década de 1970, visto que este período foi sobretudo elementar para a enfermagem brasileira, pois com a Reforma Universitária de 1968, decorreram importantes mudanças relacionadas à expansão do ensino superior no país. A Escola de Enfermagem que estava anexada à Faculdade de Medicina desde 1950, tornou-se independente e sofreu vários avanços: qualificação do corpo docente; incentivos para instauração da pós-graduação *stricto sensu* no país; introdução ao grupo nacional de pesquisadores; estabelecimento de um novo currículo e; abertura de novas escolas. Tudo isso propiciou preencher o baixo número de enfermeiros no cenário nacional e, assim, atender às demandas do mercado de trabalho, que vinha crescendo em todo Brasil (CARLOS *et al.*, 2018; NEVES; MARTINS, 2016; TEODÓSIO; PADILHA, 2018).

Diante do cenário por ora construído, esta dissertação constitui uma proposta de investigação que visa preencher a lacuna sobre as vivências dos homens graduados na EEUFMG na década de 1970. Assim, questiona-se: Como os primeiros

homens inseridos na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais vivenciaram a graduação na década de 1970?

A partir deste questionamento, esta dissertação tem como objetivo geral analisar como os primeiros homens vivenciaram a graduação na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais na década de 1970. Frente ao objetivo traçado foram elaborados os seguintes objetivos específicos:

- i) compreender como ocorreu a escolha profissional dos homens pela graduação em enfermagem;
- ii) compreender como era ser homem em uma escola de enfermagem com predominância feminina.

Parte-se do pressuposto que as vivências dos homens inseridos no curso de graduação em enfermagem da EEUFMG foram permeadas por dificuldades por serem minoria em um curso hegemonicamente feminino, vivenciando a discriminação dentro e fora da escola. Por outro lado, a ascensão da profissão que ocorreu a partir da década de 1970 possibilitou a esse grupo observar as vantagens na carreira, vislumbrando um campo fértil para se inserir no mercado de trabalho, com a oportunidade de atuação profissional em diferentes áreas, como a atenção terciária, a saúde pública e a docência.

Neste sentido, os resultados deste trabalho irão contribuir para a literatura no que se refere ao resgate histórico da enfermagem, não só no contexto mineiro, mas também na situação nacional, já que poucos são os estudos que se apropriam do tema (SANTOS; CARREGAL *et al.*, 2018; SOUZA; ALBUQUERQUE *et al.*; 2019). Ademais, estudos internacionais apontam a importância de estudar as experiências dos estudantes homens nas Escolas de Enfermagem para melhorar a visibilidade da ocupação e ainda criar mecanismos mais transparentes para incluí-los no ofício. Pode ainda cooperar para descortinar a história desses homens na profissão que merece ser melhor investigada (ARIF; KHOKHAR, 2017; CHINKHATA; LANGLEY, 2018; CHRISTENSEN; WELCH; BARR, 2018).

Além disso, é capaz de contribuir para a prática, uma vez que possibilita a ocupação de diversos espaços de trabalho, de forma a atender às necessidades da população que se encontra em constante mudança. A profissão precisa desenvolver formas de estimular mais homens a considerarem a enfermagem como carreira, enfatizando as possibilidades de mercado de trabalho.

Por fim, considerando o impacto da pesquisa científica para a sociedade de maneira geral, este trabalho pode desvelar aos órgãos de saúde, ao conselho profissional e às instituições de ensino, a necessidade de assumir a responsabilidade de alterar a imagem da enfermagem para uma profissão onde ambos os sexos sejam bem-vindos e valorizados.

2 CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE ESTUDO

2.1 História da enfermagem: resgatando o passado para produzir novos significados, no tempo presente e no futuro da profissão

A história da enfermagem vem sendo construída por muitos pesquisadores em todo o mundo. Assim, evidenciar seu valor é contribuir com o desenvolvimento da ciência, tornando os estudos necessários para à produção do conhecimento (QUEIRÓS *et al.*, 2017). Ainda que tenha ocorrido avanços nas pesquisas históricas no contexto da profissão, pouca é a literatura acerca da evolução histórica da enfermagem desde os primórdios, sendo assim, pesquisas que retratam este fenômeno merecem ser discutidas (ASIF, 2019; OGUISSO; CAMPOS; MOREIRA, 2011).

Nesta perspectiva, Oguisso, Campos e Moreira (2011) relatam que a prática do cuidado dedicado a um indivíduo é a forma mais antiga de atenção ao ser humano e existe desde que surgiu a vida, sendo uma peculiaridade da própria condição humana. Dessa forma, antes da enfermagem se legitimar como profissão, era exercida por leigos, que prestavam assistência ao enfermo, baseado no conhecimento empírico, nas crenças religiosas e na cultura de cada local.

Fato a ser considerado é a figura da mulher como a essência desse cuidado, já que sempre foi representada como a mãe que cuida de seus filhos e, conseqüentemente, dos doentes. Assim, nas primeiras organizações sociais já era notado a separação das atividades entre homens e mulheres. Cabia ao sexo masculino as atividades de caça e pesca para sustento da família e, ao sexo feminino era delegado as atividades domésticas, com suas formas diferentes de cuidado (OGUISSO; CAMPOS; MOREIRA, 2011).

Na era cristã, homens e mulheres de todos os níveis sociais seguiam os religiosos, que eram vislumbrados como pessoas virtuosas para auxiliar no cuidado aos doentes. As pessoas presumiam que essa era uma forma de assemelhar a Cristo e garantir a piedade divina (OGUISSO; CAMPOS; MOREIRA, 2011; PAIXÃO, 1979). As ordens religiosas tiveram prestígio no Cristianismo, uma vez que usavam de suas riquezas para o auxílio ao sacerdócio e às obras de caridade.

São Francisco de Assis, por exemplo, personagem de destaque no Cristianismo no século XIII, criou uma ordem para cuidar dos doentes, atraindo um

grande número de seguidores para auxiliá-lo (PADILHA, 1999). Vale salientar também a ordem masculina de São João de Deus em Portugal, que no século XV ocupou lugar de destaque ao desempenhar os cuidados de saúde, tendo João de Deus o seu fundador, considerado o verdadeiro precursor da enfermagem (SILVA, 2012). Ainda neste tempo destaca-se a criação das primeiras escolas de saúde, como o curso de medicina, ofertado por ordens religiosas e pelo clero secular. Naquela época, a medicina possuía um desenvolvimento importante, porém, sem nenhum destaque para a enfermagem que se manteve sem cientificidade (COSTA; FREITAS; HAGOPIAN, 2017).

O século XV também é marcado por grandes eventos, neste contexto merece destaque na história da enfermagem, o Renascimento, caracterizado pelo declínio da igreja católica no controle da sociedade, que culminou com o período considerado obscuro na enfermagem, uma vez que o evento da Reforma Protestante também foi marcado pela saída da igreja católica do controle de muitos hospitais, especialmente na maior parte dos países do continente europeu. Assim, serviços de saúde foram fechados, sacerdotes retirados destes locais e, conseqüentemente, enfermos ficaram sem cuidados nestes ambientes. Hospitais que ainda existiam entraram em decadência e passaram a contratar mulheres pobres, prostitutas, bêbadas e analfabetas para o cuidado aos doentes. Por sua vez, as ordens militares, por meio dos homens, mantinham a assistência aos que necessitavam (DONOSO; WIGGERS, 2020; OGUISSO; TAMARA, 2014).

Entre os séculos XVI ao XIX, foi frequente o trabalho dos homens na prestação de cuidados nos poucos hospitais que perduraram neste período, sendo Portugal e Espanha os países que mantinham a Ordem Religiosa de São João de Deus na prestação da assistência ao doente (CRISTO NETO; FULGÊNCIO, 2010; SILVA, 2012). Era comum os homens assumirem os doentes nas enfermarias, e o fato de serem beneficiados pela maior força física, os tornavam responsáveis pelo cuidado aos feridos da guerra, bem como comedir às pessoas bêbadas ou agitadas (CORTEZ *et al.*, 2010).

A ocupação do cuidado foi reconhecida pela falta de legitimidade, podendo ser ofertada por qualquer pessoa. Estudos indicam que não somente as mulheres, mas também os homens forneciam alguma forma de assistência aos enfermos como membros de vários grupos religiosos. Apesar da pouca ênfase dada ao sexo masculino nas pesquisas sobre a história da enfermagem, estes sempre estiveram

presentes na prática do cuidar, através das ordens militares e religiosas, não devendo ser ignorada a sua participação neste cenário (SILVA, 2012; ZHANG; TU, 2020).

Deste modo, aqueles que atuavam nos cuidados aos enfermos, gerenciassem o serviço hospitalar ou ainda exercessem em concomitância as duas funções, eram denominados como hospitaleiros. Estes não possuíam conhecimento científico e as práticas de cuidados se mantinham de acordo com os princípios religiosos. Geralmente, moravam dentro das casas de saúde e tinham tarefas estipulada segundo o sexo, assim, o hospitaleiro cuidava dos pacientes homens e a hospitaleira das mulheres. O grupo ainda era desmembrado em enfermeiros menores, que prestavam os cuidados aos doentes 24 horas por dia, e enfermeiros maiores, também chamados de enfermeiro-mor, cujas atividades estavam mais voltadas ao cunho organizacional (BULCÃO *et al.*, 2019).

Essa fragmentação também foi reproduzida por Silva (2015), ao descrever em sua pesquisa que o regimento do Hospital de Todos-os-Santos, em Portugal, fundado em 1492, estabelecia um enfermeiro menor por enfermaria, no qual era responsável pela assistência aos internados. Essa norma acabou por determinar o perfil do enfermeiro-mor, que deveria ser idôneo, do sexo masculino, vinculado às questões de gestão e ligado aos pacientes e a todos os empregados do serviço de saúde (QUEIRÓS *et al.*, 2018).

No Brasil, o primeiro hospital foi a Santa Casa de Misericórdia de Santos, fundada em 1543, por Brás Cubas. O fato deste país ser colônia de Portugal, fez com que a enfermagem fosse dominada pelos padrões portugueses de trabalho, legislação e formação (CRISTO NETO; FULGÊNCIO, 2010). Nesse ambiente, doentes eram cuidados por religiosos da Companhia de Jesus ou da Ordem dos Jesuítas. Não existem informações clarificadas de como era exercida a enfermagem neste local, mas acredita-se que nesta organização os religiosos assumiam as atividades de enfermagem, recebendo ajuda de índios e escravos, a quem ensinava-se acerca do cuidado aos enfermos, além de outras atividades, como assegurar a ordem e a higiene do ambiente (OGUISSO; CAMPOS, 2011).

Neste sentido, a administração de medicamentos aos doentes era prescrita pelo médico e realizada pela enfermagem, que não possuía conhecimento técnico científico sobre a técnica. Todavia, a prática era realizada de maneira sistêmica e se sustentou como uma especificidade da enfermagem contemporânea, tais como: registro de enfermagem, segurança no preparo e administração de medicamentos,

além de questões éticas e do cuidado centrado no paciente (CRISTO NETO; FULGÊNCIO, 2010). Personagens importantes deste período são destacados como precursores da enfermagem brasileira, como padre José de Anchieta (1534-1597), Francisca de Sande que viveu no século XVII e Anna Nery (1814-1880), a mais ilustre figura dentre os pioneiros da enfermagem (OGUISSO; CAMPOS, 2011).

A história da enfermagem no século XIX é marcada por cuidadores exercendo suas atividades nos ambientes de saúde de forma sacrificante, os trabalhadores viviam em condições de trabalho precárias, com baixos salários (FERNANDES *et al.*, 2018). A enfermagem não era um trabalho pensado para requerer habilidade, mas sim configurada como uma ocupação autoconsciente, onde qualquer um poderia se descrever livremente como enfermeiros e chamar o que faziam de enfermagem (BUDU *et al.*, 2019).

Neste contexto de esgotamento do ofício do cuidado, se apresenta Florence Nightingale (1820-1910), como a reformadora e fundadora da enfermagem moderna, responsável por promover o pilar da enfermagem profissional, dando um novo conceito para a ocupação, centralizado na humanização, no conhecimento prático e científico. Ela instituiu a primeira escola de enfermagem secular no Hospital St. Thomas em Londres, no ano de 1860 (GUTIERRE; SERRES; RIBEIRO, 2016).

Sua imagem popular, idealizada como “a senhora com a lâmpada” durante a guerra da Crimeia é amplamente conhecida. Seu livro “Notas Sobre Enfermagem”, escrito em 1859, ainda é obra referenciada em todo o mundo. Mas, o precípua saber de Florence Nightingale foi dar visibilidade para as pessoas que prestavam cuidados de enfermagem e não reconheciam seu valor na prática do cuidar (MCENROE, 2020; PADILHA; BABIERI; NEVES, 2020).

Durante seu período na Guerra da Crimeia, Florence Nightingale, enfrentou autoridades militares e médicos, em busca de melhores condições de cuidado para os soldados. Teve destaque ao registrar os atendimentos realizados e a estimar a taxa de mortalidade, o que mais tarde foi possível evidenciar que os soldados morriam muito mais de infecções e más condições do ambiente do que nos campos de batalhas. Nightingale considerava que o fornecimento de um espaço apropriado para os enfermos era o princípio para restauração da saúde dos doentes, sendo este o preceito que fundamenta a Teoria Ambientalista (BEZERRA *et al.*, 2018). Ela também se fez notar ao entender a importância da família para os doentes, ajudando-os a se conectar com seus parentes através de cartas (ADU-GYAMFI; BRENDA, 2016).

A liderança era uma das características marcantes de Florence Nightingale, sua educação, posição social, redes de apoio e viagens internacionais forneceram a ela voz pública, que foi usada para promover sua crença no papel central da enfermeira para gerenciar o meio ambiente. Recorreu ao aprimoramento da enfermagem no serviço militar, obstetrícia, atendimento a indigentes e enfermeira visitadora, conhecida atualmente como enfermagem em saúde pública (ADU-GYAMFI; BRENYA, 2016).

O modelo de ensino na enfermagem idealizado por Florence, ficou afamado como Nightingaleano e se dava pelo regime de internato, no qual as alunas deveriam residir dentro da escola e ter moral rígida. É oportuno mencionar que a precursora da enfermagem moderna não considerava a ocupação digna para homens, portanto, estes passaram a não serem aceitos na profissão (BUDU *et al.*, 2019; GUTIERRE; SERRES; RIBEIRO, 2016; PEREIRA, 1991).

2.2 Da exclusão a inclusão dos homens: o percurso da profissionalização da enfermagem no Brasil

Para melhor compreensão da profissionalização da enfermagem, este trabalho utiliza como referência o conceito de profissão e profissionalização segundo Eliot Freidson (1988). Para o autor, profissão é definida como uma ocupação com prestígio e poder, alcançado por intermédios políticos, culturais e ideológicos. Do ponto de vista teórico, a profissionalização é estabelecida por diferentes condições que se correlacionam entre si, como o trabalho especializado por um grupo representativo, ética no emprego do conhecimento e das habilidades profissionais. Se faz consistente pelo reconhecimento social, formalização do ensino, jurisdição e divisão do trabalho (BELLAGUARDA; PADILHA; NELSON, 2020).

De acordo com Freidson (1988), três elementos configuram uma profissão: o conhecimento/expertise, a autonomia e o *status* que a profissão proporciona. O conhecimento é constituído por ideias, conceitos genéricos que são encontrados em obras científicas e formalizadas pelas instituições de ensino. Os experts se apropriam desse saber e o colocam em prática. Por sua vez, a autonomia é a confirmação da profissão, no qual o domínio do trabalho que exerce possibilita a sua autorregulação, sendo capaz de identificar se a conduta assumida está dentro das normas estabelecidas ou não. Já o *status* profissional é adquirido por influência social e

econômica, de modo a mostrar o poder da profissão no campo social (BENEDET *et al.*, 2020; FREIDSON, 1988).

Freidson (1988) considerou a enfermagem como uma semiprofissão, ou seja, uma ocupação que apesar das condições impostas para sua formação, é vista pela sociedade e pelos governantes como de baixo prestígio, sobretudo pela predominância feminina na área, o que não ocorre em outras ocupações como, por exemplo, a medicina, que carrega consigo estima e fama. Apesar disso, compreende-se que o conceito de profissionalização apresentado pelo teórico é aplicado à enfermagem como ciência, arte, disciplina e profissão (BELLAGUARDA; PADILHA; NELSON, 2020).

A enfermagem configurou-se como profissão mundialmente reconhecida nas últimas décadas do século XIX, com o legado de Florence Nightingale. Decerto, o hospital modelo iniciado na Inglaterra e inspirado em Florence atravessou o mundo como exemplo da prática da enfermagem. A precursora da enfermagem considerava a profissão um trabalho adequado para as mulheres porque era uma extensão de suas funções domésticas e acabou estabelecendo firmemente a enfermagem como uma ocupação feminina (MCENROE, 2020).

Depois disso, surgiu o modelo institucional de base familiar, que significa que o papel dominante do pai era assumido pelo médico do sexo masculino, a mãe era representada na figura da enfermeira, como a cuidadora e o paciente como o filho que requer tais cuidados. Essa analogia à família formal era o reflexo dos valores sociais da época acerca da divisão do trabalho com base no gênero (ARIF; KHOKHAR, 2017).

Dessa forma, o conceito de homem como enfermeiro foi subseqüentemente incompatível com a ideologia familiar formal prevalecente da época. Além disso, o estabelecimento de residências para as estudantes de enfermagem isolou ainda mais os homens deste campo e atuou como uma barreira adicional e poderosa para excluir o sexo masculino da participação na enfermagem (COSTA; FREITAS; HAGOPIAN, 2017).

No fim do século XIX, o Brasil contava com poucos ambientes que ofereciam cursos de enfermagem, e estavam geralmente ligados aos hospitais que formavam pessoal para trabalhar no próprio local (BONINI *et al.*, 2015). A partir do Decreto nº 791, de 27 de setembro de 1890, fundou-se a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE), anexa ao Hospital de Alienados no Rio de Janeiro (BRASIL, 1890). Dois constituintes essenciais para o estabelecimento desta escola foram

mencionados, a saber: ao conferir título profissional aos diplomados, trazia arbítrio a estes em relação aos clientes, além disso, após a conclusão do curso, os recém-formados se apropriavam do conhecimento especializado, além de empregabilidade nos hospitais, cargo público e aposentadoria após 25 anos de exercício profissional (BRASIL, 1890; SANTO; OGUISSO; FONSECA, 2011; SILVA JUNIOR *et al.*, 2001).

Atualmente conhecida como Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade do Rio de Janeiro (EEAP-UNIRIO), a instituição esteve imbricada à assistência aos doentes mentais. Além disso, teve como finalidade reparar a inconstância de recursos humanos devido à retirada das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo da instituição, na qual eram responsáveis pelo serviço de enfermagem e gestão hospitalar desde a fundação, em 1852, quando era o célebre Hospício Pedro II (SANTO; OGUISSO; FONSECA, 2011; SILVA JUNIOR *et al.*, 2001).

Ainda que a EPEE permitisse a presença dos homens, principalmente devido à força física necessária ao manejo com os doentes mentais, a abertura da escola foi uma possibilidade de trabalho principalmente para as mulheres. A entrada na escola exigia idade mínima de 18 anos e atestado de bons costumes para ambos os sexos. O curso era ofertado em um período de dois anos, com a realização de práticas nas enfermarias do hospital (BONINI *et al.*, 2015; SANTO; OGUISSO; FONSECA, 2011).

Outra escola a ser mencionada foi a Cruz Vermelha Brasileira (CVB), fundada em 1908, se destacou pela formação das enfermeiras voluntárias para atuação na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e, posteriormente, na assistência prestada às pessoas que viviam em situação de calamidade. Todavia, o sexo masculino também esteve presente na escola da CVB, prestando cuidados aos doentes, principalmente devido à falta de mão de obra especializada (MECONE; FREITAS; BONINI, 2015; MOTT; TSUNECHIRO, 2002; SOUZA; TRIGUEIRA *et al.* 2019).

O estudo de Barreira (1997) foi pioneiro ao retratar a criação da enfermagem moderna no país. A ineficiência do serviço de saúde pública ficou evidente com o fim da Primeira Guerra Mundial e também com a chegada da gripe espanhola ao Rio de Janeiro em 1918, que atingiu a população de forma veloz, matando milhares de pessoas. Estes acontecimentos impactaram na criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), através do Decreto nº 3.987, de 02 de janeiro de 1920, cujo principal objetivo foi reorganizar a saúde pública no Brasil (BRASIL, 1920).

O movimento sanitário, coordenado pelo médico Carlos Chagas, estabeleceu aliança com a Fundação Rockefeller, reconhecida instituição filantrópica norte-

americana, que empregava recursos próprios para subsidiar movimentos sociais em vários países (KORNDÖRFER, 2020; PEREIRA, 1991; REZNIK; COSTA, 2019). A junção de interesses entre o governo brasileiro e a Fundação Rockefeller oportunizou a criação de uma escola de enfermagem que pudesse afastar do campo prático as visitadoras de saúde, cargo exercido por pessoas sem ensino formal, subordinado aos médicos sanitaristas na tarefa de visitas domiciliares à população. A saída deste grupo do campo de atuação e a formação de pessoas com saber especializado em escolas convencionais contribuíram para a modernização e a cientificidade da profissão de enfermagem (BONINI *et al.*, 2015; MOREIRA, 1999).

Neste contexto, o trabalho de Moreira (1999) aborda a implantação do modelo de ensino Nightingaleano no Brasil. Este modelo educacional favorecia a capacitação das mulheres e teve Ethel Parsons e outras enfermeiras norte-americanas para integrar a Missão Técnica de Cooperação para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, perdurando no país entre os anos de 1921 e 1931 (SANTOS *et al.*, 2011).

Assim, a Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), demarca a implantação do Sistema Nightingaleano no Brasil. Inaugurada na cidade do Rio de Janeiro em 1923, tornou-se exemplo de educação e modelo de assistência em enfermagem, ficou conhecida como “padrão Anna Nery”, um alicerce para a caracterização da identidade da profissão que foi sustentado por ferramentas rigorosas, que davam visibilidade à profissão diante da sociedade (MARQUES; BRASILEIRO, FRAGA, 2019; TYRREL; SANTOS, 2007).

A escola buscava atender às expectativas das famílias, que delegavam a educação das jovens ao serviço educacional. Outra singularidade das instituições era o regime de internato, no qual as alunas deveriam residir nos alojamentos da escola. Os estabelecimentos de ensino visavam beneficiar a classe social de maior poder aquisitivo, o que propiciava a discriminação e o fortalecimento da desigualdade social no Brasil, posto que a tentativa da profissionalização da enfermagem resultou na exclusão não só de homens, como também de mulheres negras (BATISTA *et al.*, 2019; CAMPOS, 2012; MASCARENHAS; MELO; SILVA, 2016).

Contudo, a restrição deste grupo à profissionalização de enfermagem, passou por transição na política popular de Getúlio Vargas. Este estabeleceu novos regulamentos para o avanço social do Brasil que abarcava grupos diferenciados no mundo do trabalho. A ideia era estender o número de enfermeiros, inserir homens na profissão, verificar as particularidades das doenças de cada região e construir redes

de apoio capazes de tornar os profissionais habilitados para a ocupação na enfermagem. Assim, era preciso um número significativo de profissionais graduados, visto que as enfermeiras do modelo Nightingaleano eram absorvidas velozmente pelos hospitais após a sua formação (CAMPOS, 2013; SANTOS, CARREGAL *et al.*, 2018).

Dessa forma, era preciso homens e mulheres preparados para assumir empregos na saúde pública, para, assim, promover e atuar em ações de prevenção de agravos à saúde da população brasileira. Esse movimento tinha o propósito de favorecer a construção da imagem de um país que preocupava com formação de trabalhadores com capacidade técnico-científica, sensibilizando as pessoas a partir do trabalho. Assim, estabeleceram-se convênios com estados e municípios para expansão da saúde pública e abriram-se possibilidades de emprego na gestão pública para os profissionais da saúde. O movimento também contava com programa de bolsas de estudo aos alunos de enfermagem para custeio pessoal e acadêmico (CAMPOS, 2013).

O crescimento dos sistemas de saúde ampliava a necessidade de enfermeiros especializados, uma vez que não havia número suficiente de profissionais preparados para propagar o conhecimento essencial para o desenvolvimento social do país, como preceituava Getúlio Vargas (CAMPOS; OGUISSO, 2008). Assim, novas instituições de ensino foram sendo estruturadas e a segunda instituição de educação de enfermagem fundada no país foi a Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC), através do Decreto estadual nº 10.952, de 07 de julho de 1933, atualmente conhecida como Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (EEUFMG) (MINAS GERAIS, 1933; SANTOS; CARREGAL *et al.*, 2018).

Desde sua criação até o ano de 1948, a EECC esteve ligada à Secretaria de Educação e Saúde do Estado de Minas Gerais. Durante esse período, teve como sede administrativa o Hospital São Vicente de Paulo, atual Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG). Foi ainda agregada à Faculdade de Medicina, através da Lei nº 1.254 em 4 de dezembro de 1950, permanecendo nesta condição por 18 anos, quando finalmente foi desanexada (BRASIL, 1950; SANTOS; CARREGAL, 2018; SANTOS; RODRIGUES; LIMA, 2004).

Ainda no contexto da profissionalização da enfermagem no país, teve notoriedade a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP). Esta obteve destaque por conduzir a formação em enfermagem impondo novos princípios,

regras e métodos ao exercício profissional, substituindo o padrão da EEAN inicialmente proposto, o que possibilitou reconfigurar a enfermagem no Brasil. A enfermagem paulista expandiu o desenvolvimento da profissão, sendo, portanto, referência até os dias atuais (CAMPOS; OGUISSO, 2008).

Nos anos 1950, escolas de enfermagem foram fundadas em todo território nacional, visando a profissionalização da ocupação. O Conselho Federal de Educação, através de legislação específica, passa a ordenar que todas as escolas de enfermagem ofertassem o curso em nível superior (PADILHA; BARBIERI; NEVES, 2020). O processo de federalização das instituições de ensino superior, as constantes críticas ao modelo imposto pelas universidades do Brasil, além dos movimentos estudantis, resultaram na Reforma Universitária de 1968, que estabeleceu a organização do ensino superior no país (BRASIL, 1968). A Reforma de 1968 propiciou mudanças importantes na educação de nível superior em todo o país, amodernou universidades federais e instituições estaduais que integraram, gradativamente, as transformações defendidas para reorganização acadêmica (MARTINS, 2009; NEVES; MARTINS, 2016).

Assim, na década de 1970, a educação superior em enfermagem no Brasil sofreu modificações devido às transformações relacionadas não só à Reforma Universitária, como também ao Plano Decenal de Saúde (1972) e ao Plano Nacional de Desenvolvimento (1972- 1974), que contribuíram para impulsionar o ensino superior em instituições federais, através de reformas nos currículos e no ensino, com vistas a solucionar as necessidades da época (BAPTISTA; BARREIRA, 2006; CARLOS *et al.*, 2018).

Ainda neste período, ocorreu à regulamentação da profissão. As enfermeiras da época não concordavam em serem fiscalizadas por outras categorias profissionais, uma vez que interpretavam que as atividades desenvolvidas pela enfermagem eram de sua própria responsabilidade e, dessa forma, somente os profissionais da própria área tinham conhecimento e condições para apreciar sobre questões que envolviam à profissão. Os esforços por um conselho próprio foram incentivados pela Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), que teve papel fundamental no estabelecimento da enfermagem como profissão no país, já que defendia os interesses da classe (SILVA JUNIOR, 2001). Como representantes dessa entidade, as enfermeiras elaboraram e enviaram propostas aos órgãos governamentais que visavam o fortalecimento da ocupação. Assim, foi aprovado através da Lei 5.905, em 1973, a

criação do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e dos Conselhos Regionais de Enfermagem (CORENs), definidos como autarquias de fiscalização do exercício da profissão (BRASIL, 1973; NEIVA *et al.*, 2016).

Outra peculiaridade ao surgimento da profissão encontra-se na época em que foi regulamentada, pois houve interesse político, já que a saúde pública era estrategicamente necessária para as intenções do governo. Muitas ideias que perpassaram a contextualização histórica da criação das escolas de enfermagem e o estabelecimento da profissão ainda são observados na atualidade. Esta categoria profissional ainda luta pelos seus direitos de reconhecimento da classe, contornos de gênero, raça, melhoria na remuneração e homogeneidade no campo de atuação (LOMBARDI; CAMPOS, 2018).

2.3 A inserção do homem no curso de graduação em enfermagem: vozes masculinas em uma profissão legitimada como feminina

A discussão entorno da inserção do homem na enfermagem deve ser vista por meio de várias vertentes. O primeiro movimento a ser realizado é a compreensão da importância do conceito de gênero que surgiu no fim do século XX, como uma forma de expressar sobre sistemas de relações sociais e sexuais, principalmente como uma tentativa de a mulher reivindicar e elucidar as persistentes desigualdades entre elas e os homens (GUEDES, 1995).

Joan Scott, pesquisadora de destaque acerca do estudo do gênero, apresenta no artigo intitulado “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” o conceito para o termo seguindo dois eixos: o primeiro como gênero sendo o elemento integrante de relações sociais baseadas nas diferenças encontradas entre os sexos e o segundo, o gênero como forma primária de conferir significado às relações de poder (SCOTT, 1995).

As pesquisas que abordam sobre homens são contemporâneas acerca dos estudos de gênero. Assim, as relações de trabalho têm sido uns dos pilares da afirmação da masculinidade, visto que delas estão relacionadas a habilidade técnica, a capacidade de criar vínculos com outros homens e, ainda, a figura de chefe da família, capaz de sustentar esposa e filhos. Deste modo, a afirmação da masculinidade para diferentes grupos de homens depende de seu sucesso no

trabalho remunerado e na afirmação da sua virilidade (CARVALHO, 1998; RABELO, 2010).

Neste sentido, o campo de pesquisa que estuda a segregação de gênero ocupacional está mais inquieto com as mulheres escolhendo cursos tradicionalmente dominados por homens, como: ciência, tecnologia, engenharia e matemática. A falta de homens em áreas dominadas por mulheres tem recebido comparativamente menos atenção, sendo assim, mais estudos sobre as razões para a ausência de homens em espaços predominantemente femininos são necessários (MYKLEBUST, 2021).

Perspectivas teóricas influentes sobre a discriminação de gênero sustentam que a desvalorização do trabalho feminino tradicional e o subsequente baixo *status* e remuneração que vem com ele, fornecem incentivos para homens e mulheres escolherem ocupações masculinas. Geralmente, buscam profissões que culturalmente são consideradas apropriadas para homens, tais como: médico, veterinário, policial, engenheiro, entre outras, sendo desvalorizado o trabalho em ocupações femininas (MAHADEEN; ABUSHAIKHA; ABASHHEH, 2017; SAYMAN, 2014). As explicações influenciadas pela escolha racional são frequentemente apresentadas como forma para esclarecer a falta de homens em ocupações dominadas por mulheres, bem como as escolhas profissionais em geral (JESUS *et al.*, 2010; MYKLEBUST, 2021).

A primeira autora a explorar a questão da sub-representação masculina em ocupações tipicamente femininas como enfermagem, biblioteconomia, ensino fundamental e serviço social foi Williams (1992). A pesquisadora examinou o grau em que a discriminação prejudica os homens nas decisões de contratação e promoção, na cultura do local de trabalho e nas interações com clientes através de entrevistas realizadas com 99 homens atuantes nessas profissões em quatro importantes cidades nos Estados Unidos. De acordo com a autora, homens e mulheres que trabalham em ocupações não tradicionais enfrentam discriminação, mas as formas e consequências dessa discriminação são muito diferentes (WILLIAMS, 1992).

Um vasto campo de pesquisa tem investigado a posição dos homens na enfermagem por todo o mundo. A maioria dos trabalhos examinam a experiência de ser a minoria de gênero no local de trabalho (CHRISTENSEN; KNIGHT, 2014; STANLEY *et al.*, 2016) e o quanto ainda existem crenças estereotipadas de que os

homens são menos capazes do que as mulheres de cuidar do paciente (FISHER, 2011; MAHADEEN; ABUSHAIKHA; HABASHNEH, 2017; SAYMAN, 2014).

O estudo de O'Lynn (2004) é pioneiro ao trazer as barreiras que os homens enfrentam ao serem inseridos na enfermagem. A pesquisa apresenta a criação de uma ferramenta para descrever a prevalência e a percepção dos homens que se formam em enfermagem acerca das dificuldades enfrentadas enquanto estudantes em programas de educação em enfermagem. A ferramenta conhecida como Inventário de Programas de Simpatia Masculina em Enfermagem (IMFNP) foi aplicada a 181 homens enfermeiros que responderam ao questionário indicando se as barreiras estavam presentes em seu programa de enfermagem e se estas tinham algum impacto para eles. Este estudo acabou por ser replicado por outros autores e é citado amplamente na literatura mundial.

Ainda assim, no Brasil são poucos os estudos que traduzem as vivências dos homens na enfermagem, sendo importante compreender acerca destes atores sociais no curso de graduação em enfermagem, para o desenvolvimento e visibilidade da profissão, não somente nos programas de ensino, mas também nos campos de prática profissional e social (CHRISTENSEN; WELCH; BARR, 2018; EVANS, 2004).

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Delineamento do estudo

Trata-se de um estudo sócio-histórico, de abordagem qualitativa, cujo referencial metodológico está centrado na História Oral (HO). Este método tem como objetivo analisar eventos históricos, organizações, grupos sociais, categorias profissionais, entre outros, a partir das declarações de pessoas que participaram ou vivenciaram um certo acontecimento. É muito mais que uma narrativa da vida das pessoas, pois procura transformar conhecimentos históricos em científicos (ALBERTI, 2018). A HO proporciona visibilidade às pessoas que normalmente são invisíveis, por este motivo é importante que eles sejam identificados e alçados ao patamar de personagens da história e que sejam reconhecidos como tal.

Apesar de não ser uma técnica recente, no Brasil a HO, ainda que tenha ganhado forças nos anos de 1970, somente prosperou na década de 1980, com o processo de redemocratização do país. Na década de 1990 houve um componente importante para a HO, principalmente nos anos de 1994 e 1996, quando foram fundadas a Associação Brasileira de História Oral e a Associação Internacional de História Oral (MEIHY, 2006).

Para Meihy e Holanda (2011), a HO pode ser apresentada em três gêneros distintos: “História Oral de Vida” caracterizada por versões individuais dos fatos da vida; “História Oral Temática” que focaliza em um ponto central capaz de conduzir a objetividade e, por fim, a “Tradição Oral” cuja base são as descrições aprofundadas da vida cotidiana.

Assim, o presente trabalho foi desenvolvido baseado na História Oral Temática, também compreendida como a técnica de coleta de dados que mais se aproximou das expectativas acadêmicas, uma vez que o seu caráter documental decorrente das entrevistas é a essência da pesquisa, através da interação entre pesquisador e colaborador, o que possibilita a compreensão do objeto de estudo (ALBERTI, 2018). Nesta investigação, a HO foi pensada como um caminho para a produção do conhecimento histórico acerca da experiência dos homens inseridos na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gérias (EEUFMG) na década de 1970.

Para garantir os critérios de credibilidade e confirmabilidade na pesquisa foi utilizado a triangulação entre os dados, sendo proposto para este estudo a análise documental e a entrevista guiada por um roteiro semiestruturado. A triangulação dos dados teve como objetivo confirmar, complementar e confrontar os dados pesquisados, permitindo a autenticidade dos achados e eliminando possíveis ilegalidades na análise dos dados (MOREIRA, 2018).

Por sua vez, a escolha pela pesquisa qualitativa teve como premissa a sua singularidade que permite compreender as particularidades do estudo, não se atendo às generalizações (DELGADO, 2017). Ademais, a pesquisa qualitativa permite elucidar processos sociais que dizem respeito a grupos particulares, ainda pouco conhecidos, sendo adequada para a investigação de histórias sob o olhar de atores sociais, equivalente a um espaço mais profundo das relações, das ações e dos fenômenos (TAQUETE; MINAYO, 2016).

3.2 Cenário do estudo

A EEUFMG foi fundada em 07 de julho de 1933 através do Decreto nº 10.952, no governo do Dr. Olegário Maciel (FIGURA 1). Inicialmente foi denominada EECC e estabeleceu-se como Unidade Acadêmica da UFMG em 28 de fevereiro de 1968, quando foi desvinculada da Faculdade de Medicina através do Decreto nº 62.317 (SANTOS; CARREGAL *et al.*, 2018).

Foi a escola de enfermagem seminal no estado criada com as premissas do “padrão Anna Nery” e também a primeira a graduar religiosas. A sua fundação teve a participação do Dr. Emani Agrícola, encarregado da Diretoria de Saúde da Secretaria de Educação e Saúde Pública sob a qual a Escola ficou vinculada até 1950. A estruturação da EECC ficou a cargo da enfermeira Lais Netto dos Reis que foi sua primeira diretora (NASCIMENTO; SANTOS; CALDEIRA, 1998).

Em seus quase 90 anos de existência, como pioneira do ensino da enfermagem no estado, fez-se importante para aprimorar a profissão e ainda hoje ocupa lugar de destaque entre as escolas do Brasil, com ensino de qualidade, saber intelectual dos professores, além do trabalho voltado para a valorização da profissão. Atualmente, além do curso de graduação em Enfermagem, é também campo do curso de Nutrição e Gestão de Serviços de Saúde e da Pós-Graduação em Enfermagem *strito sensu* e *lato sensu*.



Figura 1: Evolução Predial do Campus da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

Fonte: Revista Mineira de Enfermagem (REME), Belo Horizonte (2021).

Neste contexto, esta pesquisa foi realizada inicialmente no Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMENF-UFMG) que conta com um acervo documental que auxiliou na identificação dos homens formados na escola. O local foi criado com o intuito de preservar, recuperar e manter a história e as memórias da escola. O marco da sua criação ocorreu na década de 1980, quando a professora Isaltina Goulart de Azevedo principiou a coleção de documentos históricos da escola (NASCIMENTO; SANTOS; CALDEIRA, 1999).

Outro ciclo relevante deste cenário foi o estabelecimento do acervo feita pelo Núcleo de Pesquisas e Estudos do Quotidiano e Saúde (NUPEQS) que efetuou pesquisas sobre a história da escola (NASCIMENTO; SANTOS; CALDEIRA, 1999). Deveras, a criação do CEMENF-UFMG (FIGURA 2) ocorreu em 2006 e permitiu que a EEUFMG tivesse um local apropriado para guardar, preservar e pesquisar as memórias da enfermagem. O acervo documental do CEMENF-UFMG foi elementar para a pesquisa dos homens graduados na escola na década de 1970.



Figura 2: Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMENF-UFMG), Belo Horizonte, 2021

Fonte: CEMENF-UFMG, Belo Horizonte (2021).

3.3 Participantes do estudo

A escolha dos participantes de uma pesquisa científica deve estar vinculada aos objetivos do estudo, à temática proposta e à questão norteadora. Assim, as pessoas selecionadas devem estar entre aqueles que vivenciaram os fatos históricos e podem partilhar lembranças deste momento (ALBERTI, 2018).

Foram participantes deste estudo os homens graduados na EEUFMG na década de 1970. Esse decênio é marcado pela graduação dos primeiros homens na nesta escola após a Reforma Universitária de 1968. Esta época também é conhecida pelo fim das turmas anuais na escola, iniciando no primeiro semestre de 1975 as turmas semestrais. No período estudado formaram na escola 15 turmas, um total de 364 alunos, sendo 340 mulheres e 24 homens. A lista dos homens diplomados com o respectivo ano da formação encontra-se no Apêndice A.

A busca pelos participantes do estudo se deu inicialmente pela pesquisa documental no CEMENF e ainda pela Seção de Ensino da EEUFMG onde estão arquivados os registros dos estudantes da escola, contendo informações gerais como endereço, filiação, estado civil, entre outros. A partir daí a busca pelos contatos destes homens ocorreu por vários meios, a saber: conhecimento próprio, redes sociais, currículo lattes, publicações científicas que constam endereço eletrônico dos autores que faziam parte da amostra, lista telefônica Embratel, Cadastro Nacional de Falecidos (CNF) e ainda por meio dos professores da escola que formaram na mesma época e mantém contato pessoal. Dos homens graduados na década de 1970, quatro (04) faleceram, totalizando vinte (20) o total de egressos na EEUFMG neste período.

A priori não foi estabelecido o quantitativo de participantes, sendo critério de inclusão aceitação voluntária, disponibilidade e condições físicas e psicológicas de participação na pesquisa. Foram excluídos os que moravam fora da região metropolitana de Belo Horizonte por inviabilidade de recursos financeiros da pesquisadora em viajar para regiões distantes, visto que haviam homens que moravam fora do estado mineiro.

Embora houvesse a possibilidade de entrevista virtual, devido a pandemia da COVID-19 para os que moravam longe da capital mineira, este meio eletrônico também foi um impeditivo, já que um (01) participante não tinha habilidades com este recurso e não contava com auxílio de terceiros para a conexão virtual. Houveram ainda cinco (05) participantes que não foram encontrados pelos meios estabelecidos,

dois (02) egressos se mudaram para o campo devido a pandemia por configurarem grupo de risco, conforme informado por familiares, um (01) não respondeu aos e-mails enviados e um (01) recusou a participação na pesquisa. Dessa forma, a amostra final foi composta de dez (10) participantes, conforme Quadro 1.

Nome completo	Ano de formação	Nome usado nesta pesquisa
José Aquino Ferreira	1971	FERREIRA
Joaquim José Machado Netto	1975	MACHADO NETTO
Silvio Denis Grenfell	1976	GRENFELL
Maurício Roberto Teixeira da Costa	1976	COSTA
José Ramos de Almeida	1977	ALMEIDA
Carlos Bernardo Soares	1977	SOARES
Júlio César dos Santos	1977	SANTOS
Nívio Gonçalves Rosa	1978	ROSA
Pio Alves da Silva Filho	1978	SILVA FILHO
Janus José	1979	JOSÉ

Quadro 1: Egressos da EEUFMG na década de 1970, conforme ano de graduação. Belo Horizonte, 2021.

Fonte: Entrevistas realizadas com os egressos/CEMENF e Seção de Ensino (2021).

3.4 Coleta de dados

Na metodologia de uma pesquisa histórica, fontes orais e/ou documentais são importantes na técnica coleta de dados. Neste estudo, a análise documental foi o primeiro passo para a compreensão dos acontecimentos históricos. Para Le Goff (2003), o documento é como prova histórica que comprova as relações que os sujeitos sociais mantiveram com o passado. O material foi organizado por meio de fichas documentais (APÊNDICE B) contendo a identificação da obra, autor, conteúdo e as observações, além da transcrição de informações contidas no documento que foram utilizadas na discussão dos dados.

O segundo passo foi a realização das entrevistas consideradas como técnica privilegiada de comunicação verbal ou, no sentido mais específico, como coleta de informações (MINAYO, 2012). A opção pelo roteiro semiestruturado na realização das entrevistas ocorreu por permitir que o colaborador discorresse sobre o tema além das condições previamente estabelecidas pelo pesquisador (TAQUETE; MINAYO, 2016), contribuindo com informações importantes para a investigação que não tenham sido

mencionadas. Ademais, estabelece-se um vínculo entre o investigador e a pessoa vista como sujeito (DUBAR, 2009).

O roteiro de entrevista semiestruturado (APÊNDICE C) foi contemplado com duas perguntas direcionadas ao objetivo de capturar as vivências destes homens graduados na EEUFMG na década de 1970. Um pré-teste do roteiro de entrevista foi realizado com um egresso da EEUFMG que formou no ano de 1981. Este piloto possibilitou avaliar a clareza das questões, sequência e duração do procedimento, não sendo necessário adaptações ao roteiro. Os dados desta conversação não fizeram parte do estudo principal.

Em seguida, os constituintes do estudo foram contactados por via telefone, e-mail e *WhatsApp* para formalização do convite e, depois da confirmação de participação, agendou-se os encontros para realização da entrevista. Os documentos orais produzidos ocorreram a partir dos diálogos, utilizando meios eletrônicos (gravador, celular e computador), sendo considerado como um importante elemento da construção da história.

As entrevistas ocorreram no mês de junho de 2020, o horário e o local dos depoimentos foram escolhidos pelos participantes, onde buscou-se criar a possibilidade de maior interação entre o pesquisador e o colaborador. Seis (06) entrevistas aconteceram de forma síncrona pela Plataforma de comunicação InSala[®], sendo encaminhado um link de acesso ao ambiente virtual 10 minutos antes de iniciar a entrevista, permitindo a entrada no sistema tanto pelo computador quanto pelo celular. Todas as entrevistas foram gravadas e tiveram duração média de 42 minutos.

Quatro (04) depoimentos foram realizados nas residências dos entrevistados seguindo as exigências dos órgãos sanitários decorrente da pandemia da COVID-19, com o uso de máscara e o distanciamento de um metro (ANVISA, 2020). Somente um (1) depoimento aconteceu no local de trabalho do participante.

3.5 Análise dos dados

As entrevistas foram transcritas na íntegra e enumeradas de acordo com o ano de graduação de cada participante. Os dados foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo Temática (BARDIN, 2016) que consiste em três etapas quais sejam: pré-análise, exploração do material e interpretação dos dados obtidos. Na primeira etapa ocorreu o contato inicial com os documentos, que consistiu em analisar

e conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões, permitindo que a leitura fosse se tornando mais precisa. A seguir houve a preparação do material, no qual as transcrições das entrevistas que constituíram o “corpus da pesquisa”, ou seja, o conjunto de documentos fossem submetidos aos processos analíticos.

Na segunda fase, realizou-se a exploração do material: para Bardin (2016) “tratar o material é codificá-lo”. A codificação corresponde a transformação dos dados brutos do texto que consiste no recorte, agregação e enumeração. Essa compilação permitiu atingir uma representação do conteúdo e da sua expressão. Esta etapa foi realizada por uma matriz codificante construída por meio do software MAXQDA®, versão 20.1. O processo de codificação das entrevistas se deu por um conjunto de códigos criado por duas pesquisadoras, a definição desses códigos levou em consideração os conceitos de profissionalização e de gênero abordados no referencial teórico.

A partir da criação do sistema de códigos, iniciou-se o processo de codificação e análise das entrevistas transcritas, que consistiu em uma leitura sistemática na qual destacou-se os trechos do texto que apresentavam relação com os códigos anteriormente definidos. A princípio, duas entrevistas foram codificadas em concomitância por duas pesquisadoras. Foram necessários ajustes no sistema de códigos, para melhor definição de alguns deles, a fim de garantir os critérios de credibilidade e confirmabilidade. Após as adaptações, as entrevistas foram mais uma vez codificadas e, então, obtido um índice de Kappa de 0,90 de concordância entre os codificadores. Para o cálculo desse índice foi utilizada a ferramenta de análise de concordância de intercodificação do software MAXQDA®.

A partir desse momento, seguiu-se com a codificação das demais entrevistas e após finalização das codificações, estas foram conferidas, procurando averiguar a regularidade dos temas que integravam cada um dos códigos e também a sua heterogeneidade quando confrontadas entre si. No desenvolvimento deste estudo, buscou-se atender aos critérios de credibilidade, confiabilidade e confirmabilidade (LINCOLN; GUBA, 1985; VELLOSO; TIZZONI, 2020).

A fim de garantir credibilidade, foi realizada a discussão entre pares e a triangulação de dados, por meio da entrevista semiestruturada e da análise dos documentos. O critério de confiabilidade foi atendido por meio da codificação dos dados por duas pesquisadoras. A confirmabilidade foi estabelecida pela descrição detalhada de todo o processo de pesquisa, incluindo informações acerca dos

participantes, de como foi o processo de coleta e análise dos dados e os instrumentos aplicados, sendo enriquecida com o material do acervo do CEMENF-UFMG e da Seção de Ensino da EEUFMG.

Assim, a terceira fase da análise de Bardin (2016) foi contemplada, por meio do tratamento e interpretação dos dados obtidos, através dos quais os resultados brutos foram analisados de maneira a ser significantes e válidos. Nesta última etapa foi fundamental a contextualização do objeto de estudo sobre a história dos homens na profissão, associado aos aportes sobre escolha da profissão e as vivências no curso de graduação em enfermagem para o estabelecimento das categorias do estudo, conforme a Figura 3.

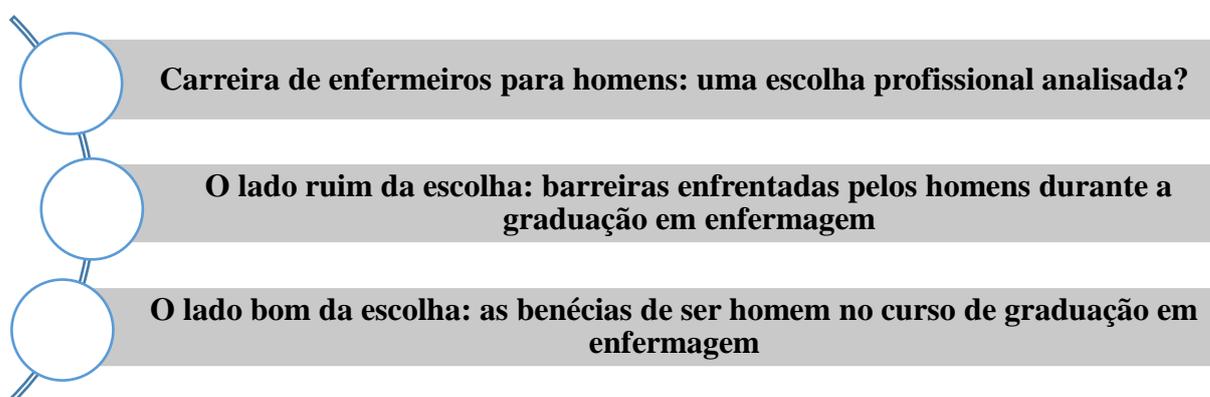


Figura 3: Categorias do estudo.

Fonte: Resultados da análise dos dados, Belo Horizonte (2021).

3.6 Aspectos éticos

Os aspectos éticos da pesquisa estão em conformidade com as Resoluções nº 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde, a qual estipula normas éticas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012) e a Resolução nº 510/2016 que dispõe sobre as diretrizes aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (BRASIL, 2016). A coleta de dados iniciou após o consentimento e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COEP) da UFMG sob o Parecer nº 3.903.510 de 07 de março de 2020 (APÊNDICE D).

Todos os colaboradores da pesquisa foram orientados quanto aos objetivos e procedimentos do estudo e firmaram o compromisso e a responsabilidade no desenvolvimento da pesquisa quanto a: respeito aos princípios bioéticos de não

maleficência, beneficência, justiça e equidade; participação livre, esclarecida e voluntária, podendo o participante desistir da participação na pesquisa em qualquer momento que considerasse necessário, sem que isso implicasse em nenhuma sanção, prejuízo, dano ou desconforto. Antes da entrevista presenciais, foi realizada a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE E), já naquelas realizadas pelo ambiente virtual, o documento foi entregue assinado e encaminhado por e-mail antes da realização da mesma.

Posteriormente, as entrevistas foram transcritas na íntegra e encaminhada aos participantes da pesquisa para validação do conteúdo produzido. Estes assinaram o termo de Cessão de Direitos sobre Depoimento Oral (APÊNDICE F), que contempla a autorização para a publicação de seus nomes civis na narrativa histórica deste estudo.

Os dados referentes a esta pesquisa serão mantidos em arquivo sob a responsabilidade das pesquisadoras e também do CEMENF-UFMG. Aqueles que aceitaram participar não terão nenhum tipo de ganho financeiro. Os resultados desse estudo serão socializados na comunidade científica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, são apresentadas as categorias empíricas construídas a partir da triangulação das informações obtidas das entrevistas individuais e análise dos documentos históricos resgatados do CEMENF-UFMG e da Seção de Ensino acerca dos homens graduados na EEUFMG na década de 1970. As seções recuperam e respondem aos objetivos específicos delineados na introdução.

4.1 Participantes do estudo

Primeiramente optou-se por apresentar os participantes da pesquisa, por idade de inserção na EEUFMG, ano de entrada e de graduação, idade atual, naturalidade, estado civil, religião e ocupação, conforme identificado no Quadro 2. Essa abordagem é necessária para melhor compreensão do contexto experienciado por estes personagens na EEUFMG na década de 1970, que contribuíram para a história da enfermagem mineira.

Idade de admissão	Ano da admissão	Ano da graduação	Idade atual	Naturalidade	Estado Civil	Religião	Ocupação atual
26	1966	1975	79	Corinto/MG	Casado	Católica	Aposentado
24	1969	1971	75	Cláudio/MG	Solteiro	Católica	Aposentado
21	1970	1976	70	Rio de Janeiro/RJ	Divorciado	Católica	Consultor / Aposentado
26	1972	1972	74	João Molevade/MG	Casado	Católica	Aposentado
22	1973	1977	68	Belo Horizonte/MG	Casado	Católica	Aposentado
22	1974	1977	67	Pedro Leopoldo/MG	Casado	Católica	Enfermeiro ativo
28	1975	1979	73	Ladainha/MG	Divorciado	Católica	Aposentado
22	1975	1978	66	Belo Horizonte/MG	Casado	Católica	Aposentado
28	1975	1977	73	Jureia/MG	Casado	Católica	Aposentado
23	1976	1978	67	Juiz de Fora/MG	Casado	Católica	Professor ativo / Aposentado

Quadro 2: Constituição dos participantes do estudo. Belo Horizonte, 2021.

Fonte: Resultados da análise documentais e das entrevistas (2021).

De acordo com o Quadro 2, cooperaram com o estudo 10 homens graduados na EEUFMG na década de 1970, o que permite observar que no momento da entrevista a faixa etária dos participantes variou de 66 a 79 anos, com média de 71,2 anos de idade. Após analisar a ficha de registro dos alunos, foi possível catalogar a idade de entrada na escola, que variou entre 21 e 28 anos, com média de 24,2 anos. Este achado corrobora com a pesquisa de Eswi e El Sayed (2011) ao caracterizar a idade dos estudantes de enfermagem em um hospital Universitário na cidade do Cairo, no Egito, no qual os 60 homens entrevistados para o estudo tinham idade entre 18 e 23 anos. No estudo de Costa, Freitas e Hagopian (2017), realizado com 20 homens graduados na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP) no período de 1950 a 1999, a média de idade dos homens ao ingressarem na escola aproximava dos 23 anos.

Para obter a idade de formação dos participantes foi utilizado o ano de nascimento de cada homem e o ano de conclusão da graduação. Evidenciou-se que estes homens formaram entre 25 e 35 anos, sendo que 60% graduou entre 25 e 29 anos e 40% entre 30 e 35 anos, tendo média de idade na formação de 28,1 anos. Essa informação remete que este grupo não entrou diretamente para a universidade após a finalização do ensino médio, fato este confirmado nas entrevistas, ao relatarem terem exercido atividade remunerada em outro campo antes da entrada na graduação. A revisão de literatura de Zamanzadeh *et al.* (2013) comprova este achado, uma vez que ao abordar às características dos homens que ingressam na enfermagem, estes eram, em sua maioria, mais velhos e provenientes de outras carreiras.

Na exploração dos documentos, todos tinham certificado de dispensa do serviço militar. Apenas um (01) homem era casado ao ingressar na EEUFMG, confirmando os achados de outras pesquisas (COSTA; FREITAS; HAGOPIAN, 2017; ESWI; EL SAYED, 2011) de que os homens ao entrarem na graduação em enfermagem são em sua maioria solteiros. Por sua vez, no momento da coleta de dados, 70% dos participantes do estudo informaram serem casados, 20% divorciados e 10% solteiro. Quanto à religião, 100% dos participantes se declararam católicos, o que contradiz os resultados de Costa, Freitas e Hagopian (2017), ao identificar que 49% dos participantes do seu estudo eram católicos, já o número daqueles que não informam a escolha religiosa foi de 40% e 11% declaram outras religiões como a protestante e a espírita.

No que se refere à naturalidade deste grupo, 70% são do interior do estado de Minas Gerais, 20% da capital mineira e 10% proveniente de outro estado. Tais resultados podem ser explicados pelo baixo número de escolas de enfermagem em Minas Gerais na década de 1970, razão pela procura pelo curso superior na capital mineira. Neste período, eram poucas as faculdades conhecidas no estado, a citar: a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), a Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo em Juiz de Fora e a Escola de Enfermagem Wenceslau Braz (EEWB) em Itajubá-MG (FIGUEIREDO; BAPTISTA, 2009).

Na análise documental deste grupo dois (02) egressos tiveram seus pedidos de transferências concedidas da PUC-MG para a EEUFMG. No documento foi possível identificar a situação regular dos alunos para a concessão da mudança de universidade e comprovante de dispensa de disciplina da UFMG devido ao aceite em outro programa.

No período correspondente ao estudo (1970/1979), o número de homens graduados na escola representou 6,6% do total de formados. Este achado comprova a minoria masculina no curso de graduação em enfermagem, afirmando o estudo de Santos *et al.* (2017), que entre a década de 1950 e 1990 teve formado na EEUSP 2,4% de homens. Já na Universidade Federal do Alagoas (UFAL), entre os anos de 1977 e 1979 não se formou nenhum homem, confirmando a predominância feminina na profissão (SANTOS *et al.*, 2016).

Quanto à ocupação atual, nove (09) dos entrevistados encontram-se aposentados, porém, todos relataram terem atuado na enfermagem durante sua trajetória profissional, um (01) enfermeiro encontra-se produtivo em um ambulatório público de Belo Horizonte. Dos aposentados, dois (02) continuam ativos no mercado de trabalho, um (01) como consultor em saúde e outro como professor de curso técnico em enfermagem.

Na documentação acerca da entrada e graduação dos homens na EEUFMG na década de 1970, alguns dados merecem ser elencados. Até o ano de 1974 constatou-se que apenas quatro foram graduados. A partir de 1975, quando se deu início às turmas semestrais, até o 2º semestre de 1979, 20 homens se formaram em enfermagem, totalizando 24 em um universo de 364 graduados (entre homens e mulheres). Ainda foi identificado nos livros do CEMENF o nome de alguns alunos deste período que deram entrada na escola e que não concluíram o curso, todavia,

não foi foco deste estudo a análise do quantitativo e os motivos das evasões destes homens.

Em estudo similar, Santos *et al.* (2016) analisaram a inserção masculina nos dez primeiros anos do curso de graduação na UFAL (1974/1984), a partir de documentos conservados nos arquivos setoriais da instituição, evidenciou-se que a inserção foi pequena, apenas nove homens colaram grau em um universo de 351 mulheres, correspondendo a 2,6% do total, evidenciando a discrepância entre o quantitativo de mulheres que graduaram no programa em relação aos concluintes homens.

4.2 Carreira de enfermeiros para homens: uma escolha profissional analisada?

Conforme o primeiro objetivo específico da pesquisa, com a finalidade de compreender como ocorreu a escolha profissional dos homens pela graduação em enfermagem, a presente categoria permitiu identificar que a enfermagem não foi a primeira opção de carreira dos entrevistados. O fato de ser um curso que se aproxima da medicina, que era a predileção da maioria do grupo, a necessidade de inserção no mercado de trabalho, a vocação, o peso psicológico da família e da sociedade e ainda a baixa concorrência ao vestibular foram as razões pela escolha da enfermagem.

Entende-se que a escolha profissional é um dos momentos mais marcantes na vida do indivíduo, afinal, se faz condição fundamental para que o sujeito produza um desenvolvimento bem-sucedido naquilo que foi almejado no decorrer de sua vida, traga um encontro benéfico com a profissão, permita a possibilidade de sincronismo com o concreto mundo do trabalho, além do aceite de sua rede de apoio e da sociedade (ALMEIDA; DIAS, 2016).

Todavia, é comum que os calouros cheguem à universidade para cursar uma área que não conhecem ao certo e, somente ao longo da graduação, compreendem que o curso escolhido pode não atender às expectativas vislumbradas. É importante que o indivíduo esteja informado sobre a área e como será a sua atuação profissional antes mesmo de ingressar na escola (GLERIANO; MARCA; JUSTI, 2017). A presente pesquisa evidenciou que, dentre os enfermeiros entrevistados, foi frequente a entrada no curso sem o conhecimento prévio da profissão, que acabou por gerar um descontento ao longo da graduação devido à opção realizada, conforme explanação:

Isso foi meio confuso. Na realidade eu não sabia direito sobre a profissão, então, foi na PUC, eu fiz o vestibular e eu estava assim meio confuso. Tinha psicotécnico na ocasião para entrar, aí acabou que a psicóloga me falou direto que era enfermagem, aí fiz o vestibular fui aprovado, mas, assim, eu não tinha nem ideia, entendeu? Digamos que fiquei um pouco desapontado com o curso (SILVA FILHO, 2020).

A narrativa do entrevistado corrobora com Teodosio e Padilha (2016) ao analisar os fatores que indicaram a opção dos egressos da primeira turma graduada em enfermagem e obstetrícia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). De acordo com os autores o público estudado alegou ter pouco conhecimento acerca do curso quando entraram na graduação, o que ocasionou um desapontamento em relação a opção de carreira.

Escolher uma profissão não é tarefa fácil, faz parte de um planejamento que remete à reflexão sobre o futuro, realizações de projetos, inclinações e interesses que são estabelecidos a partir do amadurecimento. Tal processo não se constrói de um dia para o outro, mas através de experiências vivenciadas por parte de cada sujeito. A seleção profissional desinformada pode reverberar consequências negativas, como desmotivação, frustração, insatisfação e até evasão do curso, já que a profissão influencia a vida pessoal e social do indivíduo. Dessa forma, a decisão e planejamento da carreira estão associados a maiores chances de sucesso durante e após a formação profissional (TESSARO; SCHMIDT, 2017).

Outro ponto trazido na literatura acerca da escolha profissional se relaciona ao peso que a família impõe na preferência profissional do indivíduo. A tomada de decisão sustenta-se nas relações interpessoais, especialmente com as figuras parentais, que servem de modelo e comparação para a opção de carreira. A família se constitui o grupo de referência mais importante na vida do indivíduo, especialmente por meio dos pais, que são fundamentais para orientar os filhos no decurso da socialização e desenvolvimento profissional (ALMEIDA; DIAS, 2016, RIBEIRO *et al.*, 2018).

O estudo de Teodosio e Padilha (2016) destaca que a família nem sempre tem boa aceitação com a escolha profissional do ente que opta pelo curso de enfermagem, em virtude de imagens negativas que a profissão carrega ao longo de sua trajetória, ao se configurar como profissão feminina, sem garantia de representatividade social e com a ocorrência de discriminação pelos que nela inserem. Nesta pesquisa, houve

relatos em relação a este contexto, no qual alguns entrevistados relataram dificuldade em posicionar-se, sobretudo diante da figura do pai, ao explicar sua escolha de carreira, como exemplos:

Meu pai me perguntou o porquê que eu iria fazer enfermagem e se isso não era para mulher. E até colocar isso na cabeça dele... Mas minha mãe não, ela gostou porque era um sonho dela ser enfermeira. Aí eu fui mostrando, e com o tempo, meu pai viu que era um curso superior e tinha uma ótima qualidade na UFMG, nível A, em todos os cursos, e com o tempo ele foi entendendo. Eu mostrava os livros e apostilhas que eu estava estudando para ver se aumentava o seu interesse um pouquinho. Depois de certo tempo ele aceitou (GRENFELL, 2020).

Ninguém me incentivou a fazer enfermagem, pelo contrário, minha mãe mesmo não gostou, nem meu pai porque, coincidentemente, quando eu passei no vestibular, minha irmã passou no vestibular de medicina (COSTA, 2020).

Percebe-se pelas narrativas a reação dos pais à escolha de carreira da sua prole, em especial do pai, que tende a exercer grande influência na decisão profissional do filho. A família ocupa espaço de destaque na vida do indivíduo, seja por significar o lugar afetivo ou o de aceitação de uma condição social. O fato da profissão escolhida ser legitimada como feminina também traz à tona o descontentamento do familiar, uma vez que, no imaginário social, homens são criados para exercerem profissões masculinas. Dessa forma, a enfermagem estaria fora da opção de carreira para o homem, uma vez que o cuidado é visto como um atributo das mães aos seus filhos, enquanto os pais são referenciados como provedores do lar (OGUISSO; CAMPOS; MOREIRA, 2011).

Nesta perspectiva, o processo de escolha profissional é marcado não só pelo peso da família, mas também da sociedade, que impõem suas posições frente a predileção profissional. Para Freidson (1988), o *status* profissional é adquirido por influência social e econômica, mostrando o poder da profissão no campo social. O autor considera a enfermagem como serviço paramédico, devido à posição que ocupa, sendo percebida pela sociedade como de baixo prestígio em virtude da dominação feminina na área. O discurso do colaborador confirma este achado:

O problema maior foi mesmo fora da faculdade, que às vezes quando falava que cursava enfermagem as pessoas estranhavam dizendo que era uma profissão só para mulheres, que não era profissão para homens e me questionavam: porque não fez outro curso? Mas, isto não me afetava (SOARES, 2020).

O relato confirma que a pouca visibilidade dada à enfermagem acabou por afetar o seu *status* social, afinal, o profissional era escasso no processo de trabalho em saúde. Naquele tempo, a enfermagem de nível superior era a profissão que menos se estabelecia no campo da saúde (TEODOSIO; PADILHA, 2016).

A falta de *status* social, a desvalorização profissional, o vínculo à característica de ser uma profissão feminina, a pouca ou nenhuma autonomia na tomada de decisões, a submissão ao poder institucional e médico e, ainda, a falta de papéis bem definidos acerca de suas funções fizeram com que as conquistas e avanços alcançados pela enfermagem ao longo dos tempos fossem fragilizadas. Mesmo que os esforços estejam voltados para o saber técnico científico, pautado em um cuidado humanizado ao doente e à comunidade, ainda assim, é uma profissão que luta interruptamente por visibilidade e reconhecimento social.

Não obstante, a influência da família e o baixo *status* social vinculado à profissão tenham peso na escolha de carreira, a necessidade de profissionalização, em uma ocupação sedimentada, é apontada na literatura como uma das razões pela opção pela enfermagem. Stanley *et al.* (2016) versam no seu estudo que um emprego seguro e uma variedade de campos de atuação são motivos que levam os homens a escolherem a enfermagem como carreira. Yi e Keogh (2016), por sua vez, reforçam que a escolha pela enfermagem se dá devido a segurança no emprego, oportunidades de trabalho e altos salários. Estes achados são corroborados pelo entrevistado que informa ter feito a opção pela enfermagem devido às oportunidades que a profissão oferecia, principalmente em setores não assistenciais que era o seu foco de atuação após a graduação.

Eu pensei que quatro anos era muito tempo, achei que eu queria entrar na área, ter um bom emprego, ganhar dinheiro, casar, fazer coisas desse tipo e vim me preparando para aquilo. Depois que eu me formei, mandei o meu currículo para três empresas (Usiminas, Belgo Mineira, Acesita). Felizmente todas as três me chamaram, e eu pude escolher, o que nos dias atuais não é tão fácil assim. Optei pela Usiminas (GRENFELL, 2020).

Teodósio e Padilha (2018) confirmaram que a graduação em enfermagem na década de 1970 era uma área promissora para inserção no mercado de trabalho, uma vez que existia escassez de enfermeiros no país e grande demanda profissional, conforme as exigências do modelo capitalista que predominava naquele período. Assim, o ensino em enfermagem, alinhado ao desenvolvimento do serviço assistencial

da rede privada vivenciou um crescimento de cursos e escolas com o propósito de formação de profissionais desta área de atuação.

Por sua vez, Santos e Marques (2015) demonstraram o crescimento da atuação em enfermagem em companhias siderúrgicas do estado mineiro, como a Companhia Belgo Mineira, empresa de prestígio social que passou a admitir profissionais de enfermagem para atuação em ações curativistas, em razão de acidentes de trabalho ocupacionais e, ainda, ações de prevenção de agravos à saúde dos trabalhadores.

Dessa forma, observa-se que a enfermagem foi percebida como uma profissão atrativa, devido a uma variedade de trabalhos que permitiu uma transição fácil entre as especialidades. A maioria dos participantes desta pesquisa descortinavam a enfermagem como uma carreira que lhes oferecia estabilidade. Alguns deles haviam trabalhado em outras áreas como: professor de filosofia, atendente de enfermagem, setor industrial e comércio, porém, perceberam que a sustentabilidade desses tipos de trabalho poderia ser limitada. Assim, articularam que enfermagem era o tipo de trabalho que permitiria uma gama de possibilidades.

Ainda que as condições de estabilidade profissional fosse um incentivo para a escolha pela enfermagem, a literatura aponta que as pessoas que contemplam a atividade profissional como uma vocação estão mais satisfeitas com seu trabalho, assim como com sua vida pessoal (FUENTES-PLOUGH; OJEDA-LÓPEZ, 2017; SANEMATSU; FOLQUITTO; MARTINS, 2019). No trabalho de Santos (2020), os entrevistados informaram que o serviço voluntariado influenciou na decisão de carreira, pois aumentou o sentimento de pertencimento ao campo da enfermagem e do cuidado social. O autor acrescenta que muitos indivíduos decidiram se tornar profissionais de enfermagem baseado em suas experiências da infância e da adolescência. Na presente pesquisa, achado semelhante foi descrito por um único participante, que relatou ter feito a escolha em virtude de ter prestado assistência a um doente durante a juventude, além de ter atuado em um hospital, mesmo sem formação específica na enfermagem, conforme a seguinte exposição:

Quando eu tinha mais ou menos uns 14, 15 anos, eu trabalhei com um homem e ele mexia com sapataria, ele teve um derrame e eu ajudava a mulher dele a dar banho nele. Nesse período, eu conheci uma freira e ela me chamou para trabalhar no hospital, não era na área de enfermagem, mas acabou que chegou lá na Santa Casa, a madre e perguntou se eu não queria experimentar trabalhar na enfermagem, eu topei. Talvez a minha escolha foi uma vocação (ALMEIDA, 2020).

Ao longo da história da enfermagem era comum, mesmo após a profissionalização do ensino superior, as pessoas serem convidadas, ainda que sem capacitação adequada, para trabalharem nos hospitais como atendentes de enfermagem, devido à carência de mão de obra especializada na assistência ao doente (SOUZA; TRIGUEIRA *et al.*, 2019). Arif e Khokhar (2017) expõem que os homens eram treinados para atuação nos hospitais, principalmente para cuidar de pacientes psiquiátricos e daqueles que exigiam maior força física. Por sua vez, Ajith (2020) cita a Escola de Enfermeiros da Cruz Vermelha Brasileira e das forças armadas como sendo ambientes de ensino que preparavam os homens para a assistência aos doentes.

Na análise documental foi possível identificar na ficha de admissão (ANEXO A) do primeiro homem graduado na EEUFMG em 1966, os motivos pela sua escolha profissional. Henrique Augusto de Melo relatou: “*Considerando o primor e a nobreza da profissão, para minorar o sofrimento alheio, justifica perfeitamente o motivo da minha escolha*”, em março de 1964. No documento foi possível identificar que o estudante havia frequentado o curso de enfermagem prática entre 1947 e 1948 durante o tempo de ofício no exército.

Dessa forma, ao analisar a ficha de admissão do primeiro homem formado na escola, Henrique Augusto de Melo e também o relato de Almeida (2020), participante que discorreu sobre a assistência ofertada a um enfermo durante sua juventude, é possível correlacionar que a opção pelo curso de enfermagem, por ambos, ocorreu devido à percepção da enfermagem como profissão do cuidado. Além disso, a aproximação com a área da saúde também foi fundamental, uma vez que os dois haviam trabalhado previamente na enfermagem prática. Esta pesquisa evidenciou que a vocação como desejo de cuidar de pessoas desempenhou papel pouco relevante na decisão de carreira dos homens entrevistados, uma vez que a maioria deles relataram ter optado pela enfermagem por outras razões.

Vale ressaltar que a enfermagem não foi a primeira opção de curso para a maioria dos entrevistados. O estudo de Gao *et al.* (2019) mostrou que os estudantes que não obtiveram pontuação suficiente no seu curso preferido tiveram sua entrada na graduação reajustada pela universidade de acordo com sua classificação, permitindo a seleção para outros cursos. Nessas circunstâncias, eles aceitaram o curso de enfermagem atribuído como uma oportunidade de se matricular na

universidade de sua preferência, mesmo que não tenham pensado na enfermagem como carreira.

Por sua vez, uma pesquisa realizada na China por Zangh e Tu (2020), identificou que 60% dos homens entrevistados tinham se candidatado a uma vaga na faculdade de medicina, porém, por não terem sido aprovados no exame, acabaram sendo admitidos no curso de enfermagem. Esta realidade também foi experienciada pelos participantes deste estudo, ao informar que a enfermagem não foi sua primeira predileção, mas sim a medicina. Todavia, a reprovação no vestibular, levou a enfermagem como segunda opção de carreira, conforme o relato:

Foi um pouco curiosa essa minha escolha, pois na verdade o meu vestibular foi para medicina e então, na época a instituição (UFMG) optou por considerar uma segunda opção de curso, que seria escolhida no momento da inscrição no vestibular. Cada vestibulando escolheria, além do seu curso de preferência, um outro curso que você poderia cursar caso não conseguisse passar na primeira opção e o número de pontos fosse suficiente para a segunda opção. No meu caso, a primeira opção foi Medicina e a segunda opção foi Enfermagem (GRENFELL, 2020).

Conforme já mencionado, no período atribuído a este estudo, era baixa a procura pelo curso de enfermagem. Considera-se que uma das possibilidades para a segunda opção pela graduação em enfermagem seja o preenchimento das vagas. Contudo, na literatura investigada e na análise de documentos não foi identificado o número de vagas disponíveis para o curso neste período de estudo.

Entretanto, verificou-se que a maioria dos entrevistados informaram não ser enfermagem a primeira opção de carreira, sendo a medicina citada como a preferência de curso. A reprovação neste vestibular, o esgotamento em persistir com cursinhos pré-vestibulares, a necessidade de realização profissional e a independência financeira levaram os homens a fazerem uma segunda opção de carreira, entre elas a enfermagem.

A princípio, a minha intenção era fazer medicina, não ser enfermeiro. Eu estudei em um colégio estadual bom, que tinha uma base boa, mas eu não tinha feito cursinho, aí eu falei vou tentar medicina. Mas achei que não ia passar, aí fiz a opção, a escolha foi a enfermagem, que era mais próxima daquilo que eu tinha como meta que era estudar medicina. Fiz enfermagem e passei então (ROSA, 2020).

No primeiro momento eu queria era fazer medicina, eu tentei primeiro no ano anterior o vestibular e não consegui. Depois eu pensei: vou tentar o vestibular para enfermagem. Preparei-me, estudei bastante e fiz o vestibular no ano

seguinte, conseguindo ingressar na faculdade de enfermagem (SOARES, 2020).

A medicina se configurou, ao longo do seu desenvolvimento, como profissão de soberania em comparação com as outras profissões na área da saúde, sendo a primeira escolha de estudantes que sonham em ser profissionais da área da saúde. Essa veracidade tem grifado a história da maioria dos jovens, quando se sentem coagidos a alcançar o mercado de trabalho e a sua independência financeira. Ainda que a enfermagem tenha feito avanços como profissão, é notada pela subalternidade comparada com a medicina (BELLAGUARDA; PADILHA; NELSON, 2020; FREIDSON, 1998; TEODOSIO; PADILHA, 2016).

Esses comparativos advêm principalmente de representações por parte da sociedade em relação aos cursos de enfermagem e medicina. Ainda que as duas profissões possuam interfaces, elas são distintas, cada qual potencializa suas próprias atividades, existindo complementaridade entre elas. Dessa forma, é necessário que os estudantes, ao fazerem a alternativa pela enfermagem como segunda opção de carreira, estejam inteirados das competências que são necessárias ao fazer profissional do enfermeiro (SANTOS; BRITO *et al.*, 2018).

A ideia de usar a entrada na enfermagem para tentar um trampolim para outros cursos, também foi mencionada neste estudo. Na literatura pesquisada, autores informaram que estudantes que utilizam essa estratégia apresentam desapontamento e falta de interesse pelo curso, elevando o número de desistentes nos programas de enfermagem (GOLDEN, 2018; MUNNICH; WOZNIAK, 2020; STANLEY *et al.*, 2016). Nesta pesquisa, um entrevistado expressou o desejo do trampolim, porém, não o levou adiante.

Pensei em até o que um colega meu me sugeriu: faz ciências biológicas e a gente faz um “trampolim”, depois a gente faz outra coisa. Me parece que na época, no curso de Ciência Biológicas era possível, mas eu acabei fazendo enfermagem mesmo e fiquei. Mas, vamos dizer assim, eu fiquei um pouco decepcionado com o curso (SILVA FILHO, 2020).

Observa-se na fala do participante uma frustração com a escolha do curso, mesmo que não tenha sido o suficiente para desistir da graduação. Em geral, os participantes relataram que com o caminhar do curso não mais sentiram a necessidade de evadir para outras graduações, uma vez que perceberam que a

enfermagem era uma profissão que os levaria a alcançar as expectativas de uma carreira profissional.

Outro resultado postulado se baseia no número de candidatos por vaga, tendo a graduação em enfermagem menor proporção que nos cursos considerados de maior prestígio social, como por exemplo a medicina. No estudo de Lima *et al.* (2020), os participantes informaram que o acesso à universidade por meio do curso de enfermagem foi levado em consideração devido a menor disputa em relação a outras graduações do campo da saúde. Este achado também foi certificado nas narrativas dos entrevistados, ao informar que o fato da graduação em enfermagem ser um curso de baixa popularidade, a procura era pequena, com poucos pretendentes ao vestibular.

Mas se você me perguntar, por que você escolheu (a enfermagem), eu não escolhi, fui escolhido. Ele (um professor do supletivo) falou comigo: vai, passa no vestibular, nesse curso você passa, se você fizer medicina você não vai passar, e eu não fiz medicina porque ele falou que eu não ia passar (JOSÉ, 2020).

Nessa época não tinha divisão, porque a procura da enfermagem era muito pouca, mas quando eles viram que estava dando dinheiro muitos optaram pela enfermagem e por ser mais fácil. A enfermagem tinha mais emprego, tinha mais condições de trabalhar, a demanda aumentou pela procura da enfermagem (MACHADO NETTO, 2020).

Dessa forma, embora a primeira opção de curso para alguns alunos fosse medicina, eles não conseguiram acessar esta carreira. Assim, a enfermagem foi identificada como o meio mais fácil para se alcançar o mercado de trabalho na área da saúde que vinha crescendo rapidamente.

No contexto, os participantes relataram que a entrada na EEUFMG ocorreu por meio do vestibular e do teste psicotécnico. Por sua vez, Costa, Freitas e Hagopian (2017) discorrem em seu trabalho que o ingresso na EEUSP ocorria por entrevista, recomendações pessoais do candidato ao curso de enfermagem e análise do currículo até o ano de 1968. O relato abaixo ilustra como efetivou a entrada dos homens no curso de graduação em enfermagem da UFMG na década de 1970.

Comecei a ter contato com a escola, prestei o vestibular, fiz a minha inscrição e tinha que fazer uma pré-seleção com psicotécnico. Fiz o psicotécnico e deu certo. Quando eu entrei na faculdade vi que na minha turma não tinha só moças, não tinha só mulheres, já tinha uns rapazes na escola. Eram quatro rapazes já na escola, na minha turma (FERREIRA, 2020).

Entrei para a escola com mandado de segurança. Eu tinha por direito, porque tinha muita vaga e não eram motivo para me eliminar não ter passado no psicotécnico (MACHADO NETTO, 2020).

Os testes psicotécnicos eram condição para entrada na EEUFMG. Melo (2015) destaca que na Era Vargas, tais testes alcançaram destaque no processo de seleção e matrícula dos alunos nos cursos técnicos, em virtude da idealização que conferia ao saber psicotécnico a condição de avaliar de forma científica as aptidões dos trabalhadores, no âmbito dos critérios políticos e administrativos que estimulavam a capacidade de produção do indivíduo. A avaliação psicológica não se limitava apenas aos trabalhadores da indústria, integrava também a triagem para o Serviço de Seleção do Pessoal da Marinha e, ainda, os sistemas educacionais com intuito de melhorar o aproveitamento das aptidões dos indivíduos, diminuindo o erro na escolha de carreira.

Na ficha de admissão dos estudantes e nas entrevistas foi possível identificar o psicotécnico como um dos critérios para a entrada na universidade. Nos documentos, as notas do exame do vestibular apresentavam o resultado das provas de física, química, biologia e português, vinculadas ao teste psicotécnico. Um dos participantes deste estudo não havia sido aprovado no teste psicotécnico, tendo recorrido à justiça para sua entrada na EEUFMG. Matriculou-se com mandado de segurança e dada a causa ganha por meio da Justiça de 1ª Instância- Fórum Lafayette, alegou que o teste psicológico não era o suficiente para a reprovação, uma vez que as notas obtidas nas outras disciplinas demonstravam a capacidade intelectual.

O documento redigido pela justiça anexado à ficha do aluno remete à Carta Magna pelo direito à educação e argumentava que o teste psicotécnico aplicado pelo Serviço de Orientação e Seleção Pessoal do Estado era adotado sem exigência legal, o que dificultava para muitos que pretendiam se especializar em alguma profissão. A Lei de Diretrizes e Bases, nº 5692 de 11 de novembro de 1971, que regulamentava o ensino na época não exigia o teste. Esta legislação fixava modificações importantes para a escola brasileira, incorporando o antigo ensino primário e ginasial em um único curso, chamado 1º grau, representado por um período de oito anos letivos. O ensino do 1º grau era sucedido pelo de 2º grau, correspondendo a três anos de escolarização (BRASIL, 1971).

Sabe-se que após a Reforma Universitária, o critério para a entrada nas universidades passou a ser o vestibular (BRASIL, 1968). A literatura não esclarece a obrigatoriedade do psicotécnico para o ingresso dos calouros na EEUFMG, sendo

uma condição interna da escola de enfermagem, sem reconhecimento legítimo. Uma das possibilidades para tal exigência seria uma forma de controlar e traçar o perfil do candidato à vaga na escola. Todavia, trata-se de uma lacuna que merece ser melhor explorada para compreensão do contexto histórico que envolve a profissão na EEUFMG.

Em geral, a escolha pela enfermagem como carreira foi vivenciada pelos participantes da pesquisa por preconceitos que iniciaram no momento da opção pela área, perpassando na formação acadêmica e que perpetuaram no exercício da profissão. Asif (2019) demonstrou que todos os participantes do seu estudo foram ridicularizados por escolherem enfermagem como profissão, inclusive por parentes próximos. Questionamentos por partes de amigos sobre não terem se esforçados mais para fazer medicina ou outro curso de maior reconhecimento social também são apontados na literatura (CARNEVALE; PRIODE, 2018). O discurso dos entrevistados ilustra esse achado:

Por que você está fazendo enfermagem? Faz medicina de uma vez. Questionamentos que vieram dos amigos, dos colegas e da família também. Não houve uma pressão, mas falavam, porque a enfermagem? Ela não tinha reconhecimento. Hoje está até aparecendo muito na mídia, mas naquela época tinha um preconceito que ainda tem até hoje, da história profissional mesmo, da origem (ROSA, 2020).

O preconceito estava dentro da minha casa também, então foi uma luta muito grande até para dizer para outras pessoas que eu estava fazendo enfermagem. As pessoas daquela época tinham um certo preconceito, achava que homem não podia fazer enfermagem, que homem tinha que fazer outras coisas, que enfermagem era profissão de mulher. Teve muito isso no meu tempo, foi uma luta, uma certa dificuldade que tive que me conscientizar, de viver e conviver com isso (COSTA, 2020).

Observa-se nas narrações acima, que o participante precisou aprender a conviver com o preconceito para seguir com sua opção de carreira. Estudo de Feng *et al.* (2019), em quatro universidades na cidade de Jinan, China, demonstrou que o sofrimento psíquico foi visto em 82,2% dos homens que ingressaram na graduação em enfermagem, principalmente por aqueles que fizeram a escolha de carreira desinformada ou por segunda opção. Muitos desistiram da graduação devido ao preconceito que sofriam.

No momento de interação com os participantes do estudo foi possível perceber emoção em um deles, este chorou ao expressar a dificuldade de aprender e ter que conviver com o preconceito, confirmando que esta discriminação iniciou na escolha e

se manteve ao longo de sua formação acadêmica. Alguns entrevistados pensaram em desistir da graduação em virtude da discriminação sofrida, todavia, o desejo de profissionalizar fez com que persistissem para alcance da formação superior.

Historicamente o preconceito faz parte da trajetória da profissão, ao admitir homens e mulheres sem qualificação para exercerem o cuidado ao doente, além da submissão às ordens médicas. A profissão carrega consigo a marca das ordens religiosas e da precursora da enfermagem moderna, Florence Nightingale que conferiu à profissão como atributo às mulheres, apagando os homens do ofício (MCENROE, 2020). A sociedade estabelece que homens busquem ocupações que sejam apropriadas para o sexo masculino como medicina, odontologia, medicina veterinária, engenharias consideradas profissões de maior prestígio social (SAYMAN, 2014). Ao saírem do padrão estabelecido os homens são julgados e discriminados, causando desconforto e dificuldade em se estabelecer dentro da área.

As entrevistas revelaram que todos os participantes sofreram preconceito, seja por parte da família, amigos e colegas, mesmo que de forma tênue, na escolha profissional. A medicina, já mencionada como primeira opção de carreira pela maioria dos entrevistados, é vista também como sendo a preferência da sociedade ao opinar na decisão profissional de terceiros, confirmando seu valor social.

Homens que optam pela enfermagem, além do preconceito da escolha pela profissão, também foram discriminados dentro da escola. O trabalho de Golden (2018) refletiu sobre o tema e descreveu que os homens sofreram preconceito, principalmente por parte do corpo docente, que não os incentivavam durante o processo de formação. O autor também destaca que os homens sofriam críticas por parte dos instrutores práticos e dos funcionários dos hospitais universitários quanto a opção pelo curso de enfermagem.

Christensen e Knight (2014) identificaram que os homens precisaram desenvolver limites com as colegas, já que quando não eram vistos como homossexuais eram apontados como predadores sexuais. Esta discriminação sofrida apresenta destaque pelos participantes que experienciaram o preconceito dentro da escola, mas principalmente nos campos de estágio.

Dentro da escola também tinha um pouco de preconceito, mas no estágio era maior, mas dentro da escola também tinha um pouco. Pelo fato de ser homem, parece que eles achavam assim, não é seu universo, o que você veio fazer aqui, sabe? Esse tipo de coisa, não era assim tão aberto (o preconceito), até com as próprias colegas. Ninguém colocava de fora ali,

alguns até tentavam, porque você escolheu enfermagem e tal? E achava às vezes, muitas vezes achava que eu era afeminado. E ainda não deixou de existir, mas na época era muito maior, e então tinha isso, achava que se você estava ali, você era homossexual (SANTOS, 2020).

Conforme apresentado no estudo de Golden (2018), os entrevistados relataram dificuldade por serem homem dentro e também fora da escola, especialmente com professores e nos campos de estágio. O rótulo imposto ao logo do tempo de que homens na enfermagem são incomuns acabam se exacerbando no contexto social, ao identificá-los como homossexuais, o que dificulta seu reconhecimento dentro da área saúde e na sociedade de modo geral.

Ao contrário dos colaboradores da pesquisa de Christensen e Knight (2014), que foram vistos como predadores sexuais, não só entre as alunas, mas também com as amigas da família, os entrevistados deste estudo não receberam a representação de libidinosos. Relataram uma relação de reciprocidade com as colegas durante o curso e nos estágios, expressando respeito, carinho, cuidado e empatia para uns com os outros.

Um incômodo narrado por um dos participantes foi a terminologia aplicada para designar homens e mulheres na profissão sempre como “enfermeira”. Padilha, Vagheti e Brodersen (2006) abordam no estudo sobre gênero e enfermagem que o termo foi mantido no feminino até quando a profissão foi apenas composta por mulheres. Contudo, o vocábulo continuou em alguns documentos, decretos e leis que norteavam a profissão até a década de 1960.

A ficha de admissão do primeiro homem graduado na EEUFMG em 1964 (ANEXO A), os dados da identificação eram dirigidos ao sexo feminino, como “a candidata”, “a enfermeira”, confirmando os achados de Padilha, Vagheti e Brodersen (2006). Entretanto, na década seguinte, mesmo com as mudanças do ensino implantadas através da Reforma Universitária, o uso do termo para referir a homens e mulheres na profissão se mantinham no vocabulário social conforme é expresso na fala do entrevistado.

Às vezes até no linguajar das pessoas, na denominação, falavam enfermeira, naquela época não usava os dois termos: enfermeiro/enfermeira, às vezes a gente vivia com aquilo, a gente era acostumada com aquilo, não tinha problema nenhum. Agora, francamente, o problema maior era fora, você tentar explicar como era aquilo, o que de fato o enfermeiro fazia, mas eu acho que a gente conseguiu conviver com isso (FERREIRA, 2020).

Ainda que o uso do termo no feminino na enfermagem tenha causado incômodo para os homens, ele simbolizou a compreensão da realidade da enfermagem mundial como uma profissão de dominação feminina (JAFREE; ZAKAR; ZAKAR, 2015). Todavia, com a entrada de homens no curso de enfermagem, nas instituições de saúde e entidades de classe, o termo “enfermeiro” passou a ser utilizado na linguagem da profissão e nos documentos escritos (PADILHA; VAGHETTI; BRODERSEN, 2006). Na atualidade, a expressão “enfermeiro”, no masculino, é empregada para caracterizar os homens na profissão.

A pesquisa apresentou que os homens precisaram habituar-se com o preconceito pela escolha de carreira, uns mais que outros, já que cada um necessitou criar mecanismos de enfrentamento, seja no momento da escolha, na formação acadêmica ou no exercício da profissão. Carnevale e Priode (2018) revelaram que as estratégias para enfrentar o preconceito na profissão encontram-se na apropriação do conhecimento, por meio do saber técnico científico, e divulgação do trabalho da enfermagem no que se refere às atividades que estes profissionais produzem para a sociedade. É apenas conhecendo o ofício desta classe que as pessoas serão capazes de reconhecer quem é e quais são as ações que executam e, assim, poderão valorizar, ter mais respeito e empatia pela categoria profissional, independente do sexo.

4.3 O lado ruim da escolha: barreiras enfrentadas pelos homens durante a graduação em enfermagem

As categorias 2 e 3 respondem ao segundo objetivo específico da pesquisa, que visou compreender como era ser homem em uma escola de enfermagem com predominância feminina. Esta categoria revelou que a EEUFMG e também os campos de prática foram repletos de barreiras no que se refere à formação acadêmica, afetando o potencial dos estudantes na busca da realização de carreira.

O estudo de O’Lynn (2004) acerca dos obstáculos enfrentados por homens nas escolas de enfermagem destacou, dentre os entraves: não se sentir bem-vindo como estudante na prática clínica; nervosismo no cuidado com pacientes do sexo feminino, receio de acusações de inadequação sexual ao fornecer cuidados íntimos, comentários preconceituosos pelo corpo docente na sala de aula, exclusão nas atividades práticas, falta de preparo do programa com os alunos do sexo masculino

para trabalhar principalmente com mulheres, limitações na assistência nas clínicas de obstetrícia/ginecologia, associação do homem para atividades de enfermagem que requer força física e, ainda, ausência de outro homem na classe de enfermagem.

Desse modo, esses achados têm pontos de similaridades e pontos discordantes com a presente pesquisa. As principais barreiras relatadas pelos entrevistados deste trabalho estão: os padrões estabelecidos pela escola para a formação discente, a falta de preparo da instituição para receber os alunos homens, a ausência de pós graduação *stricto sensu*, a ênfase dada ao trabalho hospitalar não abordando outras áreas de atuação do enfermeiro, o excesso de acadêmicos nos campos de estágio, a opressão da medicina, as dificuldades de atuação na área de obstetrícia e maternidade, a necessidade de trabalhar para manter-se no curso, as rotinas de estudos pesadas e, ainda, a desvalorização da carreira.

Nos documentos examinados foi possível identificar a relação de diplomados da EEUFMG desde a 1ª turma em 1936 até 2004, todavia, em função do marco cronológico deste estudo, foram analisados os homens formados entre os anos de 1970 e 1979. Fato é que desde sua criação, o predomínio do público feminino se equipara a outros cursos de enfermagem no Brasil (COSTA; FREITAS; HAPOGIAN, 2017; SANTOS *et al.*, 2016). Neste sentido, os participantes desta pesquisa são os primeiros homens a formarem na escola e a historiar suas vivências no curso de graduação em enfermagem, contribuindo para preencher uma lacuna acerca da história da enfermagem na EEUFMG. A ideologia defendida pela escola foi um ponto marcante relatado pelos entrevistados, ao informar acerca das restrições impostas pelo sistema educacional e até a exclusão do programa em virtude da reprovação em disciplinas do curso, conforme os relatos abaixo:

Na ocasião eram professores mais antigos e tinha uma linha muito dura, eu achava, eu queria alguma coisa que fosse mais ampla, mais aberta, mas não foi assim. Eles falavam uma coisa e tinha que ser da forma que eles falavam e eu não aceitava muito, entendeu? (SILVA FILHO, 2020).

Não cheguei a parar a graduação, mas atrasei minha formação. Como a disciplina (específicas da enfermagem) tinha como base a patologia, então eu não poderia seguir as outras, então eu fui ficando para trás. Eu tinha que pagar patologia para seguir em frente, nessa época não tinha isso de dever matéria. O fato de não passar na disciplina de patologia levou a conversarem comigo para desistir do curso. Foi isso. Eu não desisti, porque eu não fiz nada, era meu direito (MACHADO NETTO, 2020).

Mediante as narrativas dos participantes, pode-se inferir que os princípios da escola seguiam um padrão de ensino com bases nas legislações vigentes. À época, o currículo mínimo de qualquer curso de Enfermagem e Obstetrícia deveria atender ao Parecer nº 163/1972, que estabelecia a divisão do currículo em três eixos, quais sejam: ciclo básico, o qual incluía as disciplinas do 1º ciclo comum a todos os cursos da instituição na área das Ciências da Saúde; ciclo profissional, que considerava as disciplinas específicas da graduação em enfermagem e os capacitava ao acesso à etapa seguinte; as habilitações, que contemplavam às matérias adequadas à formação do Enfermeiro Médico-Cirúrgico, da Enfermeira Obstétrica e do Enfermeiro de Saúde Pública (BRASIL, 1972). A constituição desta matriz foi confirmada ao examinar o histórico escolar dos entrevistados (FIGURA 4).

CURSO SUPERIOR									
CURSO DE _____									
HABILITAÇÃO(S): _____									
ANO LETIVO	SÉRIE	DISCIPLINAS				RESULTADO			
		CÓDIGO	TPO	DESCRIÇÃO	CÓDIGO	CRÉDITOS	PONTOS	CONCEITO	FINAL
<u>CICLO BÁSICO</u>									
1975	2º	BIC102	CH	Genética e Evolução	054	02	57,6	B	B
		BIC103	CH	Bioquímica Celular	052	05	61,9	C	A
		BIC101	CH	Microbiologia Médica	034	02	71,1	C	A
		BOF101	CH	Citologia e Histologia Geral	067	04	61,2	C	A
1976	1º	BIC102	CH	Genética e Evolução	054	02	61,9	C	A
		BIC103	CH	Imunologia Médica	046	02	50,0	B	B
		FIB101	CH	Fisiologia Médica	061	02	65,5	C	A
		FIB105	CH	Biofísica	032	01	61,2	C	A
		BOF102	CH	Histologia Geral	020	01	75,5	B	A
		BOF103	CH	Histologia Especial	056	04	44,0	B	B
	BOF104	CH	Int. à Anatomia de Hauffero	026	02	63,0	C	A	
	2º	BIC103	CH	Imunologia Médica	046	02	64,0	C	A
		FAB101	CH	Farmacologia Médica	033	02	65,5	C	A
		FIB102	CH	Fisiologia Médica	056	03	71,0	C	A
BIC102		CH	Microbiologia Aplicada à Inf.	045	02	60,6	C	A	
1977	1º	BOF103	CH	Histologia Especial	056	04	72,5	C	A
		BOF102	CH	Anatomia Aplicada à Enfermagem	147	05	75,0	B	A
		FAC101	CH	Patologia Geral I	062	03	57,0	B	B
		FAB102	CH	Farmacologia Aplicada à Inf.	068	03	61,3	C	A
		FAC102	CH	Patologia Geral I	062	03	72,0	C	A
		BOF104	CH	Parasitologia Médica	074	03	70,2	C	A

Figura 4: Disciplinas do Ciclo Básico do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFMG- Década de 1970.

Fonte: Seção de Ensino da EEUFMG.

CURSO SUPERIOR									
CURSO DE _____									
HABILITAÇÃO(ÕES): _____									
ANO LETIVO	SEMESTRE	DISCIPLINAS					RESULTADO		
		CÓDIGO	TIPO	DESCRIÇÃO	VALOR APROVADO	CÉDULAS	PONTOS	CONCEITO	FINAL
<u>CICLO PROFISSIONAL</u>									
1977	1ª	ENF101	CM	Introdução à Enfermagem	075	04	67,0	C	A
		ENF107	CM	Nutrição	030	01	65,0	C	A
		PSI154	CM	Psicologia(Deenv./Personal.)	090	06	63,0	C	A
	2ª	SOA121	CM	Sociologia	060	04	65,0	C	A
		ENF117	CM	Introdução à Saúde Pública	090	04	61,75	B	A
		ENF110	CM	Administração Aplicada à Enf.	045	02	71,0	C	A
1978	1ª	ENF111	CM	Didática Aplicada à Enfermagem	060	03	74,0	C	A
		ENF112	OP	História da Enfermagem	030	02	50,0	B	A
		ENF110	CM	Enf. Médico-Cirúrgica I	225	11	62,46	C	A
	2ª	ENF114	CM	Enf. em Primeiros Socorros	030	01	60,0	E	B
		ENF111	CB	Métodos e Técnicas de Enf.	075	02	79,6	B	A
		ENF115	CM	Enf. Médico-Cirúrgica II	300	11	69,85	C	A
1979	1ª	ENF114	CB	Enf. em Primeiros Socorros	030	01	76,5	B	A
		ENF113	OP	Enfermagem Ortopédica	045	02	70,3	C	A
		ENF106	CM	Enfermagem Psiquiátrica	150	06	61,3	B	A
	2ª	ENF116	CM	Administração Aplicada à ENFII	165	06	68,4	C	A
		ENF113	CM	Enf. Materno-Infantil I	300	12	69,6	C	A
		PSI101	CM	Estudo Problemas Brasileiros A	015	01	62,0	A	A
2ª	ENF107	CM	Exercício da Enfermagem	030	02	78,1	B	A	
	ENF109	CM	Enf. em Doenças Transmissíveis	105	04	70,2	C	A	
	ENF114	CM	Enf. Materno-Infantil II	355	11	64,2	C	A	
		PSI102	CM	Estudo Problemas Brasileiros B	015	01	62,0	A	A

Figura 5: Disciplinas do Ciclo Profissional do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFMG- Década de 1970

Fonte: Seção de Ensino da EEUFMG.

Traçando uma linha panorâmica do ensino universitário brasileiro à época, é oportuno assinalar que a divisão do curso de graduação em duas partes (ciclo básico e profissional) atendia às determinações da Lei n.º 5.540 de 28 de novembro de 1968, que também preconizava a extinção da cátedra, a introdução do regime de tempo integral e dedicação exclusiva dos professores, a consolidação da estrutura departamental, a criação do sistema de créditos por disciplinas e a instituição da periodicidade semestral (BRASIL, 1968; FÁVERO, 2006).

Nesta perspectiva, muitos aspectos exerceram decisiva influência no destino do curso, sobretudo nas lutas pelos estudantes no sentido de conquistar um espaço na universidade. Conforme mencionado por um participante, foi necessário recorrer

ao conselho de graduação para rever suas condições enquanto aluno, uma vez que havia sido reprovado no 1º ano na disciplina de patologia. Este fato foi confirmado ao acessar os registros do graduando que contemplam a reprovação em mais de uma disciplina do tronco básico, o qual não permitia de fato, pela legislação, avançar para o ciclo profissionalizante.

O documento menciona aumentar o curso de graduação para quatro anos, a fim de propiciar uma categoria mais elevada ao curso, já que até então, a graduação tinha duração de três anos. Opinou-se também sobre a alteração do limite máximo de anos em que o aluno teria o direito a cursar até completar o curso de enfermagem, até então de cinco anos, de acordo com o Conselho Federal de Educação e com a Portaria Ministerial de nº 159, de 14/06/1965 (BRASIL, 1965). O Conselho de Graduação, então, ponderou que a escola acatasse a sugestão de propiciar ao aluno as condições de matrícula, de acordo com as recomendações legais. Fato é que entre meio às reivindicações do aluno, o não aceite de matrícula para manter-se no curso até a sua formação decorreram-se nove anos e a graduação do acadêmico foi concluída em 1975.

Neste cenário, observa-se uma falta de preparo da escola para lidar com as situações de conflito, não só no que tange as legislações, mas também com questões internas da instituição. Sayman (2014) mencionou que o tratamento desigual entre os estudantes do sexo masculino e feminino causou desconforto, mal-estar e isolamento durante a vivência na escola de enfermagem. O corpo docente, composto na sua maioria por mulheres, mostraram indiferença aos poucos homens que se encontravam na graduação, com incidentes sutis de preconceito na sala de aula e também no campo prático. Esse achado foi explanado pelo entrevistado ao mencionar que faltou rede de apoio durante o percurso da graduação em enfermagem e que isso afetou sua formação profissional.

Ser homem na enfermagem, só nós homens mesmo para poder falar, fazer uma reflexão sobre isso, eu tenho certeza que muitos vão falar que não tem nada a ver, mas na realidade tem. Esse inconsciente coletivo feminino ou social que vai forçando a barra para você ali, sozinho se sustentando e falando assim, como é que eu vou fazer? Como que eu vou responder isso? Me revoltou muitas vezes o comodismo da própria escola, de não enxergar um homem e a sua dificuldade, de nunca ter perguntado para o homem o que ele acha. Como que ele está sentindo ali na escola cheia de mulheres e um homem foi se virando sozinho trombando ali, trombando aqui, (emocionou), tentando sair fora dessa, sorrindo e isso não é fácil, foi difícil sim (COSTA, 2020).

Em face ao discurso, é notável o sentimento de inferioridade enfrentado pelo entrevistado durante a graduação. A escola se mostrava pouco envolvida com as particularidades do aluno, o que gerou a insatisfação manifestada pelo mesmo. A sensação de não pertencimento por causa da invisibilidade dada aos homens pelo corpo docente da escola resultou em dificuldade de relacionar com os demais e afetou emocional e academicamente o estudante. Durante a entrevista, o colaborador chorou ao lembrar este momento de isolamento na escola e o esforço feito para superar a situação, sem ter em quem apoiar.

Para Chinkhata e Langley (2018) a falta de parceiros do mesmo sexo tanto no corpo docente como de colegas de classe contribui para a solidão em estudantes homens na enfermagem. O fato de haver poucos ou nenhum colega masculino na turma, a quem os estudantes pudessem compartilhar as experiências e a ausência de professores homens foram contempladas como barreiras no processo de socialização dentro da escola. A narrativa do participante confirma este achado.

A escola não era, não foi, assim, preparada para receber os homens, de apoiar, não tinha essa diferença, acho que deveria ter esse cuidado, mas não teve. Eram poucos homens e a gente sempre estava ali junto com a escola. Para as professoras, nem professor homem existia, era um outro problema, então, assim, a gente ia seguindo ali com certa dificuldade, certo desânimo (COSTA, 2020).

Esta afirmativa também é mencionada por outros depoentes que informaram que a presença de um colega do mesmo sexo funcionou como uma rede de apoio, por terem uma compreensão comum e poderem compartilhar as dificuldades e se ajudarem. Disseram que a prática clínica era mais fácil quando outros homens estavam no mesmo grupo. Esta situação também foi colocada ao inferir que a presença de um colega homem foi o que os sustentaram para que não desistissem do curso.

A presença de professores do sexo masculino no ciclo básico, quase que na sua totalidade composto de médicos, também foi relatada como sendo oportuna e considerada o melhor momento da graduação, devido a interação social, uma vez que as disciplinas eram ofertadas com a outros cursos como: medicina, farmácia e odontologia.

Ao iniciar o curso, as disciplinas eram ministradas no ICB (Instituto de Ciências Biológicas) que albergava os cursos de Medicina, Enfermagem,

Psicologia, Farmácia, Bioquímica, Odontologia e Fisioterapia e os alunos faziam as matérias em conjunto, tais como: citologia, histologia, parasitologia, embriologia, fisiologia, dentre outras. Passei a ter muitos colegas e até hoje amigos meus, desde aquela época. Todos os alunos, de todos os cursos juntos e as aulas eram dadas dentro da Escola de Medicina, era muito bom! (GRENFELL, 2020).

Todavia, no ciclo profissionalizante alguns entrevistados, comentaram que a falta de um modelo masculino a quem pudesse espelhar acabou por dificultar o processo de interação dentro da escola.

Esse achado também é discutido na pesquisa de Baptista e Barreira (2006), ao retratar que a Reforma Universitária rompeu com o modelo pedagógico vigente, o que propiciou o descontrole dos diretores sobre a estruturação do corpo discente e o afastamento físico entre professores e estudantes de enfermagem durante do ciclo básico. Era necessário que o corpo docente das escolas de enfermagem no ciclo profissionalizante passasse a ser composto em sua maioria por enfermeiras e com título de mestre. Assim, as professoras vinham de uma formação no modelo Nightingaleano (CAMPOS, 2013), o que provavelmente impactou na relação com os estudantes homens.

A estrutura física da escola também é apontada como uma barreira pelos entrevistados. Antes da Reforma Universitária, as escolas de enfermagem funcionavam em regime de internato, no qual as alunas deveriam residir dentro da instituição (GUTIERRE; SERRES; RIBEIRO, 2016). Assim, na década de 1970, mesmo com as transformações ocorridas, a EEUFMG ainda tinha uma edificação com resquícios do “padrão Anna Nery” (SANTOS *et al.*, 2020). A pesquisa corrobora com este achado ao mencionar que eram poucos os sanitários destinados aos homens na escola no início da década de 1970, além disso, os funcionários da instituição não reconheciam a presença de estudantes masculinos na mesma.

Olha, é um pouco de discriminação, às vezes uma certa desconfiança, às vezes até a estrutura da escola estava preparada só para a mulher. O banheiro nosso, dos homens, acho que só tinha um, então, assim, a escola estava preparada para mulheres mesmo. Depois eles ampliaram, mas no início só tinha um banheiro para homens. As pessoas, às vezes no começo da graduação, quando chegava na portaria era barrado, “opa pera aí”, sou aluno! (SANTOS, 2020).

A extinção do internato forçou uma série de modificações na organização da escola, dentre elas na estrutura física. No entanto, essa reorganização parece não ter

sido fácil, tampouco ter ocorrido de forma veloz. O relato do entrevistado mostra que a escola após a Reforma de 1968 não estava preparada para a inclusão dos homens, uma vez que uma condição mínima necessária, como sanitários ainda era escasso naquele espaço.

A literatura e a documentação não esclarecem como foi o processo de mudança na EEUFMG após a Reforma de Universitária e os impactos ocorridos para os alunos, sendo este um estudo pioneiro neste contexto. Todavia, esta pesquisa representa resultados de um grupo específico, sendo importante novos trabalhos que abordem as repercussões da Reforma também para as mulheres que graduaram na escola durante o período estudado.

Percebe-se que as dificuldades vivenciadas pelos homens, no que tange à falta de preparo da escola para recebê-los, referentes a um corpo docente pouco envolvido com o grupo, poucos colegas do mesmo sexo e estrutura física inadequada, fizeram com que a integração dos homens dentro da escola de enfermagem ocorresse de forma dissonante, no qual estes tentavam "se encaixar" em uma escola com padrões definidos para as mulheres.

Outro aspecto mencionado pelos participantes foi a ênfase dada no curso à área hospitalar. A organização do ensino da enfermagem acompanhou as determinações da Reforma Universitária, no intuito de formar um número grande de profissionais e reorganizar o currículo padronizado pelo Parecer nº 163/1972 do Conselho Federal de Educação (BRASIL, 1972). A matriz curricular era alicerçada em uma visão tecnicista da saúde, o que dificultava o saber acerca dos fatores determinantes e condicionantes do processo saúde-doença, uma vez que era centralizado no modelo hospitalocêntrico (CARLOS *et al.*, 2018). Os resultados desta pesquisa corroboram com os achados da literatura.

A saúde pública não era foco do ensino, pois o nosso curso era mais focado na área hospitalar, curativa. Mais adiante, fiquei trabalhando nos postos de saúde do INAMPS (Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social), no Ambulatório Carlos Chagas e no Hospital das Clínicas, onde ampliei meus conhecimentos na promoção, proteção e prevenção das doenças. O meu foco mesmo foi na área hospitalar (SOARES, 2020).

Ainda que o currículo da EEUFMG fosse predominantemente voltado para o serviço hospitalar, eram vislumbradas outras áreas de atuação, entre elas o campo da saúde pública (SANTOS; MARQUES, 2015). Um dos participantes afirmou que foi

durante os poucos momentos que teve contato com a saúde pública na graduação que ele identificou o campo fértil na luta contra o modelo médico hospitalar, avistando como um espaço de ocupação no cuidado aos pacientes, atuação na educação em saúde e elaboração de um modelo de enfermagem autônoma, como parte ativa da equipe de saúde, com ampliação da visibilidade e reconhecimento social do trabalho do enfermeiro. Todavia, o modelo assistencial vigente naquele período culminou pela atuação da maioria dos graduados deste estudo no serviço hospitalar.

Ainda que a atenção terciária fosse o foco da graduação em enfermagem, os entrevistados relataram dificuldade em experienciar a prática nos campos de atuação acadêmica. As mulheres eram privilegiadas por serem maioria, assim, eles precisavam se esforçar mais do que as colegas do sexo oposto para poder acompanhar e realizar as atividades práticas.

Existia muita dificuldade de inserir o homem no campo. Veja bem, você sabe que eu estava na época de 70, essa época 95% do grupo todo era mulher. Lógico que as mulheres teriam maiores possibilidades. A gente, como um homem, ficava ali tentando acompanhar, tentando mesmo, fazendo muito esforço para acompanhar, muitas vezes a gente conseguia, muitas vezes não, mas eu acho que mesmo assim valeu a experiência e essas dificuldades fazem parte de uma corrida atrás do desenvolvimento, de preparação para o enriquecimento pessoal. Nada é feito com facilidade, tudo é feito buscando, cada um buscando a sua experiência, correndo atrás (COSTA, 2020).

Assim, as dificuldades percebidas no discurso do entrevistado corroboram com os achados das pesquisas de Carnevale e Priode (2018) e O'Lynn (2004), uma vez que os participantes de tais estudos também relataram serem excluídos de certas práticas de enfermagem, priorizando que o procedimento fosse executado por mulheres. Em certas ocasiões os estudantes homens eram orientados a somente observar a prática ou até mesmo eram convidados a saírem do ambiente de assistência. Nos relatos, foi possível observar o tratamento desigual entre os estudantes do sexo feminino e masculino, o que proporcionou identificar um desconforto vivenciado pelo homem durante o percurso na universidade.

A reprodução do estudo de O'Lynn (2004) por Keogh e O'Lynn (2007), acerca das barreiras de gênero na enfermagem nos Estados Unidos da América e Irlanda, correlaciona a presença dos homens nos estágios curriculares com a força física, sendo chamados para a intervenção do cuidado em procedimentos que exigiam levantamento de peso ou ainda para lidar com pacientes difíceis ou agressivos, devido aos estereótipos masculinos de serem mais fortes. Nesta pesquisa evidenciou um

outro contexto, uma vez que os participantes não citaram a associação de sua atuação nos campos de prática com a força física, sendo um achado discordante da literatura investigada.

Por sua vez, o estudo de Sayman (2014) reflete que as dificuldades em experienciar a prática nem sempre é somente uma barreira institucional, mas também do próprio homem que precisa lutar para superar os problemas que apresentam nos campos práticos, durante e após o período de formação. A narrativa abaixo confirma este achado:

Às vezes as pacientes não se incomodavam de serem cuidadas por mim, muitas me chamavam de doutor, aí eu falava: não sou doutor não, sou acadêmico de enfermagem, assim, elas começavam não me querer por perto, não deixava olhar. Mas eu admito que também teve muito falha da minha parte, mais minha do que das pacientes (SILVA FILHO, 2020).

Whiteside e Butcher (2015) trazem que os homens demonstram muitas limitações com relação às intervenções que envolvem a mulher, principalmente quando se refere aos procedimentos relacionados ao toque na genitália. Há preocupações com interpretações errôneas e medo de alegações sexuais. Assim, acabam por criar estratégias para o enfrentamento em relação ao toque íntimo, como por exemplo, solicitar a uma colega do sexo feminino que assuma a intervenção do cuidado em determinado ponto ou ainda pedir auxílio de algum familiar.

Christensen, Welch e Barr (2018) trazem que os homens tentam diminuir as tensões dentro da profissão optando por áreas de atuação nas quais os cuidados pessoais são menos necessários, como, por exemplo, nos serviços de urgência e emergência, centro cirúrgicos, saúde mental e cargos de liderança. Neste estudo, foi possível identificar que os homens entrevistados seguiram áreas diversas, tais como: saúde pública, assistência hospitalar e enfermagem do trabalho.

Ainda que os alunos tivessem dificuldade para realizar as práticas, outro ponto trazido pelos participantes acerca das barreiras e não discutido em outros estudos desta natureza foi o excesso de alunos nos estágios. Conforme a Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, era exigido o estágio supervisionado em hospital e outros serviços médicos sanitários, a critério da instituição, com carga horária não inferior a 1/3 da totalidade da parte profissionalizante do currículo, porém, a lei não definia a quantidade de alunos por campo de estágio, o que acabava por findar em um excesso de alunos nestes locais (BRASIL, 1971; PINHEIRO, 1988).

Os estágios tinham muita oportunidade, bem orientado, a questão que o acompanhamento, às vezes, não era tanto, às vezes era muito difícil, muito aluno. Às vezes, seis, sete, oito, dez alunos numa mesma enfermaria (SANTOS, 2020).

É sabido que o estágio supervisionado oportuniza a formação do aluno enquanto vínculo educacional e profissional, sendo visto como uma experiência fundamental na aprendizagem, uma vez que propicia correlacionar teoria e prática. Exige do educando a efetivação da práxis nas atividades desempenhadas, oportunizando aprofundar no fazer reflexivo e, dessa maneira, promover a qualidade na intervenção de saúde realizada, resultando em aprendizagem significativa por meio do desenvolvimento de habilidades e do saber discente (MARRAN; LIMA; BAGNATO, 2015).

Dessa forma, conforme o relato do participante, o excesso de alunos no campo de estágio era um ponto dificultador que comprometia o aprendizado. Além do mais, a aprendizagem não deve ser percebida somente como uma exigência educacional, é necessário que a formação do aluno seja capaz de refletir sobre a prática e articular o ensino e o serviço prestado. Um campo prático com excesso de alunos dificulta o aprendizado e impossibilita o preceptor de atuar de forma ativa na construção do conhecimento junto ao acadêmico.

Ainda que o enfrentamento, no que se refere aos campos de estágios com excesso de alunos, tenha sido um obstáculo na academia, a opressão da medicina nos hospitais universitários também se fez barreira para os homens na graduação em enfermagem. Apesar da importância da Reforma de 1968 para a história da enfermagem, como um momento de reconfiguração da profissão, o processo de novas percepções sociais em prol da autonomização da escola e da legitimação do campo profissional não foi fácil.

Esse atraso da enfermagem para ingressar no processo de profissionalização, devido à reprodução por longos anos das amarras da submissão, da religiosidade, e ainda do domínio feminino, contribuiu para a reprodução das relações de trabalho sustentada pela hegemonia da medicina, submetendo outras profissões da saúde ao método medicalizante. A enfermagem não dispunha de autonomia profissional e não tinha o reconhecimento de valia social, tampouco domínio de um campo apropriado de conhecimento (BELLAGUARDA; PADILHA; NELSON, 2020; FREIDSON, 1988).

Esta afirmativa é evidenciada neste estudo, o discurso do participante reforça o poder que a medicina exercia (e ainda exerce) sobre a enfermagem. A submissão da enfermagem é vista pelo entrevistado, principalmente pela mulher, que acatava as ordens definidas pelo corpo clínico.

Para mim pode ter ocorrido algumas coisas, porque até a competição corporativista com a medicina, os médicos são pesados nessa parada aí, mas eu acho que é uma profissão muito bem feita, mas naquela época a gente tinha essa dificuldade porque a gente achava que as mulheres contentavam com pouco, a gente comentava com as pessoas da insatisfação de ir para um hospital e ser praticamente humilhado pela medicina, pelos médicos, com pedidos, com ordens e a gente não tinha o apoio necessário nem a estrutura necessária para responder a essas dificuldades (COSTA, 2020).

Dado o exposto, é possível refletir neste discurso que a autonomia profissional dos enfermeiros é limitada e condicionada pelas demandas do trabalho médico. A permissividade nos modos de ser e agir do enfermeiro, principalmente no contexto hospitalar no qual o médico consegue exercer seu poder de modo ainda mais expressivo, resulta em desmotivação, tensões e conflitos no enfermeiro.

Um estudo conduzido por McEnroe (2020) discutiu que Florence Nightingale considerava a imagem da enfermagem como subordinada, nutridora, doméstica, humilde e abnegada. Da mesma forma, a construção social da enfermeira normalmente significa uma mulher atenciosa e trabalhadora. Por sua vez, Arif e Khokhar (2017) mencionaram que os papéis de nutrição, cuidado, dependência e submissão dados às mulheres são opostos aos que são atribuídos aos homens na sociedade, estes são mais competitivos, agressivos e líderes, além de não aceitarem a submissão tanto quanto as mulheres.

Neste sentido, o momento da graduação é oportuno e profícuo para trabalhar e desenvolver a competência de governança no aluno, pois é durante a formação que se constrói e aperfeiçoa a imagem do indivíduo, vislumbrando valores e conhecimentos que serão aplicados na prática profissional. Ainda que o peso da técnica componha parte da matriz curricular dos cursos de enfermagem, os serviços de saúde demandam competências políticas e éticas dos profissionais, as quais reconheçam o enfermeiro como profissional apto para o mundo do trabalho (SOARES; CAMPONOGARA; VARGAS, 2020). No tocante, é preciso lutar continuamente por uma enfermagem que tem saber próprio, não subsidiária à prática médica, como relatado pela maioria dos entrevistados durante sua trajetória acadêmica.

Outra barreira comentada na literatura acerca da experiência dos homens na graduação em enfermagem se trata do estágio na obstetrícia. O estudo de O'Lynn (2004) mostrou que 80% dos homens de sua amostra relataram dificuldades nos estágios com a obstetrícia, o que corrobora com este estudo, no qual somente 20% dos entrevistados disseram não terem tido problemas neste campo de atuação. Para Golden (2018), esta barreira não ocorre somente no setor de assistência à gestante e puérpera, é um problema discriminatório que ocorre também pelos docentes de enfermagem, acompanhantes ou ainda pelo próprio estudante que tem a crença limitante de que não consegue se adequar na assistência às mulheres.

Obstetrícia foi um caos, um constrangimento total, tanto da minha parte quanto do paciente, as puérperas não aceitavam de jeito nenhum a intervenção nossa. Eu ficava totalmente isolado, constrangido, sem saber até mesmo o que fazer e eu falava com os professores, eles diziam que eram assim mesmo, ficou uma coisa assim muito ruim. Pediatria e obstetrícia foram os piores estágios, deu vontade de desistir inclusive, antes de acabar (SILVA FILHO, 2020).

A informação permite elucidar que o estudante do sexo masculino no setor de maternidade e obstetrícia experimentou estresse derivado ao gênero em relação ao toque, muitas vezes resultante de reações negativas da equipe de saúde feminina. Eles vivenciaram e ficaram sujeitos a uma ampla gama de estressores derivados dos estereótipos de gênero.

Na pesquisa de Arif e Khokhar (2017) os aspectos mais desconfortáveis estavam relacionados a: ansiedade de observar as mães durante as dores do parto, ter que realizar procedimentos com as mãos trêmulas, auxiliar as lactantes na amamentação de seus bebês, proceder os exames vaginais e ter que orientar as mães sobre autocuidado e planejamento familiar. Outra situação que acaba sendo um obstáculo é o fato de muitas pacientes considerarem somente os médicos obstetras homens como de confiança, com mais capacidade técnica, enquanto os estudantes de enfermagem são vistos como jovens e sem maturidade para lidar com um momento íntimo ao qual elas vivenciam. Ainda que esses achados da literatura não tenham sido mencionados pelos participantes desta pesquisa foi possível observar na fala dos mesmos a dificuldade com as mulheres durante as práticas curriculares de obstetrícia.

Um estudo conduzido por Golden (2018) identificou que mais da metade dos estudantes do sexo masculino preferiam lidar com homens. Essa preferência, em parte, pode ser cultural, todavia, os alunos relataram vários fatores que podem ter

contribuído para este aspecto: falta de apoio dos supervisores de estágio, profissionais rígidos e insensíveis; falta de cooperação do paciente; rejeição para com os homens. A referida pesquisa ainda apontou que os alunos consideraram a avaliação e o cuidado do recém-nascido, o parto cesáreo e a educação materna experiências interessantes e positivas, o que reforça a alegação de que o desgaste do papel está relacionado às percepções sociais e não à especialidade da enfermagem.

Neste estudo, o estágio na pediatria foi mencionado nas entrevistas como outro obstáculo. Ainda que esta temática seja subexplorada na literatura é importante esclarecer as barreiras que dificultam os homens a prosseguir em áreas específicas, como, por exemplo, a pediatria. Meadus e Twomey (2011) relatam que homens na pediatria são percebidos somente como médicos, já as mulheres como enfermeiras, associando a figura da enfermeira com a da mãe que cuida e protege seus filhos. Sendo assim, os homens neste ambiente passam por situações discriminatórias por parte dos pais, que correlacionam o cuidado como um ato da mulher e de que enfermeiros homens são incapazes de assistir às crianças, pois, são mais grosseiros e fortes.

Outro ponto trazido por um participante foi a exclusão dos homens no estágio de obstetrícia, sendo encaminhados para o setor de urologia. O estudo de Pelá e Imperatriz (1972), pioneiro no país acerca das justificativas das escolas para a omissão do ensino de enfermagem obstétrica neste período, explica que a exceção do homem nas atividades de obstetrícia era em parte pela não aceitação da direção do hospital para que homens prestassem assistência às gestantes e puérperas, mas também à rígida tradição de ensino de enfermagem, no qual somente mulheres podiam prestar cuidados no ciclo grávidico-puerperal, alegando que o ensino aos estudantes do sexo masculino, além de ser desnecessário, era muito embaraçoso para as pacientes.

O estudo demonstrou esses achados, no qual alguns entrevistados relataram serem encaminhados para o setor de urologia, enquanto as alunas eram direcionadas para o campo de pré-natal, salas de parto e maternidade. Ainda que os entrevistados tenham informado não terem problemas de experienciar a prática neste setor, a própria escola separava homens e mulheres e impedia muitas vezes, a permanência dos discentes masculinos nos setores de saúde da mulher.

A única vez que eu tive dificuldade é que a escola, parece que ela tinha um certo preconceito com a gente eu acho, que o único estágio que a gente não fez foi o estágio de obstetrícia, a gente fazia era urologia. As meninas iam para aquele estágio, pré-natal e a gente fazia algumas partes, mas esse contato, assim, com gestante as meninas que iam e os homens iam para outro espaço, para urologia. O único preconceito que teve, que eu achava, que eu vi, foi da própria escola com a gente, porque se eu tivesse de fazer aquele estágio eu não teria problema (FERREIRA, 2020).

Pelá e Imperatriz (1972) apontam que a Portaria nº 106, de 28 de abril de 1965 estabelecia que nos cursos de auxiliar de enfermagem os alunos homens poderiam optar pela disciplina de enfermagem obstétrica ou urológica. Todavia, escolas de nível superior como foi a EEUFMG não mantinham essa linha e os alunos eram encaminhados para a urologia conforme relato do participante.

O depoimento acima é dado pelo participante que formou em 1971, o que pode justificar que a escola ainda não tinha se adaptado às novas conjunturas propostas pela Reforma Universitária, contudo, um participante que formou em 1979 teve relato semelhante, o que possibilitou concluir que ainda, no fim da década de 1970, o estigma que envolvia os homens no estágio de obstetrícia não estava bem resolvido.

O campo de estágio na obstetrícia era a maternidade Otaviano Neves. Eu fui assistir um parto, eu era aluno, queria aprender, queria assistir o parto, eu estava no estágio e mesmo assim a médica não queria deixar eu entrar não. Eu falei: olha, eu estou fazendo estágio aqui, eu sou acadêmico de enfermagem, mostrei para ela o crachá. E ela disse: Não interessa! Aqui enfermeiro não entra (JOSÉ, 2020).

A questão é que a obstetrícia, ainda nos dias atuais, não é campo fértil para os homens, os estereótipos que envolvem essa área ainda prevalecem (CARNEVALE; PRIODE, 2018; GOLDEN, 2018; SANTOS, 2020). O conhecimento dos estudantes acerca dos cuidados de enfermagem à saúde da mulher é primordial no programa de graduação em enfermagem, uma vez que é considerado como área disciplinar relevante para a prática de enfermagem e para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Assim, os educadores de enfermagem devem ter uma abordagem proativa ao discutir a importância do sexo masculino neste campo, fazendo a inclusão e envolvimento de qualquer estudante de enfermagem, seja na assistência na área hospitalar, atenção primária à saúde, serviços especializados, onde o cuidado à gestante e puérperas se fazem necessários. Considera-se que novos estudos sobre as vivências dos homens na saúde materna infantil merecem ser descortinados.

Um novo aspecto trazido pelos participantes acerca das barreiras se refere ao fato de trabalhar e estudar. Ainda que sejam atividades dicotômicas, são bastante corriqueiras nos dias atuais (MAIER; MATTOS, 2016). No entanto, já era uma prática comum na década de 1970 pelos homens, já que a maioria dos entrevistados do estudo relataram estudar e trabalhar para se manter no período da universidade.

Trabalhava noite sim e noite não, quando ia assistir aula no dia seguinte você estava morrendo de sono, então a hora que você dormia era de 11h30 até 14h, depois tinha que acordar para assistir aula de novo, dormia naqueles bancos que tem na escola. Ia até as 17-18h, chegava em casa tomava um banho e dormia, no outro dia ia para escola, a noite ia para o trabalho (ALMEIDA, 2020).

Na fala acima, observa-se que a rotina composta de compromissos oriundos da vida acadêmica e do trabalho, ajustada pelo estudante que também era trabalhador, fez com que as atividades que propôs desempenhar não fossem fáceis. Para estudar na EEUFMG que ofertava o curso de enfermagem no turno diurno e integral, os alunos que estavam inseridos no mercado de trabalho precisavam trabalhar em serviços que lhes oportunizassem trabalhar em turnos, ou seja, um emprego noturno para que fosse possível estudar durante o dia. Essa situação foi identificada no relato acima, no qual o participante exercia a função de atendente de enfermagem em um hospital da capital mineira.

Também era comum naquela época que estudantes de enfermagem, após o término do ciclo básico, fossem convidados para atuarem em hospitais como acadêmicos de enfermagem, devido a mão de obra escassa que prevalecia na época (TEODÓSIO; PADILHA, 2018). Alguns entrevistados confirmaram tal acontecimento e relataram terem sido inseridos no ambiente hospitalar após a finalização do primeiro ciclo escolar. Consideraram essa inserção no hospital como uma oportunidade de custear suas despesas pessoais e ainda aproximar da carreira escolhida, mesmo que isso custasse um melhor planejamento do tempo para que as duas atividades fossem bem realizadas.

A classificação de enfermeiro mesmo era uma raridade, praticamente, tinha muito poucos, era mais os atendentes. Então, a gente fazia o papel de auxiliar de enfermagem, porque a gente já tinha concluído a enfermagem básica e assim, te dava direito a essa oportunidade, de trabalhar como acadêmico nos hospitais. Essa oportunidade ajudou me manter na universidade (FERREIRA, 2020).

Entretanto, esta não foi a realidade experienciada por um dos participantes que não conseguiu conciliar trabalho e estudo. Na análise documental, foi possível identificar na ficha deste aluno um documento emitido pela Estação Ferroviária Central negando um horário especial para que o estudante pudesse estudar em período integral, sob a alegação de abrir precedentes para outros servidores. Dessa forma, o aluno não conseguiu frequentar integralmente o curso e precisou atrasar sua formação devido às reprovações por faltas e notas, pois, precisava trabalhar, uma vez que era o sustento da família, já que era casado e com filhos.

Além do desafio de trabalhar e estudar, os colaboradores versaram sobre a rotina de estudos pesada como uma outra barreira durante a graduação na EEUFMG. Gao *et al.* (2019) mostraram como estudantes chineses do sexo masculino tem dificuldades acadêmicas ao longo de sua formação, nas quais incluíam cargas pesadas de estudos, pressão para exames e experiências clínicas desagradáveis. O resultado não foi diferente neste estudo, no qual os alunos reclamaram que os conteúdos estudados eram densos, sendo necessária muita dedicação e tempo para o aprendizado.

Fiquei somente na base do estudo direto, estudando na biblioteca da faculdade de medicina, fazendo pesquisas e exercícios. Só que eu nunca comprei livros de pesquisa, eram caros, sempre ia para a biblioteca, entrava nos intervalos das aulas e quando acabavam as aulas ia direto para a biblioteca e lá ficava estudando até umas 10/11 horas da noite, era difícil o curso. Em seguida ia embora e seguia nessa rotina (SOARES, 2020).

No relato apresentado fica evidente que os estudantes tinham cargas de estudo pesadas, pois além de permanecer em tempo integral na universidade, após o término das aulas iam para a biblioteca para dar continuidade aos estudos. Alguns entrevistados não conseguiram conciliar estudo e trabalho em virtude dessa pressão no ensino, o que poderia levar a reprovações escolares. Nota-se no depoimento acima, que o aluno permanecia na biblioteca para fazer pesquisas e exercícios, já que não tinha condições de comprar os livros didáticos. Uma realidade bem divergente da atualidade, no qual as plataformas digitais propiciam um acesso fácil e rápido a materiais de apoio aos estudantes.

Outra questão oportuna no tocante às barreiras enfrentadas pelos homens no período da graduação em enfermagem se relaciona com a ausência de pós-graduação na área naquele período. Acerca deste tema, evidencia-se que os cursos

de pós-graduação na modalidade *stricto sensu* foram criados em 1969 na América Latina, e no Brasil a EEAN foi responsável pela abertura do primeiro mestrado em Enfermagem em 1972, enquanto que o doutorado foi instituído em 1981, através de parceria entre a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto e a de São Paulo (PADILHA; BARBIERE, NEVES, 2020; SCOCHI *et al.*, 2013).

Em Minas Gerais, a década de 1980 foi um momento significativo para a EEUFMG, uma vez que houve o acréscimo da pós-graduação *lato sensu* com os cursos de especialização. Não obstante, a criação do curso de mestrado foi alcançada em 1993 e o curso de doutorado somente em 2004 (SANTOS; CARREGAL *et al.*, 2018). Assim, a falta de pós-graduação na escola fez com que os homens após a graduação e habilitação em sua área de preferência inserissem no mercado de trabalho e não considerassem manter os estudos na linha *stricto sensu*.

Na década de 1970, se você falar de grupo de pesquisas, mestrado era muito raro, então a gente estava estudando curso de enfermagem, até as meninas também. Depois, dentro da escola, fizeram com o tempo de profissão a pós-graduação, muitas voltaram para escola, mas quando eu me formei eu já tive convite da Secretaria da Saúde para participar do Centro Regional de Saúde onde eu trabalhei com a implantação do Sistema Único de Saúde e dos Centros de Saúde nas cidades do interior (COSTA, 2020).

No último ano, as professoras começaram a conversar comigo, você tem uma boa carga de administração, cursou bem essa disciplina, nós não temos bons professores nessa área, quer fazer mestrado e doutorado? Você tem que ir para São Paulo, ficar lá quatro anos para fazer isso e voltar dando aula na UFMG na área de administração em enfermagem hospitalar. Eu pensei que quatro anos era muito tempo, achei que eu queria era entrar na área (GRENFELL, 2020).

Os relatos acima corroboram com os achados da literatura no que tange a delonga para a abertura dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* na EEUFMG. Além disso, os colaboradores deste estudo acabaram não vislumbrando a carreira acadêmica, uma vez que para dar prosseguimento a este campo era necessário sair do estado e estudar por mais um longo período, sobretudo em São Paulo que possui o programa de doutorado mais antigo do país (PADILHA; BARBIERE; NEVES, 2020).

A urgência de inserir no mercado de trabalho e alcançar a realização profissional, foi sem dúvidas o principal motivo que levou os homens deste estudo a não seguirem a carreira acadêmica, haja vista que nenhum dos entrevistados conquistaram o título de mestre ou de doutor. Este achado refuta a pesquisa de Santos *et al.* (2017), realizada com 20 homens formados na EEUSP no período de 1950 a

1990, no qual 90% possuíam especialização, 40% mestrado e 30% doutorado. Vale mencionar que todos os participantes desta pesquisa possuem título de especialização, até em mais de uma área, o que provavelmente ocorreu devido a disponibilidade destes cursos na EEUFMG e ainda o fato de serem realizados em tempo menor que o *stricto sensu*.

As barreiras enfrentadas pelos homens na graduação em enfermagem na década de 1970 na EEUFMG ainda foram contempladas com a percepção de que era uma profissão desvalorizada, haja vista, que alguns dos entrevistados experienciaram durante a academia, as mulheres em posição de submissão e inferioridade na profissão, principalmente por parte da instituição e do modelo biomédico. Estudos demonstraram que a trabalho da enfermagem sofreu e continua a sofrer a interferência dos valores convencionais, de regras culturais e sociais com relação ao gênero e *status* profissional (CHRISTENSEN; KNIGHT, 2014; GOA et al, 2019; JESUS *et al.*, 2010). Estes achados também foram encontrados nesta pesquisa, no qual o entrevistado expõe a posição de inferioridade atribuída à mulher.

Eu via nas enfermeiras, mesmo na equipe de enfermagem, na época eram auxiliares de enfermagem e atendentes de enfermagem, eram mulheres que estavam em busca de inserção mesmo, na sobrevivência, eram mulheres lutadoras. Eu observava muito isso, mas a visão da sociedade é que era uma profissão de mulher, por isso que ela não tinha valor. Você entendeu como era, uma coisa meio contraditória (ROSA, 2020).

Esta narrativa faz refletir como o trabalho doméstico das mulheres foi fundamental para estabelecer a enfermagem, não apenas como uma ocupação feminina, mas também não qualificada e sem *status* em comparação com outras ocupações masculinas, como por exemplo a medicina (PADILHA; BARBIERI; NEVES, 2020). Neste sentido, os homens que foram atraídos pela enfermagem também precisaram enfrentar o estigma que permeava (e ainda permeia) a profissão. Sayman (2014) aponta como as insatisfações produzidas ao longo da graduação em enfermagem nos estudantes do sexo masculino podem traduzir em abandono da profissão. As narrativas apresentadas ao longo dessa categoria demonstraram que os homens não desistiram, porém, precisaram lutar para se legitimar dentro e fora da EEUFMG.

Carnevale e Priode (2018) mencionaram que os programas de enfermagem atuais estão mudando a mentalidade acerca dos homens na profissão. A geração de

hoje aceita muito mais enfermeiros do sexo masculino do que no passado. Todavia, as barreiras que mantêm a profissão feminilizada precisam ser desfeitas. Nesta perspectiva, não somente as escolas de enfermagem, mas os órgãos de saúde e a sociedade devem engajar para criação de uma profissão de enfermagem que acolha e valorize pessoas qualificadas e competentes, para que as barreiras como as experienciadas durante a graduação e, posteriormente, no campo de trabalho sejam minimizadas.

4.4 O lado bom da escolha: as benéncias de ser homem no curso de graduação em enfermagem

A terceira categoria revelou que apesar das barreiras experienciadas pelos homens na graduação em enfermagem estes também se beneficiaram pela escolha da profissão. Dentre eles, serão discutidos neste capítulo: prestígio da EEUFMG, relação harmoniosa com as colegas de classe, apadrinhamento dos professores, a saúde pública como campo promissor para o exercício da profissão, sentir-se diferenciado nos campos de atuação, facilidade de inserção no mercado de trabalho, bons salários e, ainda, a conquista profissional.

Ainda que neste período, a procura pelo curso de graduação em enfermagem fosse baixa em comparação com outros cursos da área da saúde, ingressar em uma instituição de ensino superior pública não era fácil, pois exigia dedicação ao estudo para aprovação no vestibular. Todavia, essa conquista conferia aos calouros o *status* de ingressar em uma universidade reconhecida e, posteriormente, o caminho para iniciar a vida profissional (TEODOSIO; PADILHA, 2018). O depoimento do entrevistado confirma este achado:

O pessoal da escola tinha um certo *status*, alunos da Federal era chique na época, hoje, ainda é, mas naquele tempo a escola tinha muito nome, vinham outras pessoas de outros estados para cá, porque a escola tinha certa fama, já era uma boa escola. Então, eu falava assim, eu vou entrar para escola de enfermagem, arrumar um emprego e vou continuar (FERREIRA, 2020).

Santos, Carregal *et al.* (2018) descrevem na revisão de literatura que a EEUFMG sustentou o padrão de ensino Anna Nery, confirmando o símbolo de enfermagem moderna, o que lhe conferia além de prestígio, visibilidade. Conforme o relato do participante, alunas de outros estados vinham para a capital mineira para

ingressarem na instituição, já que era pequeno o número escolas de enfermagem no país até então. Nos documentos do CEMENF-UFMG foi possível identificar, na relação dos graduados nesta década, que houve um aumento de formandos, principalmente a partir de 1975, quando o curso foi instituído semestralmente, o que faz pensar que a graduação em enfermagem ganhou cada vez mais notoriedade.

Outra descoberta no contexto dos benefícios da graduação em enfermagem refere-se à relação harmoniosa estabelecida entre os homens e as colegas do sexo oposto. Ainda que a literatura aponte que homens e mulheres apresentam conflitos de cunho discriminatório durante a formação profissional (ARIF; KHOKHAR, 2017; CHINKHATA; LANGLEY, 2018), os resultados desta pesquisa refutam essa resposta, uma vez que todos os entrevistados mencionaram uma relação de amizade com as colegas.

Elas (as alunas) me receberam bem, pelo contrário elas queriam ter mais homens participando do curso. A minha recepção e dos três colegas (homens) foi normal, estudávamos juntos, em grupos, fazíamos trabalhos de várias matérias juntos, com apresentação em sala de aula, sem nenhuma dificuldade, não havia separação (SOARES, 2020).

Foi um grupo bom, as meninas também eram muito companheiras, me apoiaram muito, me incentivam muito, era tudo muito bom, tudo era excelente [...]. Talvez isso tenha me ajudado bastante, se não fosse uma turma forte assim, talvez não teria ficado. A gente era muito unida, a gente saía, brincava muito, se divertia muito, estudávamos, éramos muitos companheiros, fomos companheiros até o final. Isso me ajudou a prosseguir no curso, sem desanimar, porque eu tive vários fatores dentro de casa e socialmente falando que não me incentivaram, isso me ajudou a prosseguir no meu curso, sem desanimar (COSTA, 2020).

Conforme relato dos participantes, a aceitação pelas alunas ocorreu de forma recíproca. O vínculo estabelecido com elas fortaleceu os homens e os incentivou a se manterem firmes no propósito de se tornarem enfermeiros. Durante a entrevista, foi possível identificar na forma de referir às colegas, um tom de leveza nas falas e até emoção de um entrevistado ao lembrar com carinho de uma delas com quem teve proximidade durante o seu percurso na graduação.

Carnevale e Priode (2018) discutem que o sexo feminino tem boa aceitação dos homens, principalmente porque são bastante competitivas, o sexo oposto acaba por diminuir a tensão entre as mulheres, criando um equilíbrio entre elas e minimizando as divergências na classe, além de serem reconhecidos como bons conselheiros. Ainda há relatos de valorização dos homens devido a maior força física,

pois auxiliam as colegas em atividades de levantamento de peso e na assistência aos pacientes. A narrativa abaixo ilustra esse contexto.

[...] às vezes tinha um rapaz, um senhor que elas ficavam assim meia acanhada em fazer algum procedimento, eu tinha que fazer a minha parte e ajudar as meninas a fazer o procedimento, elas falavam: me ajude com aquele senhor! E eu falava: tudo bem! Espera, que eu vou aí. Às vezes eu ficava trocando de andar para poder satisfazer, colaborar com as colegas, elas tinham certa dificuldade e eu chegava e era mais fácil de resolver aquela situação (FERREIRA, 2020).

Observa-se neste discurso que assim como os homens apresentavam dificuldade em assistir às mulheres, estas também tinham suas limitações no cuidado ao paciente do sexo masculino. Dessa forma, os colegas acabavam por auxiliar nas demandas de trabalho dos outros acadêmicos e juntos funcionavam como rede de apoio, trabalhando em equipe, em prol de uma assistência qualificada ao doente.

Outro fator citado pelos homens como benefício no curso de graduação em enfermagem foi o apadrinhamento que obtiveram dos docentes. Ainda que tenha sido apresentada na categoria acerca das barreiras enfrentadas na graduação, a maioria dos participantes mencionaram vínculo com as educadoras, o que possibilitou oportunidades de crescimento acadêmico e profissional.

Outra escolha importante foi pensar que, após formado eu sairia das opções de enfermagem clínica, enfermagem de cabeceira de paciente, enfermagem psiquiátrica, enfermagem cirúrgica, etc., pois não seria essa minha escolha preferencial. Eu me sentia muito bem dentro da saúde pública e dentro da administração, principalmente por causa da Prof. Carmelita, por quem sempre tive grande apreço e admiração (GRENFELL, 2020).

Sempre deixei claro meu interesse pela saúde pública. Inclusive, fui convidado pela Rizioneide, ela era uma professora muito conhecida na escola de enfermagem, aliás em toda Secretaria de Saúde, ela era muito líder. Então eu fui convidado por ela para trabalhar na Secretaria da Saúde (COSTA, 2020).

De acordo com os participantes, eles eram apreciados pelas docentes e por intermédio delas, tiveram vantagens em atividades extracurriculares e até mesmo na inserção no mercado de trabalho, o que demonstra a aprovação das professoras pelos alunos do sexo masculino. Muitos foram incentivados pelo corpo docente a seguirem carreiras, sobretudo em áreas que envolviam menor oferta do cuidado, tais como administração hospitalar e saúde pública. Por sua vez, o estudo de Golden (2018)

refuta esse achado, já que no seu trabalho os professores da escola de enfermagem não apoiaram os alunos homens a desempenhar suas funções dentro da profissão.

Para Gao *et al.* (2019), ter um corpo docente que defenda seus alunos, independente do sexo, diminui os desafios às suposições de gênero que ambos possam vir a enfrentar na profissão. Além disso, os mentores devem garantir que o contexto educacional forneça experiências de aprendizagem ideais a partir de uma perspectiva teórica e prática. Mais homens na enfermagem podem ajudar a eliminar as barreiras sociais e as percepções da enfermagem como uma ocupação tipificada pelo sexo.

Nesta perspectiva, o corpo docente atuou como um estimulador, para que os homens vislumbrassem o campo de atuação em saúde pública, uma vez que a maioria dos depoentes mostrou o interesse nesta área. Ainda que a ênfase da escola fosse ao modelo hospitalocêntrico, a saúde coletiva vinha conquistando seu espaço desde a década de 1930, com estratégias que possibilitassem atender às demandas de saúde na comunidade em todo território nacional (SANTOS; MARQUES, 2015).

Santos (2018) discorre na sua tese que a EEUFMG incluiu o estágio docente assistencial na saúde pública antes da Reforma Universitária. O depoimento trazido por um participante da referida pesquisa, mostra que em 1966, as estudantes já experienciavam a assistência neste campo. Por sua vez, mais tarde, a habilitação em saúde pública foi o princípio do internato rural na escola. A capacitação em saúde pública propiciou a entrada do aluno na assistência às comunidades do interior de Minas Gerais e permitiu a aproximação do estudante e o docente da realidade vivida pela população.

O projeto Rondon (projeto federal de incentivo à saúde pública) levava os alunos para fora, fui em janeiro de 1971, não tinha formado ainda eu ia formar no final do ano. Bom, mas aí me despertou ainda mais essa viagem para questão de saúde pública e foi por aí que realmente fiz a especialização de saúde pública (FERREIRA, 2020).

Assim, conforme explanado pelo participante, o Projeto Rondon se constituiu um importante incentivador para sua escolha em busca da especialização em enfermagem em saúde pública. Ainda que considerado um embrião na década de 1970, o projeto, realizado em parceria com o Ministério da Educação e com os demais ministérios, contava com o apoio das forças armadas, além dos governos estaduais e municipais. O projeto que ainda mantém sua existência, consiste em uma extensão

universitária que tem como objetivo restabelecer o bem-estar social, além de melhorar a capacitação de gestão pública, fortalecer o estudante no sentido da responsabilidade social em prol da cidadania, do desenvolvimento e da defesa dos interesses nacionais, contribuindo na formação acadêmica e proporcionando o conhecimento da realidade do país (CASARIN *et al.*, 2015; CASTILHO, 2019).

Neste sentido, a idealização que se construía em torno do Projeto Rondon, aliado ao crescimento do setor de saúde pública, acendeu o interesse de alguns dos entrevistados neste ramo, no qual seis (06) dos dez (10) participantes cursaram a habilitação em saúde pública, entretanto, somente dois seguiram carreira nesta especialidade. É válido mencionar que o Brasil é considerado atualmente como referência mundial na Atenção Primária à Saúde e a enfermagem apresenta forte representatividade de atuação neste campo, por sua resolutividade, eficácia e eficiência (SILVA; MACHADO, 2020).

A saúde pública foi a busca pessoal minha e da Rizioneide que era minha professora e muito amiga minha eu falei: Rizioneide eu quero ir para a secretária igual você está fazendo, eu quero trabalhar aí na implantação dos centros de saúde no Estado (COSTA, 2020).

O relato remete a busca de realização pessoal para garantia do sucesso profissional. Gao *et al.* (2019) defendem a ideia de que os homens ao serem inseridos em áreas não assistenciais conquistam maior respeito como enfermeiros. Neste sentido, o campo de atuação em saúde pública é favorável, uma vez que se apresentam como mediadores, facilitadores e articuladores das ações em saúde, com um trabalho centrado principalmente para a promoção e prevenção de agravos, com ênfase na educação em saúde, conferindo mais autonomia profissional para a tomada de decisões.

Estudos internacionais (JULIFF; RUSSELL; BULSARA, 2016; STANLEY *et al.*, 2016; ZAMANZADEH *et al.*, 2013; ZHANG; TU, 2020) apontam as áreas especializadas que os homens mais percebem vantagens para atuação na prática de enfermagem: pronto-socorro, centro cirúrgico, unidade de terapia intensiva e psiquiatria, pois, consideram-se mais aptos a realizar cargas de trabalho pesadas e trabalhos noturnos. Além disso, se sentem emocionalmente com maior resistência para lidar com os acidentes, pois, são mais decisivos e racionais. Ainda informaram possuírem conhecimento de mecânica, o que sugere facilidade em operar e lidar com

equipamentos médicos, principalmente na unidade de terapia intensiva, onde há muitas máquinas. E por fim, o fato de não tirarem licença maternidade e terem menos obrigações familiares os favorecem para que tenham mais tempo de dedicação ao trabalho.

Embora os resultados dos estudos internacionais não tenham sido evidenciados nesta pesquisa, é possível fazer uma associação com outras áreas de interesse apreciadas pelos entrevistados, tais como cargos de gestão nos serviços de saúde, docência e saúde mental. Alguns entrevistados se estabeleceram em áreas não assistenciais, como ocorreu com dois (02) participantes que tiveram sua trajetória profissional em trabalhos de gestão e administração hospitalar, sendo relatado por um deles a participação na construção do Sistema Único de Saúde (SUS). O segundo mencionou atuação na docência de nível técnico em todo o seu percurso profissional.

Ainda que a disciplina de psiquiatria tenha sido apontada pelos colaboradores como sendo uma das mais agradáveis durante a graduação, nenhum dos entrevistados seguiu nesse campo de atuação. O que contraria o histórico dos homens na enfermagem, sendo que sempre foram muito aproveitados na saúde mental por causa da maior força física. Este achado tem explicação pelo fato das escolas de enfermagem naquele tempo não terem campo de prática em psiquiatria em decorrência da falta de recursos dos hospitais psiquiátricos em receber estudantes, já que a doença mental não era um zelo do Estado (SILVA JUNIOR *et al.*, 2001).

Outra benéfica narrada por estes personagens se refere ao fato de sentir diferenciado por ser homem ao longo de sua formação. Sobre isso, Scott (1995, p.86) argumenta que gênero é uma “forma primária de dar significado às relações de poder”. Neste sentido, expande-se a possibilidade de pensar o gênero, correlacionando-o ao masculino e ao feminino, analisado como construtos sociais e culturais que são estabelecidos de maneira relacional e interdependente, favorecendo espaços distintos para homens e mulheres, com efeitos também sobre enfermeiros e enfermeiras. Hollup *et al.* (2014) verificaram que os homens na enfermagem têm mais oportunidade de ascensão de carreira, pois são apoiados na ideologia masculina dominante, no qual a liderança é vista como um atributo masculino. A narrativa abaixo conversa sobre essa afirmação:

Na questão da enfermagem, olha que interessante, o trabalho às vezes para o homem, ele tinha mais facilidade de conseguir vários empregos por ser homem. Porque não tinha tantos homens dentro dessa profissão de enfermagem, eram muito poucos, então, eu acho que a presença do homem, eu acredito nisso, que a presença do homem para cuidar de um homem e até porque o enfermeiro que vai fazer a função de supervisão, de coordenação. Mas parece que os hospitais, o mercado, absorvia (os homens) com mais facilidade, mas não sei [...] a presença do homem dava um toque mais autoritário, de poder (ROSA, 2020).

Através desta explanação, é possível perceber que os homens, por serem minoria no exercício da profissão, ocupam lugares de atuação privilegiada, apresentando alguns preceitos do discurso androcêntrico, mobilizando hierarquias de poder das relações sociais estabelecidas entre os gêneros que desenvolvem posições de sujeitos heterogêneos na profissão em benefício dos homens. Asif (2019) aponta que as vantagens para o homem na enfermagem não estão relacionadas com o cuidado ao paciente, mas sim com os cargos de gestão que ocupam e as especialidades nas quais foram inseridos.

Por sua vez, Popper-Giveon, Keshet e Liberman (2015) apresentam um resultado relevante acerca do sexo masculino na enfermagem. Os autores revelam que os homens ao assumirem cargos de maior prestígio, como, por exemplo, na gestão dos serviços de saúde, produzem neste grupo a sensação de que não pertencem à profissão, ajudando-os a serem compelidos para fora das áreas consideradas mais femininas, ou seja, do cuidado ao paciente. Conseqüentemente, os enfermeiros são confundidos com médicos e recebem mais autoridade e respeito do que as mulheres, refletindo a ideia de que como homens, eles são inerentemente mais competentes.

Ainda que este achado não tenha sido mencionado pelos participantes deste estudo, ele permite refletir sobre como as questões relacionadas ao gênero reafirmam de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher no campo profissional da enfermagem, já que os homens acabam por usufruir de benefícios que não são concedidos ao sexo feminino. Nesta perspectiva, uma outra vantagem declarada por todos os participantes desta pesquisa são as oportunidades de trabalho que tiveram antes mesmo de finalizar a graduação.

O emprego era bem mais fácil, pois, as instituições hospitalares precisavam sempre de profissionais masculinos, era escasso, pois havia mais mulheres, eram poucos homens (SOARES, 2020).

Naquele tempo não tinha concurso, naquela época não tinha candidato, não tinha gente para trabalhar, tinha muito emprego, então a gente entrava só com apresentação do currículo. Eu fui contratado assim pelo Estado e fui direto (FERREIRA, 2020).

Christensen, Welch e Barr (2018) versam que os homens aproveitam as vantagens de serem minoria na enfermagem, o que significa que são mais propensos a conseguir um emprego de sua escolha depois de concluída a graduação, concordando com os achados deste estudo. Todavia, chama atenção no relato acima a entrada em serviços públicos sem a realização de concursos, somente com a apresentação do currículo. Esta informação foi trazida por alguns dos entrevistados, ao mencionar que tiveram oportunidades de trabalho antes da conclusão da graduação e houve relatos de que os serviços de saúde esperavam a finalização do curso para a contratação. Todo o grupo relatou escolher a área de sua preferência para trabalhar, pois eram chamados até por mais de uma instituição para atuação profissional.

Além disso, os bons salários pagos pelos serviços de saúde foram apontados pelos representantes de estudo como outra vantagem da graduação em enfermagem. Sobre isso, Yi e Keogh (2016) conversam que um bom salário e a segurança no emprego beneficiaram os homens na carreira. Este achado também foi identificado nesta pesquisa, conforme o depoimento dos entrevistados:

O mercado de trabalho era bom, era muito bom e o salário também. Então nesse aspecto eu achei que valeu (SILVA FILHO, 2020).

Então, assim, era um salário bom, muito bom mesmo, de dar inveja na época, a gente ganhava bem e trabalhava muito na saúde pública, 24 horas por dia, porque viajava bastante para os interiores (FERREIRA, 2020).

Zhang e Tu (2020) confirmam esse relato e acrescentam que os homens na profissão de enfermagem recebem salário mais altos porque são mais propensos a trabalhar em departamentos associados a maiores riscos, como nos serviços de urgência, além de terem cargas de trabalhos mais pesadas e plantões noturnos. Ajith (2020) corrobora com a ideia, já que em Kerala (Índia) os salários dos homens são aproximadamente 15 a 20% maiores do que os das mulheres. Segundo as agências de emprego deste local, a diferença salarial existe porque cuidar de pacientes do sexo masculino é mais fatigante, já que homens são contratados para assistir somente pacientes do sexo masculino. Este achado foi experienciado por um participante que

relatou ter diferença salarial para homens e mulheres na enfermagem no hospital que atuava como acadêmico.

[...] homem cuidava de homem e mulher cuidava de mulher e de homem, se precisasse você podia chamar que elas viam e ajudavam. Mas nós homens não cuidávamos de mulheres. Mas era isso que acontecia, algumas mulheres da minha família sempre questionaram, porque os homens ganhavam mais? Tinha alguma coisa lá (no hospital) que eu não conseguia entender na época, acho que era uma discriminação contra a mulher (ALMEIDA, 2020).

Este resultado demonstra como a figura masculina tem sido historicamente tratada como superior em conceitos de competência para o trabalho. Os estereótipos de gênero construídos sobre a profissão produzem maneiras distintas de compreender homens e mulheres enquanto profissionais. O salário diferenciado entre eles na enfermagem, mesmo exercendo a mesma função é mencionada pelo participante como sendo uma discriminação sofrida pela mulher.

Muitas são as consequências de atos discriminatórios produzidos nas relações humanas de modo geral e em especial no mercado de trabalho. No mundo do trabalho, a discriminação causa uso inadequado dos recursos humanos. As desigualdades de salários inflexibilizam as relações e contribuem para falsear a imagem de que homens são mais competentes que as mulheres, o que afeta de forma negativa o incentivo às qualificações e coopera para perpetuar as desigualdades socioeconômicas entre os gêneros (PASCHOALINO; PLASSA; SANTOS, 2017).

Viana, Sousa e Torres (2018) analisaram que mesmo que os homens sofram preconceito na enfermagem, devido ao tabu que envolve a ideologia machista, eles têm privilégios, são bem aceitos pela sociedade e acabam por adquirir mais respeito do que as mulheres, mesmo quando se inserem em ambientes tecnicamente femininos. De certa forma, os desafios enfrentados pelas mulheres são independentes da profissão, eles existem pelo simples fato de serem mulheres.

A conquista profissional também foi citada por todos os participantes como um benefício proporcionado pelo curso de graduação. Para Costa e Guariente (2017), o empenho pessoal antes, durante e após a graduação são razões para o avanço na profissão. Na pesquisa, os participantes relataram que foram bem-sucedidos na carreira, exercendo a profissão com competência, honestidade e firmeza.

Então assim, foi uma época que tudo que eu pude fazer dentro da enfermagem eu fiz e tudo o que eu pude fazer para engrandecê-la, para levar

aos debates e participar dos debates com competência, honestidade, com firmeza eu fui e defendi e hoje defendo ainda. A enfermagem me proporcionou muita coisa boa e vou te falar a verdade, se tivesse que fazer, eu fazia tudo de novo, porque foi muita coisa boa que eu tive na minha vida (JOSÉ, 2020).

A universidade tem um papel primordial na formação do enfermeiro. Independente do sexo, ela deve atuar na qualificação dos estudantes, procurando ensinar as competências específicas da profissão, direcionando-os para o desenvolvimento das funções técnico-científica e da humanização necessária para a prática da enfermagem. Para Treviso *et al.* (2017), as competências são necessárias para que o enfermeiro se realize na profissão, tais sejam: tomada de decisão, comunicação, liderança, gerenciamento, promoção de ações que visem a educação em saúde. Além disso, o enfermeiro precisa ter o conhecimento necessário para estimular a autonomia do grupo, sincronizar o trabalho em equipe, levando a construção de um espaço de troca de saber entre os trabalhadores, além disso deve fomentar ações para a criação do vínculo entre profissional e paciente.

Neste sentido, os participantes do estudo referiram satisfação com a escolha de carreira, pois, souberam aproveitar as vantagens oferecidas pela profissão. Os resultados apresentados nesta categoria denotam a importância de mais estudos sobre os benefícios dos homens na enfermagem. Os impactos do gênero na profissão e os privilégios adquiridos por serem homens merecem novas abordagens em diferentes cenários como, por exemplo, na saúde pública e nos serviços hospitalares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação objetivou analisar como os primeiros homens vivenciaram a graduação na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (EEUFMG) na década de 1970. Assim, os resultados demonstraram que as experiências dos homens na graduação em enfermagem apresentaram três aspectos principais quais sejam: as motivações que levaram os homens a escolher enfermagem como profissão, no qual evidenciou que o curso não foi a primeira opção de carreira vislumbrada pela maioria do grupo, sendo a medicina a principal predileção. O fato de não conseguirem alcançar esse triunfo e a necessidade de profissionalizar para conquistar seu espaço no mercado de trabalho fizeram escolher a enfermagem como outra opção de carreira. Desse modo, ao ingressar no curso de enfermagem puderam vivenciar os dois lados desta escolha: o lado ruim e o lado bom.

Assim, o lado ruim foi permeado por barreiras no que tange situações conflituosas que ocorreram tanto dentro, mas principalmente fora da escola. Nos campos de prática experenciaram o preconceito por serem homens em áreas de predominância feminina, como, por exemplo, no setor de obstetrícia. Outros obstáculos narrados pelos participantes foram relacionados com os padrões estabelecidos pela EEUFMG para a formação discente e a falta de preparo para receber os alunos homens. Além disso, informaram dificuldade em ter que trabalhar e estudar, com rotinas diárias pesadas. Por fim, apontaram a desvalorização da profissão, especialmente como de subalternidade ao modelo biomédico como sendo mais uma barreira vivenciada no percurso acadêmico.

Entretanto, também se beneficiaram do seu gênero para construírem vantagens e privilégios na ocupação com um mercado de trabalho vasto e promissor, além da oportunidade de atuação profissional em diferentes áreas como a atenção terciária e saúde pública, confirmando, assim, um dos pressupostos da pesquisa. No que se refere ao campo da docência e pesquisa, o pressuposto foi refutado, já que os entrevistados não almejavam a pós-graduação *stricto sensu*.

Este estudo proporcionou resgatar a história da enfermagem na EEUFMG, cooperando para descortinar sobre as vivências masculinas na graduação em enfermagem na década de 1970, incrementando o acervo de depoimentos orais para o Centro de Memória da Escola de Enfermagem (CEMENF-UFMG), com personagens masculinos até então exclusivo das mulheres. No que se refere as implicações

práticas, os resultados obtidos por meio deste estudo podem funcionar como um mecanismo para compreensão da inserção do homem no campo da enfermagem, principalmente em cargos de liderança que confere maior reconhecimento e prestígio social.

Este estudo também pode contribuir para mudar a imagem da enfermagem, particularmente no que se refere a uma profissão feminina e submissa ao poder da medicina. Neste sentido, as escolas de enfermagem devem reforçar, além do saber técnico-científico, outros atributos como a autonomia, humanização e as competências do enfermeiro na prática assistencial, na promoção da saúde e prevenção de agravos. Além disso, pode contribuir para que formuladores de políticas tomem medidas no sentido de proporcionar mais visibilidade à profissão, na qual ambos os sexos sejam valorizados.

Como limitações cita-se o tamanho da amostra. Contactar todos os homens que formaram na EEUFMG na década de 1970 foi um fator dificultador, visto que somente 50% do grupo de formados no período participaram do estudo. Outra limitação se tratou da coleta de dados, uma vez que devido ao período de isolamento social causado pela pandemia da COVID-19, a maioria das entrevistas foram realizadas por meio virtual, o que comprometeu uma aproximação entre o pesquisador e o colaborador. Ademais, as notas de observação que são um critério importante para perceber as emoções vivenciadas pelo participante e percebidas com a presença física do entrevistador foram superficialmente realizadas, já que as entrevistas em sua maioria aconteceram pelo ambiente virtual.

Para futuras pesquisas recomenda-se a ampliação do estudo, abarcando também as décadas seguintes sobre os avanços ocorridos nos programas de enfermagem com a inserção dos homens no curso. Por fim, sugere-se que trabalhos desta natureza sejam realizados com o público feminino para compreender como as mulheres vivenciaram as transformações ocorridas na graduação em enfermagem na década de 1970, com a entrada dos homens.

REFERÊNCIAS

ADU-GYAMFI, Samuel; BRENYA, Edward. Nursing in Ghana: a search for Florence Nightingale in an African City. **International Scholarly Research Notices**, [S. l.], v. 2016, n. 9754845, p. 1-15, 2016. ISSN 2356-7872. DOI: <https://doi.org/10.1155/2016/9754845>. Disponível em: <https://www.hindawi.com/journals/isrn/2016/9754845>. Acesso em: 14 nov. 2020.

AJITH, Anakha. In the pursuit of an identity: analysing the case of male health care providers. **Masculinities & Social Change**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 310-336, 2020. ISSN 2014-3605. DOI: <http://dx.doi.org/10.17583/mcs.2020.5461>. Disponível em: <https://hipatiapress.com/hpjournals/index.php/mcs/article/view/5461>. Acesso em: 04 dez. 2020.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018. 295p. ISBN 978-8522504732.

ALMEIDA, Aline Siqueira de; DIAS, Giselle Cristina. A influência da família na escolha profissional do adolescente: Uma revisão integrativa da literatura. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 69-75, jul./set., 2016. ISSN 2177-5281. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/audiencia_pdf.asp?aid2=608&nomeArquivo=v13n3a09.pdf. Acesso em: 13 jan. 2021.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Nota Técnica GVIMS/GGTES/ANVISA nº 04/2020**. Orientações para serviços de saúde: medidas de prevenção e controle que devem ser adotadas durante a assistência aos casos suspeitos ou confirmados de infecção pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Atualizada em: 08 mai. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/servicosdesaude/notas-tecnicas/nota-tecnica-n-04-2020-gvims-ggtes-anvisa-atualizada.pdf/view>. Acesso em: 13 dez. 2020.

ARIF, Shireen; KHOKHAR, Sami. A historical glance: challenges for male nurses. **JPMA The Journal of the Pakistan Medical Association**, [S. l.], v. 67, n. 12, p. 1889-1894, 2017. ISSN 0030-9982. Disponível em: https://jpma.org.pk/article-details/8486?article_id=8486. Acesso em: 04 dez. 2020.

ASIF, Haiqa. Men in female dominated professions. **Indian Journal of Humanities and Social Sciences**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 29-42, 2019. ISSN 2347-324X. Disponível em: <http://www.gbspublisher.com/ckfinder/userfiles/files/8664.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2020.

BAPTISTA, Suely de Souza; BARREIRA, Ieda de Alencar. Enfermagem de nível superior no Brasil e vida associativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 59, n. spe, p. 411-416, 2006. ISSN 1984-0446. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672006000700005>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000700005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução (Luis Antero Reto; Augusto Pinheiro). São Paulo: Edições 70, 2016. ISBN: 978-8562938047.

BARREIRA, Ieda de Alencar. Os primórdios da enfermagem moderna no Brasil. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 1. n. spe, p. 161-76, jul. jul. 1997. ISSN 2177-9465. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4504077/mod_resource/content/0/4.%20Barreira%20-%20Os%20prim%C3%B3rdios%20da%20enfermagem%20moderna%20no%20Brasil.pdf. Acesso em: 15 nov. 2020.

BATISTA, Ricardo dos Santos. Educação e propaganda sanitárias: desdobramentos da formação de um sanitarista brasileiro na Fundação Rockefeller. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 4, p. 1189-1202, 2019. ISSN1678-4758. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-59702019000400009>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702019000401189&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 nov. 2020.

BELLAGUARDA, Maria Lígia dos Reis; PADILHA, Maria Itayra; NELSON, Sioban. Eliot Freidson's sociology of professions: an interpretation for health and nursing. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 73, n. 6, e20180950, 2020. ISSN 1984-0446. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0950>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020000600158&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 nov. 2020.

BENEDET, Silvana Alves; PADILHA, Maria Itayra; PERES, Maria Angélica de Almeida; BELLAGUARDA, Maria Ligia dos Reis. Características essenciais de uma profissão: análise histórica com foco no processo de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 54, e03561, 2020. ISSN 1980-220X. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1980-220x2018047303561>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342020000100433&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 nov. 2020.

BEZERRA, Clarissa Maria Bandeira, SILVA, Bárbara Coeli Oliveira da; SILVA, Richardson Augusto Rosendo da; MARTINO, Milva Maria Figueiredo de; MONTEIRO, Akemi Iwata; ENDERE, Bertha Cruz. Análise descritiva da teoria ambientalista de enfermagem. **Enfermagem em Foco (Brasília)**, Brasília, v. 20, n. 8, p. 79-83, 2018. ISSN 2357-707X. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/1105/450>. Acesso em: 29 nov. 2020.

BONINI, Bárbara Barrionuevo; FREITAS, Genival Fernandes de; FAIRMAN, Julie; MECONE, Márcia Cristina da Cruz. Enfermeiras americanas do Serviço Especial de Saúde Pública e a formação de recursos humanos na Enfermagem Brasileira. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 49, n. spe2, p. 136-143, 2015. ISSN 1980-220X. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420150000800019>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342015000800136&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 nov. 2020.

BRASIL. Decreto Lei nº 791, de 27 de setembro de 1890. Cria no hospício de alienados uma escola profissional de enfermeiros e enfermeiras. **Coleção de Leis do Brasil**, Brasília, v. 9, p. 2456, 1890. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-791-27-setembro-1890-503459-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15 nov. 2020.

_____. Lei nº 3.987, de 2 de janeiro de 1920. Reorganiza os serviços da Saúde Pública. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, p. 437, 08 jan. 1920. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1920-1929/lei-3987-2-janeiro-1920-570495-publicacaooriginal-93627-pl.html#:~:text=Reorganiza%20os%20servi%C3%A7os%20da%20Saude%20Publica.&text=o%20exame%20chimico%20dos%20generos,estrangeiros%20importados%20para%20o%20consumo>. Acesso em: 15 nov. 2020

_____. Lei nº 1.254, de 4 de dezembro de 1950. Dispõe sobre o sistema federal de ensino superior. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, p. 17537, 08 dez. 1950. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1254-4-dezembro-1950-362540-norma-pl.html>. Acesso em: 15 nov. 2020

_____. Ministério da Educação e Cultural. Portaria nº 159, de 14 de julho de 1965. fixa sob novos critérios a duração dos cursos superiores, exigiu a revisão de todos os currículos mínimos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, 1965.

_____. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, p. 10369, 29 nov. 1968. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 15 nov. 2020.

_____. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, Brasília, p. 6377. 12 ago. 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-norma-pl.html>. Acesso em: 16 jan. 2021.

_____. Ministério de Educação e Cultura - Conselho Federal de Educação. Parecer nº 163/72 aprovado em 28/01/72. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 25, n. 1-2, p. 152-158, abr. 1972. ISSN 1984-0446. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-716719720002000015>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671972000100152&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 jan. 2021.

_____. Lei nº 5.905, de 12 de julho de 1973. Dispõe sobre a criação dos Conselhos Federal e Regionais de Enfermagem e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, p. 6825, 13 jul. 1973. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/lei-n-590573-de-12-de-julho-de-1973_4162.html. Acesso em: 21 nov. 2020.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, p. 59, 13 jul. 2013. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2020.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre os princípios éticos das pesquisas em ciências humanas e sociais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, n. 98, p. 44-46, 24 mai. 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2020.

BUDU, Hayford Isaac; ABALO, Emmanuel Mawuli; BAM, Victoria Bubunyo; AGYEMANG, Deus Osei; NOI, Shirley; BUDUD, Florence A.; PEPRAH, Prince. "I prefer a male nurse to a female nurse": patients' preference for, and satisfaction with nursing care provided by male nurses at the Komfo Anokye teaching hospital. **BMC nursing**, [S.l.], v. 18, n. 47, p. 1-9, 2019. ISSN1472-6955. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12912-019-0369-4>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31641337/>. Acesso em: 14 nov. 2020.

BULCÃO, Emilia Mendonça; CANTANTE, Ana Paula Silva Rocha; ALMEIDA, Berta Maria Pinto Martins Salazar; PEIXOTO, Maria José; PEREIRA, Orísia; OLIVEIRA, Luis Alexandre. Hospitais Portugueses entre os séculos XVI e XVIII: de Hospitales e Enfermeiros. **Temperamentvm: Revista Internacional de Historia y Pensamiento Enfermero**, [S. l.], v. 15, 2019. ISSN 1699-6011. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/32526/1/Hospitais_portugueses.pdf. Acesso em: 13 nov. 2020.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra, Portugal, n. 6, p. 167-177, 2012. ISSN 2182-2883. DOI: <https://doi.org/10.12707/R1112HM1>. Disponível em: https://rr.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=&id_artigo=2289&id_revista=9&id_edicao=41. Acesso em: 18 nov. 2020.

_____. Memorial de Maria de Lourdes Almeida: história e enfermagem no Brasil pós-1930. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 609-625, abr./jun. 2013. ISSN 0104-5970. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702013000200014>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-597020130002000609. Acesso em: 19 nov. 2020.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; OGUISSO, Taka. A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da enfermagem brasileira. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n. 6, p. 892-898, 2008. ISSN 1984-0446. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672008000600017>. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-17672008000600017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2020.

CARLOS, Djailson José Delgado; PADILHA, Maria Itayra; MALISKA, Isabel Cristina Alves; SANTOS, Mauro Leonardo Salvador Caldeira dos. O ensino superior em enfermagem no Rio Grande do Norte: revisitando a história. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, e20180032, 2018. ISSN 2177-9465. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2018-0032>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452018000400229&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2020.

CARNEVALE, Teresa; PRIODE, Kimberly. "The good ole'girls' nursing club": The male student perspective. **Journal of Transcultural Nursing**, [S. l.], v. 29, n. 3, p. 285-291, 2018. ISSN 1552-7832. DOI: <https://doi.org/10.1177/1043659617703163>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28826326>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CARVALHO, Marília Pinto de. Vozes masculinas numa profissão feminina. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 406, 1998. ISSN 1806-9584. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12017>. Acesso em: 21 nov. 2020.

CASARIN, Sidnéia Tessmer; OLIVEIRA, Michele Mandagará de; OLIVEIRA, Luiz Henrique Porto; PEREZ, Camila do Canto; DIAS, Caroline Drawanz. Projeto Rondon: a experiência da universidade federal de pelotas na operação mandacaru. **Expressa Extensão**, Pelotas, v. 20, n. 2, p. 206-227, 2015. ISSN 2358-8195. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/7863/5585>. Acesso em: 26 jan. 2021.

CASTILHO, Myrian Lucia Ruiz. Cinquentenário do projeto Rondon: socialização de saberes na extensão universitária. **Revista Unimar Ciências**, Maringá, v. 27, n. 1-2, 2019. ISSN 0100-9351. Disponível em: <http://ojs.unimar.br/index.php/ciencias/article/view/888>. Acesso em: 26 jan. 2021.

CHINKHATA, Miriam M.; LANGLEY, Gayle. Experiences of male student nurse midwives in Malawi during undergraduate education. **Annals of Global Health**, [S. l.], v. 84, n. 1, p. 83-90, 2018. ISSN 2214-9996. DOI: <https://doi.org/10.29024/aogh.18>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6748296/pdf/agh-84-1-18.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2020.

CHRISTENSEN, Martin; KNIGHT, Jessica. "Nursing is no place for men"- A thematic analysis of male nursing students experiences of undergraduate nursing education. **Journal of Nursing Education and Practice**, [S. l.], v. 4, n. 12, p. 95-104, 2014. ISSN 1925-4059. DOI: <https://doi.org/10.5430/jnep.v4n12p95>. Disponível em: <http://www.sciedu.ca/journal/index.php/jnep/article/view/5322/0>. Acesso em: 12 fev. 2021.

CHRISTENSEN, Martin; WELCH, Anthony; BARR, Jennie. Nursing is for men: a descriptive phenomenological study. **Contemporary nurse**, [S. l.], v. 54, n. 6, p. 547-560, 2018. ISSN 1037-6178. DOI: <https://doi.org/10.1080/10376178.2018.1512876>.

Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30149774>. Acesso em: 04 dez. 2020.

CORTEZ, Elaine Antunes; PEREIRA, Audrey Vidal; ASSIS, Maíra Muniz; VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti; SANTOS JÚNIOR, Francisco Carlos dos; MACHADO, Rafaely Marins. As relações de gênero e a realização dos cuidados de enfermagem. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 872-882, abr./jun. 2010. ISSN 2175-5361. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=505750818007>. Acesso em: 12 nov. 2020.

COSTA, Kleber de Souza; FREITAS, Genival Fernandes de; HAGOPIAN, Ellen Maria. Homens na enfermagem: formação acadêmica posterior à graduação e trajetória profissional. **Revista de enfermagem da UFPE on line**, Recife, v. 11, n. 3, p. 1216-1226, mar. 2017. ISSN 1981-8963. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i3a13497p1216-1226-2017>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/13497>. Acesso em: 11 jan. 2021.

COSTA, Talita Vidotte; GUARIENTE, Maria Helena Dantas de Menezes. Enfermeiros egressos do currículo integrado: inserção e atuação profissional. **Revista de enfermagem da UFPE on line**, Recife, v. 11, n. 1, p. 77-85, jan. 2017. ISSN 1981-8963. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i1a11880p77-85-2017>. Disponível em: Enfermeiros egressos do currículo integrado: inserção e atuação profissional. Acesso em: 29 jan. 2021.

CRISTO NETO, Djalma Vieira; FULGÊNCIO, Irene. Postilla religiosa e a arte de enfermeiros: a primeira obra em português para o ensino de enfermagem no século XVIII. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 119-122, jan./mar. 2010. ISSN 2316-9389. Disponível em: <https://www.reme.org.br/artigo/detalhes/96>. Acesso em: 07 mar. 2021.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 136p. ISBN 9788575261941.

DONOSO, Miguir Terezinha Vieccelli; WIGGERS, Eliana. Discorrendo sobre os períodos pré e pós Florence Nightingale: a enfermagem e sua historicidade. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 58-61, 2020. ISSN 2357-707X. DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2020.v11.n1.ESP.3567>. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3567>. Acesso em: 12 dez. 2020.

DUBAR Claude. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. São Paulo: EDUSP, 2009. 296p. ISBN 9788531411182.

ESWI, Abeer; EL SAYED, Yousria. The experience of Egyptian male student nurses during attending maternity nursing clinical course. **Nurse Education in Practice**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 93-98, mar. 2011. ISSN 1471-5953. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.nepr.2010.11.012>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1471595310001599>. Acesso em: 10 jan. 2021.

EVANS, Joan. Men nurses: a historical and feminist perspective. **Journal of Advanced Nursing**, [S. l.], v. 47, n. 3, p. 321-328, 2004. ISSN 1365-2648. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2004.03096.x>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15238127>. Acesso em: 10 jan. 2021.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, dez. 2006. ISSN 1984-0411. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000200003>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jan. 2021.

FENG, Danjun; KONG, Wenwen; ZHAO, Wenjing; LI, Zhenbo; WANG, Liezheng. The mediating role of perceived prejudice in the relationship between self-esteem and psychological distress among Chinese male nursing students. **Journal of Professional Nursing**, [S. l.], v. 35, n. 6, p. 505-511, nov./dez. 2019. ISSN 8755-7223. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.profnurs.2019.05.003>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S8755722319300742>. Acesso em: 17 jan. 2021.

FERNANDES, Ângela; TRUNOVA, Anastasiya; VICENTE, Carolina; VALENTE, Miguel; RAFAEL, Helga; FERRAZ, Isabel; FERREIRA, Óscar; BAIXINHO, Cristina. O sismo de 1755: a atuação do enfermeiro na assistência aos feridos de Lisboa. **História de Enfermagem: Revista Eletrônica-Here**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 35-47, jan./jun. 2018. ISSN 2176-7475. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/v9/n1/a3.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2020.

FIGUEIREDO, Mariangela Aparecida Gonçalves; BAPTISTA, Suely de Souza. Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora: 1977-1979. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 62, n. 4, p. 512-517, jul./ago. 2009. ISSN 1984-0446. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000400003. Acesso em: 11 jan. 2021.

FISHER, Murray J. Sex differences in gender characteristics of Australian nurses and male engineers: A comparative cross-sectional survey. **Contemporary Nurse**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 36-50, ago. 2011. ISSN 1839-3535. DOI: <https://doi.org/10.5172/conu.2011.39.1.36>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21955265>. Acesso em: 22 nov. 2020.

FREIDSON, Eliot. **Profession of medicine**: A study of the sociology of applied knowledge. Chicago: University of Chicago Press, 1988. 440p. ISBN 9780226262284.

FUENTES-PLOUGH, Jessica Susana; OJEDA-LÓPEZ, Ruth Noemí. Components of nursing associated with gender and their relation to professional development. **Revista de Enfermería del Instituto Mexicano del Seguro Social**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 201-211, jul./set. 2017. ISSN 2448-8062. Disponível em: http://revistaenfermeria.imss.gob.mx/editorial/index.php/revista_enfermeria/article/view/120/402. Acesso em: 29 nov. 2020.

GAO, Yuanlin; CHENG, Shuyuan; MADANI, Catherina; ZHANG, Guozeng. Educational experience of male students in a baccalaureate nursing program in China. **Nurse Education in Practice**, [S. l.], v. 35, p. 124-129, 2019. ISSN 1471-5953. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.nepr.2019.02.006>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1471595318302725>. Acesso em: 30 jan. 2021.

GLERIANO, Josué Souza; MARCA, Noabia Cristina Rodrigues; JUSTI, Jadson. Perfil e significados para a formação em enfermagem. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 11, n. 6, p. 84-101, 2017. ISSN 2317-8582. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/articloe/view/665>. Acesso em: 12 jan. 2021.

GOLDEN, Steven E. Strategies to overcome gender bias in maternity nursing. **Nursing for Women's Health**, [S. l.], v. 22, n. 5, p. 366-371, 2018. ISSN 1751-486X. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.nwh.2018.07.001>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30138602>. Acesso em: 19 fev. 2021.

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. Gênero, o que é isso?. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 15, n. 1-3, p. 4-11, 1995. ISSN 1414-9893. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931995000100002>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100002. Acesso em: 21 nov. 2020.

GUTIERRE, Marina Duarte; SERRES, Juliane Conceição Primo; RIBEIRO, Diego Lemos. O surgimento da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. **Revista Caribeña de Ciencias Sociales**, [S. l.], n. 2016_09, 2016. ISSN 2254-7630. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/caribe/2016/09/pelotas.html>. Acesso em: 06 dez. 2020.

HODGES, Eric A.; ROWSEY, Pamela Johnson; GRAY, Tamryn Fowler; KNEIPP, Shawn; GISCOMBE, Cheryl Woods; FOSTER, Beverly B.; ALEXANDER, G. Rumay; KOWLOWITZ, Vicki. Bridging the gender divide: facilitating the educational path for men in nursing. **Journal of Nursing Education**, [S. l.], v. 56, n. 5, p. 295-299, mai. 2017. ISSN 1938-2421. DOI: <https://doi.org/10.3928/01484834-20170421-08>. Disponível em: <https://journals.healio.com/doi/10.3928/01484834-20170421-08>. Acesso em: 06 dez. 2020.

HOLLUP, Oddvar. The impact of gender, culture, and sexuality on Mauritian nursing: Nursing as a non-gendered occupational identity or masculine field? Qualitative study. **International Journal of Nursing Studies**, [S. l.], v. 51, n. 5, p. 752-760, mai. 2014. ISSN 0020-7489. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2013.09.013>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24144275>. Acesso em: 15 fev. 2021.

JAFREE, Sara Rizvi; ZAKAR, Rubeena; ZAKAR, Muhammad Zakria. Gender segregation as a benefit—a qualitative study from Pakistan. **Journal of nursing management**, [S. l.], v. 23, n. 8, p. 983-993, nov. 2015. ISSN 1365-2834. DOI:

<https://doi.org/10.1111/jonm.12244>. Disponível em:
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25039295>. Acesso em: 13 dez. 2020.

JESUS, Elaine dos Santos; MARQUES, Leona Rei; ASSIS, Luana Conceição Fortes; ALVES, Taisy Becerra; FREITAS, Genival Fernández de; OGUISSO, Taka. Preconceito na enfermagem: percepção de enfermeiros formados em diferentes décadas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 166-173, mar. 2010. ISSN0080-6234. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000100024>. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000100024&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 fev. 2021.

JULIFF, Dianne; RUSSELL, Kylie; BULSARA, Caroline. Male or nurse what comes first? Challenges men face on their journey to nurse registration. **Australian Journal of Advanced Nursing**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 45-52, 2016. ISSN 1447-4328. Disponível em: <https://www.ajan.com.au/archive/Vol34/Issue2/5Juliff.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2021.

KAISER FAMILY FOUNDATION. **Total number of nurse practitioners, by gender**. 2020. Disponível em: <https://www.kff.org/other/state-indicator/total-number-of-nurse-practitioners-by-gender/?currentTimeframe=0&sortModel=%7B%22colld%22:%22Location%22,%22sort%22:%22asc%22%7D>. Acesso em: 14 dez. 2020.

KEOGH, Brian; O'LYNN, Chad. Male nurses' experiences of gender barriers: Irish and American perspectives. **Nurse Educator Journal**, [S. l.], v. 32, n. 6, p. 256-259, nov./dez.2007. ISSN 1538-9855. DOI:
<https://doi.org/10.1097/01.NNE.0000299478.64809.82>. Disponível em:
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17998853>. Acesso em: 07 dez. 2020.

KORNDÖRFER, Ana Paula. Uma “nova profissão”: A Fundação Rockefeller e a formação de profissionais para a saúde pública (primeira metade do século XX). **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 12, n. 23, p. 275-290, jun. 2020. ISSN 2175-3423. DOI:
<https://doi.org/10.14295/rbhcs.v12i23.10854>. Disponível em:
<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10854/pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução (Bernardo Leitão). 5 ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003. ISBN 8526806157.

LIMA, Rogério Silva; SILVA, Marta Angélica Iossi; ANDRADE, Luciane Sá de; GÓES, Fernanda dos Santos Nogueira de; MELLO, Maria Aparecida; GONÇALVES, Marlene Fagundes Carvalho. A construção da identidade profissional em estudantes de enfermagem: pesquisa qualitativa na perspectiva histórico-cultural. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 28, e3284, 2020. ISSN 1518-8345. DOI: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.3820.3284>. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692020000100341&lng=en&nrm=is. Acesso em: 16 jan. 2021.

LINCOLN, Yvonna S.; GUBA, Egon G. **Naturalistic inquiry**. London: Sage Publications, 1985. ISBN: 9780803924314.

LOMBARDI, Maria Rosa; CAMPOS, Veridiana Parahyba. A enfermagem no Brasil e os contornos de gênero, raça/cor e classe social na formação do campo profissional. **Revista da Associação Brasileira de Estudos do trabalho**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 28-46, 2018. ISSN 1979-2483. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1676-4439.2018v17n1.41162>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/abet/article/view/41162>. Acesso em: 16 jan. 2021.

MACHADO, Maria Helena (Coord.). Perfil da enfermagem no Brasil: relatório final. *In*: CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM; FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Perfil da enfermagem no Brasil**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/COFEN, 2017. v. 1, 748p. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/pdfs/relatoriofinal.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2021.

MACHADO, William César Alves. Gênero, saúde e enfermagem: A inserção do masculino no cuidado de Enfermagem. **Online Brazilian Journal of Nursing**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 58-68, 2004. ISSN 1676-4285. Disponível em: www.uff.br/nepae/objn302machado.htm. Acesso em: 06 dez. 2020.

MAHADEEN, Alia; ABUSHAIKHA, Lubna; HABASHNEH, Samira. Educational experiences of undergraduate male nursing students: a focus group study. **Open Journal of Nursing**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 50, jan. 2017. ISSN 2162-5336. DOI: <https://doi.org/10.4236/ojn.2017.71005>. Disponível em: <https://www.scirp.org/journal/paperinformation.aspx?paperid=73552>. Acesso em: 06 dez. 2020.

MAIER, Suellen Rodrigues de Oliveira; MATTOS, Magda de. O trabalhar e o estudar no contexto universitário: uma abordagem com trabalhadores-estudantes. **Revista Saúde (Santa Maria)**, Santa Maria, v. 42, n. 1, p. 179-185, jun./jul. 2016. ISSN 2236-5834. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236583420477>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistasaude/article/view/20477>. Acesso em: 23 jan. 2021.

MARQUES, Maria Cristina da Costa; BRASILEIRO, Danilo Fernandes; FRAGA, Felipe Daiko. Enfermagem de emergência: a atuação do Instituto de Higiene durante a guerra civil brasileira de 1932. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, e20180290, fev. 2019. ISSN 2177-9465. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2018-0290>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452019000200206&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 18 nov. 2020.

MARRAN, Ana Lúcia; LIMA, Paulo Gomes; BAGNATO, Maria Helena Salgado. As políticas educacionais e o estágio curricular supervisionado no curso de graduação em enfermagem. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 89-108, abr. 2015. ISSN 1981-7746. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sip00025>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462015000100089&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 jan. 2021.

MARTÍ, Vicente Bernalte. Minoría de hombres en la profesión de enfermería. Reflexiones sobre su historia, imagen y evolución en España. **Enfermería Global**, [S. l.], v. 14, n. 1 p. 328-334, jan. 2015. ISSN 1695-6141. DOI: <https://doi.org/10.6018/eglobal.14.1.198631>. Disponível em: <https://revistas.um.es/eglobal/article/view/eglobal.14.1.198631>. Acesso em: 06 dez. 2020.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Educação & sociedade**, Campinas, v. 30, n. 106, p. 15-35, abr. 2009. ISSN 1678-4626. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000100002>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2020.

MASCARENHAS, Nildo Batista; MELO, Cristina Maria Meira de; SILVA, Livia Angeli. Gênese do trabalho profissional da enfermeira no Brasil (1920-1925). **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 220-227, abr./jun. 2016. ISSN 2177-9465. DOI: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160029>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000200220. Acesso em: 15 nov. 2020.

MCENROE, Natasha. Celebrating Florence Nightingale's bicentenary. **The Lancet**, London, England, v. 395, n. 10235, p. 1475-1478, 2020. ISSN 1474-547X. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30992-2](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30992-2). Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7252134/>. Acesso em: 04 dez. 2020.

MEADUS, Robert J.; TWOMEY, J. Creina. Men student nurses: the nursing education experience. **Nursing Forum**, [S. l.], v. 46, n. 4, p. 269-279, out./dez. 2011. ISSN 1744-6198. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1744-6198.2011.00239.x>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22029770>. Acesso em: 23 jan. 2021.

MECONE, Márcia Cristina da Cruz; FREITAS, Genival Fernandes de; BONINI, Bárbara Barrionuevo. Formação em Enfermagem na Cruz Vermelha Brasileira na década de 1940: uma abordagem Foucaultiana. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 49, n. spe2, p. 60-67, 2015. ISSN 1980-220X. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-623420150000800009>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342015000800060&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 nov. 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História**, São Paulo, n. 155, p. 191-203, 2006. ISSN 2316-9141. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i155p191-203>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19041>. Acesso em: 12 dez. 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 176p. ISBN 978-8572443760.

MELO, Michelly Oliveira dos Santos. A psicotécnica e a marinha: uma revisão 70 anos depois. **Revista Naval Psicologia em Destaque**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 8-13, 2015. ISSN 2238-1139. Disponível em:

<https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/psicologiamilitar/article/view/759>. Acesso em: 17 jan. 2021.

MINAS GERAIS. **Decreto nº 10.952 de 7 de julho de 1933**. Cria a Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 8 jul. 1933.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. ISSN 1413-8123. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007. Acesso em: 13 dez. 2020.

MOREIRA, Herivelto. Critérios e estratégias para garantir o rigor na pesquisa qualitativa. **Revista Brasileiro de Ensino de Ciência e Tecnologia**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 405-424, 2018. ISSN 1982-873X. DOI: <https://doi.org/10.3895/rbect.v11n1.6977>. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/6977>. Acesso em: 29 nov. 2020.

MOREIRA, Martha Cristina Nunes. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 621-645, 1999. ISSN 1678-4758. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59701999000100005>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 nov. 2020.

MOTT, Maria Lúcia; TSUNECHIRO, Maria Alice. Os cursos de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira e o início da enfermagem profissional no Brasil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 55, n. 5, p. 592-599, out. 2002. ISSN 0034-7167. DOI: <https://doi.org/10.5935/0034-7167.20020079>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672002000500018&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 nov. 2020.

MUNNICH, Elizabeth; WOZNIAK, Abigail. What explains the rising share of us men in registered nursing?. **Ilr Review**, [S. l.], v. 73, n. 1, p. 91-123, 2020. ISSN 2162-271X. DOI: <https://doi.org/10.1177/0019793919838775>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0019793919838775>. Acesso em: 26 nov. 2020.

MYKLEBUST, Runa Brandal. Gendered repertoires in nursing: new conceptualizations of educational gender segregation. **Gender and Education**, [S. l.], v. 33, n. 3, p. 322-336, 2021. ISSN 1360-0516. DOI: <https://doi.org/10.1080/09540253.2020.1765993>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/action/showCitFormats?doi=10.1080%2F09540253.2020.1765993>. Acesso em: 21 nov. 2020.

NASCIMENTO, Estelina Souto do; SANTOS, Geralda Fortina dos; CALDEIRA, Valda da Penha. **Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG: um mergulho no passado**. Belo Horizonte: Escola de Enfermagem da UFMG, 1999.

_____. A escola de enfermagem da UFMG: da criação aos dias atuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 51, n. 3, p. 523-528, jul./set. 1998. ISSN 0034-7167. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71671998000300015>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671998000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 fev. 2021.

NEIVA, Maria de Jesus Lopes Mousinho; NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira; NERY, Inez Sampaio; ROCHA, Silvana Santiago da. A criação do Conselho Regional de Enfermagem do Piauí: aspectos históricos. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 7, n. 3/4, p. 75-80, 2016. ISSN 2357-707X. DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2016.v7.n3/4.921>. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/921>. Acesso em: 21 nov. 2020.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta; MARTINS, Carlos Benedito. Ensino superior no Brasil: uma visão abrangente. In: DWYER, Tom *et al.* (Org.) **Jovens universitários em um mundo em transformação**: uma pesquisa sino-brasileira. Brasília: Ipea, 2016. Cap. 3, p. 95-124. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9061?mode=full>. Acesso em: 20 nov. 2020.

O'LYNN, Chad Ellis. Gender-based barriers for male students in nursing education programs: prevalence and perceived importance. **Journal of Nursing Education**, [S. l.], v. 43, n. 5, p. 229-236, 2004. ISSN 1938-2421. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15152800>. Acesso em: 22 nov. 2020.

OGUISSO, Taka; TAMARA, Cianciarullo. **A trajetória histórica da enfermagem**. São Paulo: Manole, 2014. 304p. ISBN 978-8520426425.

OGUISSO, Taka; CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; MOREIRA, Almerinda. Enfermagem pré-profissional no Brasil: questões e personagens. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 2, n. supl., p. 68-72, 2011. ISSN 2357-707X. DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2011.v2.nSUP.85>. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/85>. Acesso em: 21 nov. 2020.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza. Las representaciones de la historia de enfermería en la práctica cotidiana actual. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 52, n. 3, p. 443-454, 1999. ISSN 0034-7167. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71671999000300014>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671999000300014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 nov. 2020.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; VAGHETTI, Helena Heidtmann; BRODERSEN, Gladys. Gênero e enfermagem: uma análise reflexiva. **Revista de Enfermagem da URRJ**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 292-300, abr./jun. 2006. ISSN 0104-3552. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/1572>. Acesso em: 18 nov. 2020.

PADILHA, Maria Itayra; BARBIERI, Márcia; NEVES, Vanessa Ribeiro. Escola Paulista de Enfermagem—80 anos de uma história de triunfos. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 33, 2020. ISSN 1982-0194. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020ae02955>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002020000101100&script=sci_arttext. Acesso em: 23 jan. 2021.

PAIXÃO, Waleska. **História da enfermagem**. 5. ed. Rio de Janeiro: Julio C. Reis, 1979. 139p.

PASCHOALINO, Pietro André Telatin; PLASSA, Wander; SANTOS, Moisés Pais dos. Discriminação de gênero no mercado de trabalho brasileiro: uma análise para o ano 2015. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 48, n. 3, p. 43-54, jul./set. 2017. ISSN 2357-9226. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321998550_Discriminacao_de_genero_no_mercado_de_trabalho_brasileiro_uma_analise_para_o_ano_2015. Acesso em: 16 fev. 2021.

PELÁ, Nilza Tereza Rotter; IMPERATRIZ, Diva Mercedes. O ensino de enfermagem obstétrica para estudantes masculinos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 25, n. 5, p. 105-114, 1972. ISSN 1984-0446. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-716719720005000008>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671972000500105. Acesso em: 16 dez. 2020.

PEREIRA, Alvaro. Reflexões sobre a evolução da enfermagem e o surgimento do homem na profissão. **Acta Paul de Enfermagem**, São Paulo, v. 4, n. 2/4, p. 49-54, 1991. ISSN 1982-0194. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-458118>. Acesso em: 04 nov. 2020.

PINHEIRO, Maria Rosa S. Considerações sobre a carga horária do curso de graduação em Enfermagem geral. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 9-17, mar. 1988. ISSN 1980-220X. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v2n1/0080-6234-reeusp-2-1-009.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

POPPER-GIVEON, Ariela; KESHET, Yael; LIBERMAN, Ido. Increasing gender and ethnic diversity in the health care workforce: the case of Arab male nurses in Israel. **Nursing Outlook**, [S. l.], v. 63, n. 6, p. 680-690, nov./dez. 2015. ISSN 0029-6554. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.outlook.2015.08.001>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26362946/>. Acesso em: 16 fev. 2021.

PURNELL, Larry D. Men in nursing: an international perspective. *In*: O'Lynn, Chad; TRANBARGER, Russel (Eds). **Men in nursing**. History, challenges and opportunities. New York: SpringerPublishing Company, 2007. Cap 3. p. 219-235. Disponível em: <https://www.springerpub.com/men-in-nursing-9780826102218.html>. Acesso em: 19 dez. 2020.

QUEIRÓS, Paulo Joaquim Pina; ALMEIDA FILHO, Antonio José; MONTEIRO, Ana Paula Almeida; SANTOS, Tânia Cristina Franco; PERES, Maria Angélica de

Almeida. Debates parlamentares em Portugal de 1821 a 1910: Identificação de fontes para a história da enfermagem. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, 2017. ISSN 2177-9465. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20170006>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452017000100206. Acesso em: 30 nov. 2020.

QUEIRÓS, Paulo Joaquim Pina; ALMEIDA FILHO, Antonio José; ALMEIDA, Maria Angélica de; SANTOS, Tânia Cristina Franco; PEREIRA, Marina Baptista; PEREIRA, Patrícia Freitas. O cuidado e bom serviço dos enfermeiros em 1821-1822. **Revista de Enfermagem Referência**, [S. l.], n. 16, p. 95-106, jan./fev./mar. 2018. ISSN 2182-2883. DOI: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV17064>. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserlVn16/serlVn16a10.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2020.

RABELO, Amanda. Professores homens nas séries Iniciais: escolha profissional e mal-estar docente. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 35, n. 2, p. 279-298, 2010. ISSN 2175-6236. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8198>. Acesso em: 21 nov. 2020.

REZNIK, Luis; COSTA, Juliana Carolina Oliveira. Keeping our immigrants healthy: hygienist doctrine in the Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 15-32, 2019. ISSN 1678-4758. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-59702019000100002>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702019000100015&script=sci_abstract. Acesso em: 15 nov. 2020.

RIBEIRO, Marinalva Lopes; SILVA, Fabrício Oliveira da; BRAGA, Maria Cleonice Barbosa; MALTA, Hélia Lucila. Por quais motivações estudantes escolhem a carreira profissional? **Revista de Educação PUC-Campinas**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 155-173, 2018. ISSN 2318-0870. DOI: <https://doi.org/10.24220/2318-0870v23n2a3903>. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/3903>. Acesso em: 13 jan. 2021.

SANEMATSU, Laudelino Siqueira Amaral; FOLQUITTO, Camila Tarif Ferreira; MARTINS, Maria do Carmo Fernandes. A produção científica sobre vocação na enfermagem. **Revista de Enfermagem da UFPE on line**, Recife, p. 819-828, 2019. ISSN 1981-8963. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v13i03a239030p819-828-2019>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/239030/31587>. Acesso em: 14 jan. 2021.

SANTO, Tiago Braga do Espírito; OGUISSO, Taka; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. A profissionalização da enfermagem brasileira na mídia escrita no final do século XIX: uma análise de gênero. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 5, p. 1265-1271, 2011. ISSN 1518-8345. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692011000500026>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692011000500026&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 15 nov. 2020.

SANTOS, Fernanda Batista Oliveira; CARREGAL, Fernanda Alves dos Santos; RODRIGUES, Rafaela Dias; MARQUES, Rita de Cássia Marques de Cássia. História da enfermagem brasileira (1950-2004): o que tem sido discutido na literatura?. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, São João del-Rei, v. 8, e1876, 2018. ISSN 2236-6091. DOI: <https://doi.org/10.19175/recom.v8i0.1876>. Disponível em: <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/1876/1898>. Acesso em: 06 dez. 2020.

SANTOS, Fernanda Batista Oliveira; CARREGAL, Fernanda Alves dos Santos; SCHRECK, Rafaela Siqueira Costa; MARQUES, Rita de Cássia; PERES, Maria Angélica de Almeida. Padrão Anna Nery e perfis profissionais de enfermagem possíveis para enfermeiras e enfermeiros no Brasil. **História de Enfermagem: Revista Eletrônica-Here**, [S. l.], 20v. 11, n. 1, p. 10-21, 2020. ISSN 2176-7475. DOI: Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/v11/n1/a1.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.

SANTOS, Fernanda Batista Oliveira. **A trajetória histórica da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais: desdobramentos da Federalização 1950-2004**. 195f. 2018. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ENFC-B3VHNN>. Acesso em: 26 jan. 2021.

SANTOS, Fernanda Batista Oliveira; MARQUES, Rita de Cássia. Egressas da Escola de Enfermagem Carlos Chagas: campos de atuação-1936-1948. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 363-368, 2015. ISSN 2177-9465. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20150050>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452015000200363. Acesso em: 09 fev. 2021.

SANTOS, Geralda Fortina dos; RODRIGUES, Flávio César; LIMA, Sílvia Madeira. A enfermeira Carlos Chagas: alunas diplomadas pela Escola de Enfermagem Carlos Chagas no período de 1933 a 1950. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 8, n. 4, p. 475-482, 2004. ISSN 2316-9389. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/708>. Acesso em: 19 nov. 2020.

SANTOS, Luis Miguel dos. Male nursing practitioners and nursing educators: the relationship between childhood experience, social stigma, and social bias. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [S. l.], v. 17, n. 14, p. 4959, 2020. ISSN 1660-4601. DOI: <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph17144959>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7399812>. Acesso em: 04 dez. 2020.

SANTOS, Rayanne Branco dos; BRITO, Maria da Conceição Coelho; DIAS, Maria Socorro de Araújo; FERNANDES, Marília Campos; SOUSA, Caroline Ribeiro de; SILVA, Victor Matheus da. Motivos para escolha da profissão de enfermeiro. **Revista Baiana de Enfermagem**, [S. l.], v. 32, e28255-e28255, 2018. ISSN 2178-8650. DOI: <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v32.28255>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/28255>. Acesso em: 15 jan. 2021.

SANTOS, Regina Maria dos; BARROS, Larissa Melo Coêlho; SANTOS, Sílvia Alves dos; SANTOS, Wanderlei Barbosa dos; COSTA, Lais de Miranda Crispim. Inserção masculina na enfermagem: o que se escreve sobre esta questão? **Cultura de los Cuidado**, [S. l.], v. 21, n. 48, p. 219-232, mai./ago. 2017. ISSN 1138-1728. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/ibc-167403>. Acesso em: 04 dez. 2020.

SANTOS, Sílvia Alves dos; SANTOS, Regina Maria dos; BARROS, Larissa Melo Coêlho; SANTOS, Wanderlei Barbosa dos; COSTA, Lais de Miranda Crispim. Inserção masculina no primeiro curso de graduação em enfermagem de Alagoas–1974/1984. **História de Enfermagem: Revista Eletrônica-Here**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 189-203, 2016. ISSN 2176-7475. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1029038>. Acesso em: 11 jan. 2021.

SANTOS, Tânia Cristina Franco; BARREIRA, Ieda de Alencar; FONTE, Aline Silva da; OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. Participação americana na formação de um modelo de enfermeira na sociedade brasileira na década de 1920. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 966-973, 2011. ISSN 1980-220X. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n4/v45n4a25.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.

SAYMAN, Donna M. Fighting the trauma demons: what men in nursing want you to know. **Nursing fórum**, [S. l.], p. 9-19, 2014. ISSN 1744-6198. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/nuf.12073>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24397860>. Acesso em: 26 nov. 2020.

SCOCHI, Carmen Gracinda Silvan; MUNARI, Denize Boutelet; GELBCKE, Francine Lima; ERDMANN, Alacoque Lorenzini; GUTIÉRREZ, Maria Gaby Rivero de; RODRIGUES, Rosalina Aparecida Partezani. Pós-graduação *Stricto Sensu* em Enfermagem no Brasil: avanços e perspectivas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. spe, p. 80-89, 2013. ISSN 0034-7167. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000700011>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700011. Acesso em: 23 jan. 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 1995. ISSN 2175-6236. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 06 dez. 2020.

SILVA, Helena da. Relações de gênero na enfermagem em Portugal (1886-1955). **Revista Tempos Históricos**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 17-39, 2012. ISSN 1517-4689. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/7944>. Acesso em: 07 mar. 2021.

SILVA, Manoel Carlos Neri da; MACHADO, Maria Helena. Sistema de Saúde e Trabalho: desafios para a Enfermagem no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de

Janeiro, v. 25, n. 1, p. 7-13, jan. 2020. ISSN 1678-4561. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020251.27572019>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 jan. 2021.

SILVA, Priscila Aquino. O hospital Real De Todos-Os-Santos e seus agentes da cura. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 1335-1352, 2015. ISSN 1678-4758. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702015000400008>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702015000401335&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 nov. 2020.

SILVA JUNIOR, Osnir Claudiano da; MOREIRA, Almeirinda; AMORIM, Wellington; PORTO, Fernando. A enfermagem psiquiátrica e a enfermagem moderna no Rio de Janeiro: uma lição da história. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 54, n. 2, p. 229-236, jun. 2001. ISSN 0034-7167. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672001000200008>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672001000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 mar. 2021.

SOARES, Sabrina Gonçalves Aguiar; CAMPONOGARA, Silviamar; VARGAS, Mara Ambrosina de Oliveira. Entre o dito e o não dito acerca da autonomia do enfermeiro:(des) continuidades nos discursos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 73, n. 6, e20190401, 2020. ISSN 1984-0446. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0401>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020000600167&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 jan. 2021.

SOUZA, Hugo Alberto Neves; ALBUQUERQUE, Paulina Aparecida Marques Vieira; CUNHA, Maria Amaália Cury; LEMOS, Adriana; PORTO, Fernando. Enfermeiros nas páginas da imprensa escrita no Distrito Federal (1920-1940). **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 38847, 2019. ISSN 0104-3552. DOI: <https://doi.org/10.12957/reuerj.2019.38847>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerrj/article/view/38847>. Acesso em: 07 dez. 2020.

SOUZA, Hugo Alberto Neves; TRIGUEIRA, Keythluci Faria; OLIVEIRA, Alexandre Barbosa; BERNARDES, Margarida; GOMES, Antonio Marcos Tosoli; PORTO, Fernando. Imagem pública da enfermeira: pesquisa documental (1910-1920). **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 39281, 2019. ISSN 0104-3552. DOI: <https://doi.org/10.12957/reuerj.2019.39281>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerrj/article/view/39281>. Acesso em: 17 nov. 2020.

STANLEY, David; BEAMENT, Tania; FALCONER, Darren; HAIGH, Margaret; SAUNDERS, Rosemary; STANLEY, Karen; WALL, Peter. Would you recommend nursing as a career to men? **Working Papers in Health Science**, [S. l.], v. 1, n. 14, 2016. ISSN 2051-6266. Disponível em: <http://www.southampton.ac.uk/assets/centresresearch/documents/wphs/DSWould%20Oyou%20recommend%20nursing.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

TAQUETTE, Stella Regina; MINAYO, Maria Cecília. Análise de estudos qualitativos conduzidos por médicos publicados em periódicos científicos brasileiros entre 2004 e 2013. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 417-434, 2016. ISSN 1809-4481. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312016000200005>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312016000200417&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2020.

TEODÓSIO, Sheila Saint-Clair da Silva; PADILHA, Maria Itayra. A formação e a (re) construção da identidade profissional de enfermeiros (anos de 1970). **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, p. e20054-e20054, 2018. ISSN 0104-3552. DOI: <https://doi.org/10.12957/reuerj.2018.20054>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/20054>. Acesso em: 12 fev. 2021.

TEODOSIO, Sheila Saint-Clair; PADILHA, Maria Itayra. “Ser enfermeiro”: escolha profissional e a construção dos processos identitários (anos 1970). **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 69, n. 3, p. 428-434, 2016. ISSN 1984-0446. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2016690303i>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672016000300428&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 jan. 2021.

TESSARO, Débora; SCHMIDT, Beatriz. Escolha profissional: teoria e intervenções sistêmicas voltadas ao adolescente e à família. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 92-104, 2017. ISSN 1679-494X. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 jan. 2021.

TREVISIO, Patricia; PERES, Sabrina Capeletti; SILVA, Alessandra Dartora da; SANTOS, Adriana Alves dos. Competências do enfermeiro na gestão do cuidado. **Revista de Administração em Saúde**, [S. l.], v. 17, n. 69, 2017. ISSN 2526-3528. DOI: <http://dx.doi.org/10.23973/ras.69.59>. Disponível em: <https://cqh.org.br/ojs-2.4.8/index.php/ras/article/view/59>. Acesso em: 16 fev. 2021.

TYRRELL, Maria Antonieta Rubio; SANTOS, Tânia Cristina Franco. Setenta anos de vida universitária da Escola de Enfermagem Anna Nery: uma breve reflexão. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 138-142, 2007. ISSN 1414-8145. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452007000100020>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452007000100020&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 nov. 2020.

VELLOSO, Isabela Silvia Cancio; TIZZONI, Janaína Soares. Critérios y estrategias de calidad y rigor em la investigación cualitativa. **Ciencia y enfermería**, Concepción, v. 26, n. 28, 2020. ISSN 0717-9553. DOI: <http://dx.doi.org/10.29393/ce26-22ceis20022>. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532020000100402&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 12 mar. 2021.

VIANA, Hyalle Abreu; SOUSA, Amanda Wanderley Leite de; TORRES, Ana Raquel Rosas. Engenheiras e enfermeiros: estereótipos, discriminação e desafios de

profissionais contranormativos. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão, v. 29, p. 25-56, 2018. ISSN 2674-6344. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/ENGENHEIRAS-E-ENFERMEIROS%3A-ESTERE%C3%93TIPOS%2C-E-DESAFIOS-Viana-Sousa/e6dc90a619d7e13da5847eddef8b3e73b99d7338>. Acesso em: 29 jan. 2021.

WHITESIDE, James; BUTCHER, Dan. 'Not a job for a man': factors in the use of touch by male nursing staff. **British Journal of Nursing**, [S. l.], v. 24, n. 6, p. 335-341, 2015. ISSN 2052-2819. DOI: <http://dx.doi.org/10.12968/bjon.2015.24.6.335>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25815825>. Acesso em: 07 fev. 2021.

WILLIAMS, Christine L. The glass escalator: hidden advantages for men in the "female" professions. **Social problems**, [S. l.], v. 39, n. 3, p. 253-267, 1992. ISSN 1533-8533. DOI: <https://doi.org/10.2307/3096961>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3096961?seq=1>. Acesso em: 26 nov. 2020.

YI, Myungkeun; KEOGH, Brian. What motivates men to choose nursing as a profession? A systematic review of qualitative studies. **Contemporary Nurse**, [S. l.], v. 52, n. 1, p. 95-105, 2016. ISSN 1037-6178. DOI: <https://doi.org/10.1080/10376178.2016.1192952>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27216273/>. Acesso em: 31 jan. 2021.

ZAMANZADEH, Vahid; VALIZADEH, Leila; NEGARANDEH, Reza; MONADI, Morteza; AZADI, Arman. Factors influencing men entering the nursing profession, and understanding the challenges faced by them: Iranian and developed countries' perspectives. **Nursing and Midwifery Studies**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 49-56, dez. 2013. ISSN 2322-1674. DOI: <https://doi.org/10.5812/nms.12583>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4228905>. Acesso em: 10 jan. 2021.

ZHANG, Hong; TU, Jiong. The working experiences of male nurses in China: Implications for male nurse recruitment and retention. **Journal of Nursing Management**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 441-449, 2020. ISSN 1365-2834. DOI: <https://doi.org/10.1111/jonm.12950>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31909518>. Acesso em: 30 nov. 2020.

APÊNDICE A - Relação de homens diplomados na EEUFMG na década de

70

Nº de homens formados	Nome	Semestre/ Ano de formação
01	Irineu Guedes Pereira	1971
02	José Aquino Ferreira	
03	Peter Cristiann Kuppens	
04	Liberto Lopes de Oliveira	1972
05	Joaquim José Machado Netto	1º/ 1975
06	Ilvaney Alves Figueira	2º/1975
07	Silvio Denis Grenfell	1º/ 1976
08	Maurício Roberto Teixeira da Costa	2º/1976
09	Romualdo Gonçalves de Sousa	
10	Airton Silva	1º/ 1977
11	José Márcio Cirardi de Mendonça	
12	José Ramos de Almeida	
13	Carlos Bernardo Soares	2º/ 1977
14	Júlio César dos Santos	
15	Maurício Nonato Ferreira	
16	Eudes Esmar Cecília da Rocha	1º/ 1978
17	José Joaquim Rocha Vieira	
18	Nelson Ferreira	
19	Nívio Gonçalves Rosa	2º/ 1978
20	Pio Alves da Silva Filho	
21	Paulo Roberto Salgueiro	1º/1979
22	Túlio Alberto Martins de Figueiredo	
23	Janus José	2º/1979
24	José Maria Menezes Amaral	

Fonte: CEMENF; Seção de Ensino EEUFMG (2019).

APÊNDICE B- Ficha documental

Localização	Data
Identificação da obra	
Autor	
Conteúdos e observações	

APÊNDICE C- Instrumento de coleta de dados

Data: ____/____/____ Entrevista Nº _____

Horário de início: _____ Horário de término: _____

Tempo de duração: _____

Local da entrevista: _____

Identificação

Idade: _____ Ano da graduação: _____ Estado civil: _____

Religião: _____

Ocupação atual:

Questões Norteadoras:

- 1) Fale-me como ocorreu sua escolha pela profissão e como foi a sua inserção no curso de graduação em enfermagem da UFMG.

- 2) Relate como era “ser homem” em um curso de graduação reconhecido como feminino e dentro de uma escola de mulheres.

APÊNDICE D - Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Homens na enfermagem: memória dos egressos graduados na Universidade Federal de Minas Gerais (década de 1970)

Pesquisador: RITA DE CASSIA MARQUES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 27001819.4.0000.5149

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.903.510

Apresentação do Projeto:

Os homens sempre foram um contingente importante no trabalho dos raros hospitais dos séculos XVI a XIX não sendo necessária formação teórica e técnica reconhecida para tratar às pessoas doentes. Após a profissionalização da enfermagem esta se toma predominantemente exercida por mulheres. Apesar da integração dos homens diplomados na

profissão, estudos apontam que a profissão é reconhecida como feminina e que os enfermeiros têm sua prática direcionada em grande parte a serviços culturalmente remetidos à força física.

Justificativa: As pesquisas de uma forma geral não contemplam os homens na graduação em enfermagem, em particular, em Minas Gerais, que desde da criação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (EEUFMG), não há estudo que retrate sobre a inserção do homem na profissão.

Objetivo da Pesquisa:

Compreender o processo de inserção dos homens no curso de graduação em enfermagem da UFMG na década de 1970.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foi descrito no TCLE e no projeto:

O Sr. poderá se sentir desconfortável ou incomodado durante a entrevista, e caso isso ocorra,

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad S1 2005

Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE

Telefone: (31) 3409-4592

E-mail: ceep@pqp.ufmg.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS**



Continuação do Parecer: 3.903.510

poderá interromper sua participação a qualquer momento. Esse risco será minimizado mediante esclarecimentos sobre a pesquisa e dúvidas que possam existir.

Os participantes irão contribuir no que se refere ao resgate da história da enfermagem, uma vez que foram os primeiros homens a se graduarem no curso de enfermagem da UFMG.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Foram apresentadas as documentações adequadas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos apresentados.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1484337.pdf	05/12/2019 00:03:59		Aceito
Outros	INSTRUMENTO_COLETA_DADOS.pdf	05/12/2019 00:01:56	RITA DE CASSIA MARQUES	Aceito
Outros	cessao_direitos_depoimento_oral.pdf	05/12/2019 00:01:19	RITA DE CASSIA MARQUES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	PARECER_ENA.pdf	04/12/2019 23:59:45	RITA DE CASSIA MARQUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	projeto_detalhado_plataforma.pdf	04/12/2019 23:59:18	RITA DE CASSIA MARQUES	Aceito

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad S1 2005

Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901

UF: MG Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coop@pqp.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 3.908.510

Investigador	projeto_detalhado_plataforma.pdf	04/12/2019 23:59:18	RITA DE CASSIA MARQUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_plataforma_brasil.pdf	04/12/2019 23:58:59	RITA DE CASSIA MARQUES	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	04/12/2019 23:58:41	RITA DE CASSIA MARQUES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_pesquisadoras.pdf	04/12/2019 23:58:23	RITA DE CASSIA MARQUES	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	04/12/2019 23:58:05	RITA DE CASSIA MARQUES	Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto.pdf	04/12/2019 23:57:38	RITA DE CASSIA MARQUES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 07 de Março de 2020

Assinado por:
Crisia Carem Paiva Fontainha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad S1 2005
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE
 Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@pqp.ufmg.br

APÊNDICE E- Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

Eu, _____ CI _____

declaro que fui suficientemente esclarecido sobre os objetivos da pesquisa intitulada “HOMENS NA ENFERMAGEM: vivências dos primeiros graduados na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (década de 1970)” para a dissertação de mestrado de Carla Aparecida de Carvalho, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Marques, da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O estudo tem como objetivo analisar como foram as vivências dos homens graduados na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais na década de 70.

Os dados serão coletados por meio de entrevista de história oral. As perguntas constarão de um roteiro que lhe será apresentado e o sr. poderá se recusar a responder ou se retirar da pesquisa a qualquer momento.

A entrevista será gravada e transcrita e utilizada somente para a pesquisa, não interferindo em sua vida profissional. Após a transcrição estará à sua disposição para ouvir ou ler se desejar e somente será levada para análise após a assinatura do termo de consentimento pós-informado.

O Sr. poderá se sentir desconfortável ou incomodado durante a entrevista, e caso isso ocorra, poderá interromper sua participação a qualquer momento. Esse risco será minimizado mediante esclarecimentos sobre a pesquisa e dúvidas que possam existir. Sua participação na pesquisa não trará nenhuma despesa pessoal para você nem receberá qualquer vantagem financeira. Sua participação é voluntária e a recusa não acarretará qualquer penalidade. Será mantido seu anonimato se assim o desejar, e da confiabilidade das informações. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada e serão armazenados em banco de dados a ser construído pela pesquisadora e posteriormente compor o acervo do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais se o sr. consentir.

Os aspectos éticos da pesquisa estão em conformidade com as Resoluções nº 466, de 2012, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde, a qual estipula normas éticas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012) e a Resolução nº 510/2016 que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

Este termo será assinado em duas vias, uma para a pesquisadora e outra será entregue a você.

Assinatura do(a) participante: _____

Pesquisador: _____

Data: ___/___/___

Em caso de dúvidas, relacionadas aos aspectos éticos da pesquisa, poderá consultar: COEP- Comitê de Ética em Pesquisa – UFMG – Av. Antônio Carlos, 6627/ Unidade Administrativa II – 2º andar - Sala 2005/ Campus Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, CEP: 31270-901, Telefone: (31)3409-4592 / e-mail:coep@prpq.ufmg.br

Pesquisadoras:

Prof.^a. Dr.^a. Rita de Cássia Marques, telefone (31)3409-9181, e-mail: rcmarques63@yahoo.com.br; Carla Aparecida de Carvalho, telefone (31)99324-2099, e-mail: carlafecarvalho@gmail.com. Endereço: Nelson Soares de Faria, 176, Cidade Nova, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, CEP: 31170-030.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu, _____, declaro que fui informado sobre os objetivos, propósitos e procedimentos inerentes a este estudo e que recebi as explicações inerentes à participação voluntária, direito de desistir e confidencialidade das informações. Nesses termos, considerando-me livre e esclarecido, consinto minha participação voluntária, resguardando à autora do projeto de pesquisa, a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados.

Belo Horizonte, _____ de _____ de _____

Assinatura do Participante

Assinatura do Responsável pela entrevista

APÊNDICE F – Cessão de direitos sobre depoimento oral

Pelo presente documento, eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____, profissão _____, CPF _____, carteira de identidade nº _____, emitida pelo _____ domiciliado e residente na cidade de _____, rua(avenida) _____ declaro ceder às pesquisadoras Rita de Cássia Marques e Carla Aparecida de Carvalho às informações declaradas na dissertação de mestrado intitulada “HOMENS NA ENFERMAGEM: vivências dos primeiros graduados na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (década de 1970)” sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental, fotografias e acervos cedidos (recortes de jornal, documentos, etc.) que prestei ao projeto de dissertação em ___/___/___ em um total de _____ horas gravadas e transcritas, perante a pesquisadora.

As pesquisadoras ficam conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar para fins culturais e acadêmico-científicos, o mencionado depoimento-conforme a transcrição por mim aprovada, que se encontra em anexo - no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade indicação de fonte e autor.

_____, _____ de _____ de 20____.

ANEXO A – Folha de admissão

ESCOLA DE ENFERMAGEM

ENDEREGO :

FOLHA DE ADMISSÃO

A candidata deve ler com atenção as perguntas e respondê-las cuidadosamente em seu próprio benefício.

Data..... *Março de 1964*

1. Nome de acordo com o registro civil. *H. Maria que Augusto de Melo*

2. Assinatura *H. Maria que Augusto de Melo*

3. Residência *Rua Princesa Bevilardo 624, Santa Efigênia.*

4. Nome do parente ou amigo residente mais perto da Escola para ser notificado em caso de emergência.

5. Data de nascimento *27/15/1926* Local do nascimento *Município de São José do Rio Preto*
Estado *Mato Grosso do Sul*

6. Peso *63 kg* Altura *1,68 m*

7. Cor *Negra* Religião *Católica*

Nacionalidade *Brasileira* Mata Naturalizado:

8. Estado civil *Casada* Tem filhos? *sim* Quantos? *cinco* Idades *1, 4, 6, 8 e 10*

9. Nome do pai *Bevilardo Augusto de Melo, "Falecido"*
Data do nascimento Localidade *Município de São José do Rio Preto, Mato Grosso do Sul*
Nacionalidade *Brasileira* Naturalizado:

Endereço

Instrução Profissão

Onde trabalha? Endereço

Se falecido, dar a causa mortis *Sífilis*

10. Nome da mãe *Laurinda Augusta de Oliveira, "Falecida"*
Data do nascimento Localidade *Município de Santa Bárbara*
Nacionalidade *Brasileira* Naturalizada:

Endereço Instrução:

Ocupação anterior ao casamento

Ocupação atual

Se falecida, dar a causa mortis *Sífilis*

11. Nome do tutor ou responsável
 Parentesco Profissão
 Residência

12.

NOMES DOS IRMÃOS	DATA DO NASCIMENTO	INSTRUÇÃO	PROFISSÃO
Maria Augusta de Melo		Primário	Farmacêutico
Alciana Augusta de Melo		"	Dentista
Augusta Augusta de Melo		"	Farmacêutico
Terezinha de Melo		"	Farmacêutico
José Augusto de Melo		"	Empresário

13. Tem encargos de família? - Sim Quais? - *dois filhos e*

14. Informações referentes aos cursos que frequentou:

NOME DA ESCOLA	ENDEREÇO	DATA ENTRADA	DATA SAÍDA	MÉDIA
Prta. Escola Rural	—	—	—	—
Secund.				
Quintino Bocayuva				
Celso	Rua da Bahia	1952	1955	
Celso	Belofonte	1955	1958	6,6

15. Se deixou de terminar algum curso, explique qual o motivo: —

16. Teve outras oportunidades educacionais, tais como viagens etc. *não*

17. Queira sublinhar suas preferências: - Música, pintura, cinema, natação, tênis, dança, leitura, trabalhos manuais, distrações ao ar livre. A qual delas se dedica?

18. Já teve responsabilidades? Quais? —

Por quê saiu?

19. Já estudou enfermagem? *Enfermagem Prática* Onde? *Parceto*

Data de entrada *Março de 1947*

Data da saída *Fevereiro de 1949* Por quê saiu?

20. Queira citar o nome e endereço de três pessoas conhecidas (não parentes) que possam dar referência sobre sua pessoa
- Nome
- Endereço
- Profissão
- Nome
- Endereço
- Profissão
- Nome
- Endereço
- Profissão
21. Quando deseja entrar para a escola?
22. Queira escrever, no espaço abaixo, os motivos que o levaram a escolher a profissão de enfermeiro.

Considerando o primor e a nobreza da profissão, para minorar o sofrimento alheio, justifico perfeitamente o motivo de minha escolha.

Data *Belo Horizonte, 11 de Março de 1964*
Assinatura *Luiz Henrique de Faria*

NOTA - Esta folha juntamente com a ficha e documentação deverá ser enviada à Escola com a matrícula.

COLÉGIO AFONSO CELSO
Belo Horizonte — Minas Gerais

Henrique Augusto de Melo
Nome do aluno

27 maio 1952
Data do nascimento

Oliveira
Local

Minas
Estado

Branquilda Augusto de Melo
Nome do pai

Branquilda Monteiro de Oliveira
Nome da mãe

EXAME DE ADMISSÃO

Colégio Afonso Celso
Estabelecimento que recebeu o candidato

Belo Horizonte
Local

Minas
Estado

RESULTADOS

Português	7.2	Aritmética	5.7
Geografia	9.0	História	10.0
Média Geral	7.6	Data	26-29 fevereiro - 1952

Gráfica Jalcson SION - à. lito. - Mod. 18 - Part. 51

1.º CICLO	Português	Latim	Francês	Inglês	Matemática	Ciências Naturais	História Geral	História do Brasil	Geografia	Trabalhos Manuais	Desenho	Curso Criminológico	NOTA GLOBAL
1.ª Série	6.3	6.2	5.4		6.2			7.2	7.3	8.7	6.2		6.7
Colégio Afonso Pena - B. Bete - M. Gerais - 1952 - José de Figueiredo Silva <small>Nome do Estabelecimento</small> <small>Local</small> <small>Estado</small> <small>Ano</small> <small>Nome do Legitimado</small>													
2.ª Série	6.4	6.4	5.7	5.2	7.6		6.6		6.0	8.5	6.7		6.6
Colégio Afonso Pena - B. Bete - M. Gerais - 1953 - José de Figueiredo Silva <small>Nome do Estabelecimento</small> <small>Local</small> <small>Estado</small> <small>Ano</small> <small>Nome do Legitimado</small>													
3.ª Série	5.2	5.5	5.0	5.4	5.7	6.2		5.9	6.3		5.6		5.9
Colégio Afonso Pena - B. Bete - M. Gerais - 1954 - José de Figueiredo Silva <small>Nome do Estabelecimento</small> <small>Local</small> <small>Estado</small> <small>Ano</small> <small>Nome do Legitimado</small>													
4.ª Série	5.3	5.3	4.2	6.3	5.2	5.9	6.4	5.7	7.6		4.2		5.6
Colégio Afonso Pena - B. Bete - M. Gerais - 1955 - José de Figueiredo Silva <small>Nome do Estabelecimento</small> <small>Local</small> <small>Estado</small> <small>Ano</small> <small>Nome do Legitimado</small>													
[Assinatura] [Assinatura] [Assinatura] [Assinatura] [Assinatura] [Assinatura] [Assinatura] [Assinatura] [Assinatura] [Assinatura]													
20.1.61 Dr. Halley Alves Bessa													

C O N T R A T O

2.º CICLO

	Português	Latim	Grego	Francês	Inglês	Espanhol	Matemática	Física	Química	História Natural	História Geral	História do Brasil	Geografia	Filosofia	Desenho	Notas Globais
1.ª Série	6.4			5.1 6.0	5.2	7.5	4.7	7.3		6.5		7.7		5.0	6.1	

Colégio Alvaro Celso *Ribe* *Alvaros* *1956* *José de Guimarães Silva*
Nome do Estabelecimento Local Classe Ano Nome do Insper

2.ª Série	6.92			6.02 5.98	5.80	5.39	7.07	7.31	7.00	5.90	7.75			6.08	6.46	
-----------	------	--	--	-----------	------	------	------	------	------	------	------	--	--	------	------	--

Colégio Alvaro Celso *Ribe* *Alvaros* *1958* *Halley Alves Bessa*
Nome do Estabelecimento Local Classe Ano Nome do Insper

3.ª Série	6.6					5.6	6.3	7.4	7.5	6.8	5.8	7.5	6.4	6.0	6.6	
-----------	-----	--	--	--	--	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	--

Colégio Alvaro Celso *Ribe* *Alvaros* *1959* *Halley Alves Bessa*
Nome do Estabelecimento Local Classe Ano Nome do Insper

Mendes
Classe

2014/161
Expediente nº

Halley Alves Bessa
Insper
Dr. Halley Alves Bessa

Observações:

(Reservado para reconhecimento de firmas)

OFÍCIO DE NOTAS	
ANT. DO CARTÓRIO PÚBLICO	
Rua Colina, 112 - São Horizonte	
RECONHECO A FIRMA QUE INDICADA.	
Em	27 Jan - de 1957
data	
Por testamento da	



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

Colégio Afonso Celso

BELO HORIZONTE MINAS GERAIS

Nº 54

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO CURSO CIENTIFICO

Certificamos que Henrique Augusto de Melo nascido em 27 de março de 1926
filho de Benedito Augusto de Melo e de Leocinda Monteiro de Oliveira
natural de Olinda Peruís MG
tendo em vista os provas prestadas no ano letivo de 19... na 3ª série do Curso Científico, é considerado habilitado no 2º ciclo Secundário, nos termos da Lei Orgânica do Ensino Secundário (Decretos-Leis nºs. 4244, de 9 de Abril de 1942 e 8347, de 10 de Dezembro de 1945).

Belo Horizonte . 20 de Janeiro de 1961
Dr. Halley Alves de Sá (Diretor)
Dr. Halley Alves de Sá (papeter)

Exento de selo, ex-vi do Decreto-lei nº 5026, de 2-10-1945*
Dr. Grálcio José Peixoto-F. Euzero Brandão, Av

DISCIPLINAS	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série	5ª série	6ª série	7ª série	8ª série	9ª série	10ª série	11ª série	12ª série	NOTA GLOBAL
Português	6.4	5.3	6.0	5.2	7.5	6.7	7.3	6.8	7.7	7.7	7.7	5.0	6.1
Francês													
Inglês													
Espanhol													
Matemática													
Ciência													
Química													
História													
Geografia													
Desenho													
1ª série	6.4	5.3	6.0	5.2	7.5	6.7	7.3	6.8	7.7	7.7	7.7	5.0	6.1
2ª série	6.4	6.0	5.48		5.30	5.34	7.07	7.31	7.00	5.20	7.75	6.08	6.16
3ª série	6.6				5.6	6.3	7.4	7.5	6.8	5.8	7.5	6.4	6.6

Dr. Hailey
Diretor

Dr. Hailey Alves Bessa
Inspetor

1º OFÍCIO DE NOTAS =
Rua Colina, 127 - Bela Marizante
RECEBIDO A FIRMA INDICADA.

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO DE NOTAS
JOÃO ARAÚJO FERREZ
TABELADO
RUA COLINA, 127 - BELA MARIZANTE

27/06/2006
RUA COLINA, 127 - BELA MARIZANTE

ESCOLA DE ENFERMAGEM

ALUNO: - HENRIQUE AUGUSTO DE MELO

NATURAL DE: - Alvinópolis - Estado de Minas Gerais

NASCIDO A: - 27 de maio de 1926

FILHO DE: - Benvido Augusto de Melo e Laurinda Monteiro de
OliveiraNOTAS DO EXAME VESTIBULAR

FÍSICA	8	(oito)	2ª cham.	14/3/64
QUÍMICA	7	(sete)	"	16/3/64
HISTÓRIA NATURAL (Biologia)	9	(nove)	"	13/3/64
PORTUGUÊS (Juntamente com o Teste Psicotécnico)	Aprovada			
TESTE PSICOTÉCNICO	Aprovada			

MÉDIA de Física, Química e História Natural ... 8 (oito)

Secretaria da Escola de Enfermagem da U.P.M.G.,

Belo Horizonte, 19 de agosto de 1968.

Escrevente datilógrafo,7

Conferir, _____

Escrevente datilógrafo,7

VISTO, _____

DIRETORA

ESCOLA DE ENFERMAGEM CARLOS CHAGAS

DA

FACULDADE DE MEDICINA DA UFMG.

CURRÍCULO ESCOLAR

NOME: Henrique Augusto de Melo

FILIAÇÃO: Benvido Augusto de Melo e Laurinda Monteiro de Oliveira

NATALIDADE: Alvinópolis - Estado de Minas Gerais

DATA DE NASCIMENTO: 27 de maio de 1926

INSTRUÇÃO ANTERIOR: Curso Científico pelo Colégio Afonso Celso,
concluído em 1959

INÍCIO DO CURSO: 5 de março de 1964

TÉRMINO DO CURSO: 15 de dezembro de 1966

<u>1º ano</u>	<u>Médias finais</u>	
Microbiologia.....	7,1	
Parasitologia.....	8,5	
Bioquímica.....	7,5	- 2ª época
História de Enfermagem.....	8	
Sociologia.....	7,5	
Farmacologia.....	7	- 2ª época
Saneamento.....	8,5	
Psicologia.....	7	
Fundamentos de Enfermagem.....	7,7	
Anatomia e Fisiologia.....	9	- 2ª época
Nutrição e Dietética.....	7	
Ética.....	9,7	
<u>2º ano</u>		
Enfermagem Médica inclusive Enf. em D. Transm.	7,6	
Enfermagem Cirúrgica inclusive C. Cirúrgico..	8,1	
Psicologia Evolutiva.....	8,7	
Higiene Mental.....	8,2	
<u>3º ano</u>		
Enfermagem em Obstetrícia e Ginecologia.....	7,8	
Enfermagem Pediátrica.....	7	
Deontologia.....	8	
Bioestatística.....	7	
Enfermagem Psiquiátrica.....	8,5	
Antropologia.....	9	
Administração aplicada à Enfermagem.....	7,8	

ESTÁGIOS1º ano

Fundamentos de Enfermagem

2º anoEnfermagem Médica inclusive Enfermagem em Doenças Transmissíveis
Enfermagem Cirúrgica inclusive Centro Cirúrgico3º anoEnfermagem Urológica
Enfermagem Pediátrica
Enfermagem Psiquiátrica
Administração aplicada à Enfermagem

Secretaria de Escola de Enfermagem Carlos Chagas da Fac.
da Medicina da UFMG., em 29 de dezembro de 1966Helvécio Pinheiro Fereira
Escrevente-détilógrafo, 7Confere Lygia de Lucio Guimarães
Escrevente-détilógrafo, 7Visto Anna Maria Corina Pereira
Diretora